



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

CILENE VALE DOS SANTOS

**SABERES SOCIOAMBIENTAIS E PROCESSOS
EDUCATIVOS QUE ORIENTAM A PESCA
ARTESANAL NO LAGO DO ARARÍ, NA VILA DE
JENIPAPO MARAJO/PA**



**Belém-Pará
2023**

CILENE VALE DOS SANTOS

**SABERES SOCIOAMBIENTAIS E PROCESSOS
EDUCATIVOS QUE ORIENTAM A PESCA ARTESANAL NO
LAGO DO ARARÍ, NA VILA DE JENIPAPO MARAJO/PA**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação – Mestrado, Linha de Pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia, do Centro de Ciências Sociais e Educação, da Universidade do Estado do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria das Graças da Silva

Belém-Pará

2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
Biblioteca do CCSE/UEPA, Belém – PA

Santos, Cilene Vale dos

Saberes socioambientais e processos educativos que orientam a pesca artesanal no lago do Arari, na vila de Jenipapo Marajó/PA /Cilene Vale dos Santos; Orientadora Maria das Graças da Silva. Belém, 2023.

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará. Programa de Pós-graduação em Educação. - Belém, 2023.

1. Comunidades tradicionais ribeirinhos. 2. Saberes socioambientais. Trabalho: Processos socioeducativos. 3. Trabalho na pesca artesanal. I. Silva, Maria das Graças (orient.). II. Título. CDD 23 ed. 305

Ficha catalográfica elaborada por Regina Ribeiro CRB-739

CILENE VALE DOS SANTOS

**SABERES SOCIOAMBIENTAIS E PROCESSOS EDUCATIVOS QUE
ORIENTAM A PESCA ARTESANAL NO LAGO DO ARARÍ, NA VILA
DE JENIPAPO MARAJÓ/PA**

Defesa de dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará – UEPA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Maria das Graças da Silva

Data de avaliação: ____/____/____

Banca Examinadora:

_____ - Orientadora

Prof.^a Dr.^a Maria das Graças da Silva
Doutora em Planejamento Urbano e Regional – IPPUR/UFRJ
Universidade Estadual do Pará/ UEPA

_____ - Membro externo

Prof. Dr. Rodrigo de Cássio da Silva
Doutor em Ciências Biológicas (Biofísica) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG/PR)

_____ - Membro Interno

Prof.^a Dr.^a Nazaré Cristina Carvalho
Doutora em Educação Física e Cultura
Universidade do Estado do Pará/UEPA

A Deus, meu protetor amado.

AGRADECIMENTOS

Aos meus amigos, companheiros e pessoas que desempenharam papéis significativos em minha jornada, expresso meus sinceros agradecimentos:

A meu pai (in memoriam), Antônio da Costa Vale, e minha mãe, Rita Martins França, agradeço por terem preservado a ancestralidade ribeirinha através dos gostos, sabores e histórias do universo vivido no município de Muaná, e por seu amor sempre presente.

A meus irmãos, Silvana, Márcio, Mauro e Sandra, dedico expressões de afeto.

A meu esposo, que sempre acreditou em mim e esteve ao meu lado em todos os momentos, agradeço por sua constante presença.

A minhas filhas, Kethelem Alice e Rita Lourene, a quem amo profundamente, e a meu amado Kzan Neto, que enche meus dias de alegria e amor, agradeço por fazerem parte da minha vida.

À comunidade de Jenipapo, agradeço por proporcionar o objeto de pesquisa desta dissertação, e aos pescadores e pescadoras - Antônio, Eder, Francisca, Marlene, Edésio, Oribaldo, Arisvaldo, Ederson, Aimar, Antonio Carvalho e Dionízio - agradeço por seu respeito e acolhimento.

Ao pescador Anderson Pereira do Egito, o carinho de me guiar pela Vila e ter a bondade de realizar pescaria com tarrafa.

À diretora da Escola Nossa Senhora do Brasil, Mariana Pamplona, sempre disposta a ajudar, e a todos os professores, expresso minha gratidão.

À minha turma da 1ª série de 1998, guardarei todos vocês no meu coração.

A minha orientadora, Maria das Graças da Silva, mulher competente e pesquisadora espetacular, destaque no cenário nacional pela temática territorial. Agradeço pelo capricho nas correções, pelas oportunidades, pela habilidade nas explicações e por ser exemplo de profissionalismo e humanidade.

Ao meu eterno professor, Joaquim Maia, agradeço por tudo: carinho, paciência, ensinamentos e por acreditar em mim, sempre com os braços estendidos para me abraçar.

Aos amigos da turma 16, que enfrentamos juntos um universo de pandemia, em especial às companheiras Dina, Luciane e Iolane.

Ao GRUPEMA, meu grupo de extensão, agradeço pelas oportunidades de aprendizado, dinamicidade e realizações. Especial agradecimento à amiga Alzira e aos amigos Francisco Diniz, Mailson e Rodrigo pelo acolhimento.

À professora Ivanilde Apoluceno, coordenadora do PPGED na época do meu ingresso, agradeço pelo respeito e dedicação à frente do curso de mestrado, assim como aos professores das disciplinas obrigatórias e eletivas, verdadeiros mestres.

Aos professores presentes na banca de qualificação, Flavio Bezerra e Nazaré Cristina, agradeço pelas valiosas contribuições ao meu projeto.

Às amigas Cris Farias e Orivalda Cerdeira, Giovanni Gama e Cynara, minha gratidão sincera.

Às amigas Leliane de Vasconcelos e Zilmilene Costa, agradeço por sua amizade e ajuda.

Aos amigos Paulo Gama, Nazaré, Rita de Cássia e Ana Dulce, expresse minha gratidão.

À professora Eusa Helena, obrigado por acolher e acompanhar-me nas entrevistas.

Cada um de vocês desempenhou um papel fundamental em minha jornada, e sou grata por todos os momentos compartilhados e apoio recebido.

As águas, meninos correndo na ponte, aliás, as pontes são inerentes a este lugar. São palafitas marca deste povoado[...] este povo tem enorme valor, são marajoaras acostumados ao frio e ao calor. Jamais duvide de quem tem coragem de enfrentar a terruada, a lama e o juquiri. Ah! Povo valente é este do Ararí!

Cilene Vale

RESUMO

A pesquisa busca contribuir com estudos relacionados a educação e cultura voltada para a temática processos educativos/culturais em ambiente não-escolar. Tem como fenômeno social de estudo 'Saberes Socioambientais e Processos Educativos no contexto da pesca artesanal. Orienta-se pela seguinte questão de pesquisa – Que saberes e práticas educativas encontram-se presentes nas relações de convivência de pescaria no Lago Arari (Vila de Jenipapo /PA)? De forma geral, objetivou-se cartografar os saberes socioambientais e socioeducativos inscritos nas experiências de trabalho da pesca artesanal no Lago Arari, que integra territorialmente a comunidade ribeirinha da Vila Jenipapo /PA, no estado do Pará. Para embasar teórico e conceitualmente as análises sobre saberes, trabalho, educação, relação ser humano com a natureza, buscou-se dialogar com alguns autores referencias, por meio da releitura de vários autores, entre eles, Freire (2015); Santos (2007); Brandão (2002); Silva (2007,2018). Frigotto (2009). Metodologicamente, optou-se por uma abordagem qualitativa, com realização de uma pesquisa de campo referenciada no método etnográfico. Para a produção dos dados utilizou-se como procedimentos, além da observação participante, a entrevista semi-estruturada. A sistematização e análise de conteúdo dos dados. A produção dos dados favoreceu a construção de uma cartografia de saberes que emergiram na organização de práticas de pescarias no Lago Arari/Pa. Espaço que viabiliza as práticas de trabalho e educação num constante envolvimento com a natureza. As práticas de trabalho informam e materializam a identidade local, pautadas no aprender-fazer da oralidade e observação constituem-se práticas de aprendizagem.

Palavras-chave: Comunidades tradicionais ribeirinhos. Saberes socioambientais. Trabalho: Processos socioeducativos. Trabalho na pesca artesanal.

ABSTRACT

The research seeks to contribute to studies related to education and culture focused on the theme of educational/cultural processes in a non-school environment. Its social phenomenon of study is 'Socio-environmental Knowledge and Educational Processes in the context of artisanal fishing. It is guided by the following research question – What knowledge and educational practices are present in the coexistence of fishery on Lake Arari (Vila de Jenipapo /PA)? In general, the objective was to map of the socio-environmental and socio-educational knowledge inscribed in the work experiences of artisanal fishing on Lake Arari, which territorially integrates the riverside community of Vila Jenipapo /PA, in the state of Pará. knowledge, work, education, human being's relationship with nature, we sought to dialogue with some reference authors, through the rereading of several authors, among them, Freire (2015); Santos (2007); Brandão (2002); Silva (2007, 2018). Frigotto (2009). Methodologically, we opted for a qualitative approach, carrying out a field research referenced in the ethnographic method. For the production of data, semi-structured interviews were used as procedures, in addition to participant observation. The systematization and analysis of data content. The production of data favored the construction of a cartography of knowledge that emerged in the organization of fishing practices on Lake Arari/Pa. Space that enables work and education practices in a constant involvement with nature. The work practices inform and materialize the local identity, based on the learning-doing of orality and observation, constitute learning practices.

Keywords: Traditional riverside communities. Socioenvironmental knowledge. Work: Socio-educational processes. I work in artisanal fishing.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização da Região do Ararí.	44
Figura 2 - Lago Ararí e a margem direita.....	45
Figura 3 - Descritores inseridos na plataforma.	57
Figura 4 - Mapa da Ilha de Marajó.....	62
Figura 5 - Município de Santa Cruz do Ararí-Região Insular do Marajó – Pa.....	63
Figura 6 - Santa Cruz do Ararí.....	65
Figura 7 - Santa Cruz do Ararí (vista da ponte da orla)	65
Figura 8 - Vista aérea de drone da orla de Santa Cruz do Ararí.....	65
Figura 9 - Região do Marajó.....	66
Figura 10 - Retiro de criação de búfalo.	67
Figura 11 - Búfalos pastando no Lago Ararí no verão	69
Figura 12 - Símbolo do tamuatá na Praça Matriz.	71
Figura 13 - Festival do Tamautá.....	71
Figura 14 - Vila de Jenipapo e a sinuosidade do Rio Ararí e vista do Lago Ararí.....	72
Figura 15 - Nascente do Rio Ararí.....	74
Figura 16 - Trapiche de Jenipapo de frente.....	75
Figura 17 - Trapiche no sentido de quem pelas pontes.....	75
Figura 18 - A imposição do inverno, o rio e pontes caminhos dos moradores de Jenipapo.....	77
Figura 19 - No verão outros caminhos dos moradores de Jenipapo.	78
Figura 20 - A igreja católica.....	80
Figura 21 - Saída da Santa da Paroquia de S. Pedro para Santa Cruz.	81
Figura 22 - Peregrinação da Santa da vila para Santa Cruz.	81
Figura 23 - Igreja Evangélica Assembleia de Deus.....	82
Figura 24 - Escola Nossa Senhora do Brasil.....	84
Figura 25 - Arena de futebol.....	85
Figura 26 - Bacia hidrográfica oriental do Marajó.....	86
Figura 27 - Localização de Jenipapo e Santa Cruz.....	87
Figura 28 - O Lago Ararí.....	87
Figura 29 - Vista do Lago Ararí no motor do Fernando.....	88
Figura 30 - Pescador despescando a malhadeira no Lago.....	90
Figura 31 - Travessia nas barragens no verão.....	94
Figura 32 - Malhadeira sendo preparada para a pescaria.....	97
Figura 33 - Tarrafa esticada para escorrer a água após uma pescaria.....	98
Figura 34 - Saberes da pesca.....	108
Figura 35 - Pescador jogando tarrafa no Rio Ararí.....	108
Figura 36 - Saberes da pesca com malhadeira.....	109
Figura 37 - Saberes da pesca com malhadeira e saberes.....	110
Figura 38 - Saberes intrínsecos à técnica de pesca com caniço e anzol.....	110
Figura 39 - O casco meio de condução do pescador.....	112
Figura 40 - Tamuatá na basqueta pronto para ser vendido.....	113
Figura 41 - Creche matupiri.....	117
Figura 42 - Pescador jogando tarrafa no Rio Ararí de cima da ponte.....	121
Figura 43 - Menino tarrafeando.....	122
Figura 44 - O pescador chegando da pesca.....	124

Figura 45 - Pescaria de cerco.....	124
Figura 46 - Desenhos que retratam a Rede de Cerco e Rede de emalhar.	126
Figura 47 - Pescador Dionizio entalhando malhadeira.....	127
Figura 48 - Dona Francisca com tarrafa chegando de uma pescaria	128
Figura 49 - Pescadora Marlene	128
Figura 50 - Menino passeando de casco na Vila de Jenipapo.	143
Figura 51 - Abrigo para os cascos na Vila de Jenipapo durante o verão.	144
Figura 52 - Motor no canal Tartaruga.....	146

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Sujeitos da pesquisa.	51
Quadro 2 - Resultados das buscas no repositório da UFPA.	57
Quadro 3 - Resultados das buscas realizadas no repositório do PPGED/UEPA.	59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACS	Agente Comunitário de Saúde
APA	Áreas de Proteção Ambiental
DCR-SCA	Documento Curricular Referência de Santa Cruz do Ararí
GRUPEMA	Grupo de Pesquisa em Educação e Meio Ambiente
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IDEFLOR-Bio	Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Estado do Pará
PA	Pará
PPGED/UEPA	Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Estadual do Pará
SEMED- SCA	Secretaria Municipal de Educação de Santa Cruz do Ararí
UC	Unidade de Conservação
UEPA	Universidade Estadual do Pará
Z-25	Colônia de Pescadores

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
1.1. Origem e motivação da pesquisa	17
1.2. Contexto socioambiental da pesca artesanal no Lago Ararí.....	24
2. REFERENCIAL TEÓRICO CONCEITUAL DE ANÁLISE.....	34
3. CAMINHADA METODOLÓGICA.....	44
3.1. O território da pesquisa, procedimentos metodológicos, abordagem, tipo de pesquisa.....	44
3.2 Os sujeitos da pesquisa	50
3.3. Trabalho de campo e técnica de produção de dados	52
3.4. Sistematização e análise dos dados	54
3.5 Estado do conhecimento.....	56
4. CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-TERRITORIAL DO AMBIENTE DA PESQUISA ...	62
4.1. O arquipélago do Marajó/Pará.....	62
4.2. Santa Cruz do Ararí.....	64
4.3. Aspectos econômicos	66
4.3. Aspectos culturais	70
4.4. Vila de Jenipapo e suas singularidades sócio territoriais.....	71
4.5. A Religiosidade na Comunidade.....	79
4.5.1. A Igreja Católica	79
4.5.2. A Igreja Evangélica Assembleia de Deus.....	81
4.6. A Educação.....	83
4.7. Caracterização do Lago Ararí.....	86
5. A PESCA ARTESANAL NA AMAZÔNIA MARAJORA	89
5.1. A pesca no contexto do ecossistema marajoara e da pluralidade Amazônica	89
5.2. As territorialidades da pesca artesanal no Lago Ararí.....	92
5.3. A organização das práticas de pesca artesanal	95
6. SABERES E PROCESSOS EDUCATIVOS INSCRITOS E/OU QUE ORIENTAM A PESCA ARTESANAL	100
6.1. Saberes ecológicos: uma sabedoria aprendida com as ancestralidades .	101
6.2. Saberes socioambientais que orientam a pesca artesanal	102
6.3 Saberes do sentido da atenção.....	104
6.4. Saber procurar lugar onde pescar	106
6.5. Tipos pescaria e saberes envolvidos	107
6.6. Saberes técnicos sobre a pesca no Lago	111
6.7. Saber da pesca do tamuatá	112

6.8. O saber da pesca do matupiri	116
6.9. O saber da pesca do Apaiarí	117
6.10. Saberes sobre a dinâmicas das marés e tipos de práticas de pesca	119
6.11. Saberes da pesca no bacedo	119
6.12. Saber sobre a pesca com Tarrafa	120
6.13. Saber sobre a pesca com malhadeira	123
6.14. Saberes das mulheres pescadoras.....	127
7. CONEXÕES ENTRE SABERES DA PESCA ARTESANAL NA REGIÃO DE CAMPOS DE MARAJÓ- LAGO ARARÍ E PROCESSOS EDUCATIVOS.....	130
7.1. A pescaria no lago e os saberes que orientam o seu ritual Pedagógico ..	130
7.2. Os saberes que circulam e conformam identidades culturais da Vila dos pescadores	131
7.3. A organização associativa dos pescadores e pescadoras.....	133
8. CONEXÕES ENTRE A PESCA ARTESANAL NO LAGO ARARÍ SABERES SOCIOAMBIENTAIS, VALORES E IDENTIDADE CULTURAL.....	135
8.1. Saberes que circulam e conformam identidades culturais da Vila dos pescadores	137
8.2. Valores que conformam a relação ser humano natureza no contexto do Lago Ararí.....	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS	148
REFERÊNCIAS.....	150
APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	158
APÊNDICES B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	159
APENDICE C – GLOSSÁRIO.....	161

1. INTRODUÇÃO

A peculiaridade do Marajó está mesmo neste fato de ser algo diferente, único [...] O tempo nosso é feito de espera.

(Padre Giovanni Gallo)

1.1. Origem e motivação da pesquisa

A Amazônia brasileira possui um vasto território que abriga inúmeras riquezas e os denominados povos dos rios e da floresta. É detentora do maior rio de água doce e da maior bacia hidrográfica do mundo, além de uma fauna e flora abundantes. Devido a essa biodiversidade e especificidade de riquezas naturais, o território amazônico desperta o interesse de diversos setores econômicos e de capital estrangeiro. Desde a época da colonização, a região tem sido alvo de cobiça econômica por parte daqueles que possuem capital financeiro, devido às riquezas naturais, incluindo reservas florestais, pastoris, madeireiras etc.

Nesse contexto, é possível destacar a crescente dominação do capitalismo e o encobrimento do outro, ou seja, a subjugação dos povos tradicionais, habitantes da região e detentores de saberes milenares. Dentre os povos que habitam a Amazônia, destaca-se neste trabalho a comunidade da Vila de Jenipapo, localizada na região insular do Marajó, no estado do Pará.

Comumente, essa região insular é lembrada como uma paisagem fantástica, devido às suas belezas naturais, como se existisse apenas um único Marajó. Entretanto, é importante reconhecer a existência de outras paisagens no Marajó, que, embora não sejam exóticas, são formatadas por expressões de esperança. Geralmente, essas paisagens são marcadas por palafitas às margens de seus rios.

Assim, se geograficamente não é mais possível falar em ilha, pois cada um dos 16 municípios da região é conformado em muitas ilhas, historicamente o uso do termo reafirmou isolamentos e formas de dominação de suas paisagens e populações. Para essa interpretação, seguimos orientações do “olhar político” de Beatriz Sarlo (1997) que, ao interrogar convenções e discursos da tradição oficial, muitas vezes incorporados por habitante de fora e de dentro da região, abre possibilidades para reconhecer a estratégica importância assumida pelos Marajós em seus variados tempos históricos, com destaque para

a produção de saberes, tradições orais, alimentos, mão-de-obra e artesanias que sustentam a vida e a cultura amazônica (PACHECO; SILVA, 2015, p. 2015).

Em diversos contextos e oportunidades, ao falar dessa região insular composta por 16 municípios e ao destacar a Vila de Jenipapo, pertencente à cidade de Santa Cruz do Ararí, era recebida com atitudes de espanto e desconhecimento por diversas pessoas. Diferente da credibilidade atribuída às cidades de Soure, Salvaterra e Cachoeira do Ararí, por grande parte da população em Belém, capital do Pará. Tal situação pode indicar a prevalência, no imaginário das pessoas, da ideia de que há apenas um único Marajó, abrangendo apenas as três cidades mencionadas.

Essas evidências apontam os Marajós, região onde habita uma população de mais de 500 mil habitantes, como multifacetados, construídos por grupos sociais diferentes que, em épocas distintas, ergueram os pilares materiais e imateriais para sustentar o que, hoje, compreendemos como seus patrimônios culturais. Do ponto de vista de uma economia do trabalho, diferenças e semelhanças entre Marajó das Florestas e Marajó dos Campos traduz uma região de florestas onde predominou as drogas do sertão sob o trabalho de variadas nações indígenas, duramente exploradas e exterminadas, a produção da farinha, a cultura seringueira com a contribuição de migrantes nordestinos, muitos deles descendentes de negros escravizados, os quais ajudaram na conformação da mão de obra local. Com o correr dos tempos, intensificou-se a extração da madeira, coleta do açaí, entre outras atividades. Já os campos, inicialmente sustentados pela força do trabalho indígena, recebeu expressiva presença negra com o comércio do gado vindo de Cabo Verde no século XVII e o nascimento das fazendas, assim como pesqueiros em águas doce e/ou salgada, roças, plantações e extração de culturas diversas como madeira, açaí, entre outras (PACHECO; SILVA, 2015, p.99).

Para Pacheco e Silva (2015), o Marajó apresenta múltiplas faces e saberes diferenciados. Essa região, primeiramente, foi conformada pelo trabalho para obtenção das drogas do sertão e, com o passar dos tempos, outras formas de trabalho foram absorvidas, constituindo diversas culturas. O trecho do poema de Giovanni Gallo, na epígrafe dessa introdução, evidencia a peculiaridade da Amazônia: a pluralidade e a diversidade de contextos. Cada lugar é único, pois apresenta especificidades e, por isso, carrega em si o potencial de ser estudado.

Quando mudei de Belém para residir no município de Santa Cruz do Ararí, fiquei extasiada com as peculiaridades locais. Foi assim que surgiu no meu caminho a Vila de Jenipapo, inserida no território do Lago Ararí, e isso trouxe várias indagações e

reflexões a respeito da forte impressão causada pelo cenário das palafitas e a contemplação do Lago. O novo mostrou-se desafiador.

Essas considerações sobre a nova realidade guardam relação com a minha vida pessoal, profissional e acadêmica, pois criaram em mim motivações para realizar essa pesquisa. Dessa maneira, abordei o universo amazônico e ribeirinho a partir da perspectiva pessoal, associada às minhas memórias afetivas, por considerar que o ato de recordar e lembrar envolvem sentidos da memória, pois:

[...] a lembrança de uma sensação é capaz de sugerir essa sensação, ou seja, de fazê-la renascer, fraca primeiro, mais forte em seguida, cada vez mais forte à medida que a atenção se fixa mais nela” (BERGSON, 2006, p. 51).

Desta maneira, as sensações promovidas pelo contato com a cultura do interior possibilitaram lembrar e sentir minha origem ribeirinha, uma ancestralidade fincada nas matas, rios e igarapés. Sim, sou uma das vozes ribeirinhas que ecoam de dentro dos cascos¹, passando em frente às casas, saudando as pessoas; faço parte do universo da esperança presente na correnteza do rio e nos remansos² dos igarapés, na tipitinga³ misturada nas águas e presentes nas canelas tuíras⁴.

Também guardo o sentimento da crença da mulher, do negro, do barreirense⁵, do povo da favela e de tantos da periferia de Belém que têm a esperança. Sou o resultado de uma luta por querer estudar e, mesmo diante de tantas impossibilidades, que quase sempre se apresentavam, uma força maior crescia em mim, a certeza de conseguir. Sim, sou o vento passando pelas florestas de Muaná, também a vida e a voz de minha família estendidas em mim.

Entre essas trajetórias, lembranças foram revitalizadas de dois momentos de grande alegria: o primeiro era a felicidade de chegar à casa de meus avós paternos, residentes na cidade de Muaná, e o abraço carinhoso e profundamente amoroso dos avós, tios e tias. O outro era a chegada ao sítio no baixo rio Muaná. Tudo isso

¹ Cascos: Embarcação miúda com duas velas triangulares e reforçada com embono ('viga de madeira leve) ao longo da borda.

² Remansos: porção mais ou menos considerável de água que, no mar ou num rio, penetra em recorte curvo do litoral ou da margem e forma uma espécie de pequena enseada tranquila

³ Tipitinga: adjetivo masculino e feminino [Regionalismo: Norte] barrento, turvo, mas esbranquiçado. Etimologia (origem da palavra tipitinga). Do tupi tipitinga, turvo.

⁴ Tuíras: Significado de Tuíra adjetivo masculino e feminino [Regionalismo: Norte] Pardo, cinzento

⁵ Barreirense: morador do Bairro do Barreiro em Belém/Pa.

evidencia os meus tempos de menina, quando observava os matapis⁶ secando ao sol e o seu manuseio por parentes coletores de camarão.

Nesse contexto afetivo, enquanto a maioria das crianças brincava, outras, mais curiosas, perguntavam aos tios e primos: como o camarão entra no matapi? Incluí-se também nessas memórias os cacuris⁷ e as malhadeiras⁸, apetrechos de pesca, que sempre eram objetos de muitos questionamentos nas minhas férias ao interior de Muaná, município integrante da região Insular do Marajó, no estado do Pará. Território conformado por floresta, enchentes e vazantes das marés, pela abundância das frutas do mato, pelas safras do açaí e do camarão.

O segundo aspecto para a motivação desta proposta de pesquisa refere-se à dimensão profissional e coincide com a minha mudança de Belém para o município de Santa Cruz do Ararí no ano de 1998. Meu esposo é oriundo do lugar e, por motivos afetivos, desejava ficar perto da família; também por ter recebido proposta de emprego, resolveu retornar. Nessa ocasião, fui contratada para trabalhar como professora e, desse modo, assumi a minha primeira turma, no então Ensino Fundamental. As aulas realizavam-se no barracão da Igreja Católica na Vila de Jenipapo⁹, no Marajó, pois a Escola Nossa Senhora do Brasil estava sendo construída. Nesta comunidade, morei por dois anos. Estava feliz por ser professora, um sonho de menina tornado em realidade.

Foi no exercício profissional que comecei a observar o contexto territorial no qual os alunos estavam inseridos na Vila ribeirinha de Jenipapo e questionava comigo mesma a respeito dos saberes, dos conhecimentos que faziam parte das práticas dos pescadores: os saberes sobre a dinâmica eram surpreendentes, as experiências destes trabalhadores em lidar com o Lago conformavam uma outra relação do ser humano com a natureza, diferenciando-se daquelas do contexto urbano.

O Lago Ararí tornou-se parte de várias observações e foi alvo de profunda admiração por apresentar cenários distintos daqueles que até então estavam presentes na memória e nas experiências vividas em Muaná e em Belém. Esse lugar

⁶ Matapis: Armadilha cilíndrica, confeccionada com tala de miriti, utilizada para capturar camarão nos rios da Amazônia.

⁷ Cacuri: Armadilha feita com talas grandes para capturar peixes

⁸ Malhadeira: Rede de pesca, principal apetrecho empregado na pesca pelos ribeirinhos da região Amazônica.

⁹ A Vila de Jenipapo: Localiza-se no Município de Santa Cruz do Ararí/Campos de Marajó/PA.

apresentou contrastes perceptíveis nas cheias e na seca, promovidos pela natureza e pela convivência do ser humano, resultando em um envolvimento socioambiental na relação homem/natureza.

As relações construídas nesse convívio socioambiental mantêm um envolvimento com o sujeito que habita a região como um ser humano portador de saberes e provedor de conhecimentos. Assim, comecei a ver o Lago Ararí não apenas como um espaço físico-geográfico, mas sobretudo como um lugar de experiências, saberes e vivências, pois nele percebia um movimento identitário que destacava o povo e suas formas de conviver com a sazonalidade imposta pelo período chuvoso e pela seca, sabendo sobre a incidência de animais da região, a grande variedade de peixes e a abundância do tamuatá, peixe destaque do lugar.

Todo esse universo de conhecimentos vivenciados em dois anos não saiu de mim e passou a fazer parte das minhas inquietações pedagógicas: Por que esses conhecimentos não eram aproveitados na sala de aula? Quando fui transferida para a cidade de Santa Cruz do Ararí¹⁰, no ano de 2000, levei essas indagações comigo. Na sede municipal, na Escola Perpétuo Socorro, atuei por quinze anos como docente. Ao longo desse período, realizei diversas pesquisas com alunos do Fundamental I e II, entre elas: informações sobre os poetas locais, a fauna e a flora do lugar, a história de Santa Cruz do Ararí, o Lago Ararí, os tipos de barcos, etc. Com esse contato, realizei diversas atividades escolares, como a organização de grupos de estudo, equipes de trabalho, pesquisas em sites, biblioteca da cidade, entrevistas com moradores, etc.

Essas atividades foram realizadas para que os alunos reconhecessem a cultura do seu município e percebessem a importância de pertencer a uma comunidade com tanta riqueza cultural. Com essas vivências escolares, foi possível escrever o livro sobre a cultura de Santa Cruz do Ararí, sob o título “Amar amor por ti, coração do Marajó, Santa Cruz do Ararí”, de minha autoria, que revela um aprendizado na cultura de um povo.

Toda essa experiência pedagógica permitiu reflexões para sustentar a decisão de escolher como temática para minha pesquisa do mestrado em educação os saberes dos pescadores artesanais da Vila de Jenipapo. As questões que haviam sido

¹⁰ Santa Cruz do Arari: é um município brasileiro do estado do Pará. Localiza-se a uma latitude 00°39'48" sul e a uma longitude 49°10'30" oeste, estando a uma altitude de 6 metros. Sua população estimada em 2016 era de 9.635 habitantes. Possui uma área de 1079,579 km².

suscitadas em 1998 ainda se faziam presentes nos pensamentos e confrontavam-me agora com a realidade vivenciada. Elegi a temática como importante para ser abordada no mestrado e por ser portadora do potencial de problematizar a realidade em questão e possibilitar a construção de aproximações entre os campos teórico-conceitual e o campo empírico, assim como por considerar a relevância e contribuição que a pesquisa podia trazer para uma compreensão mais alargada das singularidades e especificidades dessa realidade amazônica.

Em relação ao aspecto acadêmico, considero o ingresso em um curso de mestrado sempre foi um sonho guardado comigo e lutei para poder realizá-lo. Passar no *lato sensu* para todos aqueles que vêm de origem ribeirinha, das classes trabalhadoras e da periferia, em geral, é um ato difícil e cheio de desafios, comigo não foi diferente. Em março de 2020, iniciei as aulas do mestrado UEPA de forma presencial, contudo essa presença durou pouco, apenas duas semanas e logo em seguida fomos surpreendidos pela crise sanitária, ou seja, a pandemia causada pelo novo coronavírus, e durante o restante do ano de 2020 não houve aula.

Neste cenário de crise e profunda incerteza aconteceu minha inserção, a partir do convite da minha orientadora professora Doutora Graça Silva, no Grupo de Pesquisa em Educação e Meio Ambiente (GRUPEMA), no contexto do qual pude participar de leituras indicadas e da promoção de encontros virtuais para debater as temáticas indicadas nas leituras. Esses espaços acadêmicos foram fundamentais, pois contribuíram para a formação e desenvolvimento enquanto pesquisadora.

Em suma, referencio a minha inserção no GRUPEMA como de vital relevância para o embasamento da pesquisa, pois, participando desse Grupo, tive a oportunidade de ter acesso a referenciais teóricos importantes, que abordavam temáticas relacionadas aos saberes culturais, modos de vida tradicionais e práticas de trabalho no contexto de suas relações com a natureza, resultando em uma compreensão mais alargada e fundamentada do fenômeno social proposto nesta pesquisa.

Em janeiro de 2021, as aulas foram retomadas de forma remota. Nessa oportunidade, tive acesso a outros conteúdos, cujas abordagens foram importantes no sentido de subsidiar o trabalho de construção do objeto de estudo, apontar novas possibilidades e ampliar o horizonte da pesquisa.

Nessa retomada das atividades e por estar inserida em novo contexto territorial, pois já estava morando em Salvaterra, estado do Pará, devido ter passado no

concurso público e sido nomeada professora da Educação Básica, tive a oportunidade de mudar o território de pesquisa e rever o fenômeno social de estudo, focando então na realidade desse novo município, e resolvi ficar com os saberes dos pescadores artesanais que atuam no Lago Ararí.

No contexto dessa nova realidade socio-territorial, foi possível constatar as vivências cotidianas dos alunos do ponto de vista prático, com outros saberes diferentes daqueles impostos e cobrados nos currículos escolares. Para Oliveira (2015, p. 2):

[...] apesar da evolução do conhecimento científico, faz-se necessário a valorização do saber popular, pois não podemos esquecer que, por séculos, o conhecimento popular e tradicional serviu para subsidiar nas necessidades mais cotidianas (OLIVEIRA, 2015, p. 2).

Vale destacar a existência de outros saberes, no caso, os saberes dos pescadores, que não têm o mesmo reconhecimento e visibilidade daqueles trabalhados no ambiente escolar, que desfrutam do apoio e status da ciência moderna. Assim, nesse contexto das territorialidades do Lago Ararí, fui tecendo reflexões, as quais permitiram a elaboração de questionamentos que pareciam sem respostas.

Frente aos diversos questionamentos e a perspectiva de construir interações com o contexto ribeirinho da Vila de Jenipapo, assumi como pressuposto que só é possível novas descobertas quando temos a coragem de perguntar e lançarmo-nos na busca por outras respostas que nos permitam reconhecer o outro, diferente de mim, e que possam trazer novas informações. Seguindo essa lógica, Freire e Faundez (1985, p. 27) reconhecem a pergunta como um ato de criação e que “a existência humana é, porque se fez perguntando, à raiz da transformação do mundo. Há uma radicalidade na existência, que é a radicalidade do ato de perguntar”. Assim, os diversos questionamentos diante desse contexto ribeirinho possibilitaram a percepção da beleza e criação com a finalidade de transformar.

Foi em contato com esse mundo ribeirinho, portanto, que permitiu reconhecer a existência de saberes associados às práticas de trabalho no território do Lago Ararí e fazem parte de minha vida à medida que, por meio da prática docente, experienciei das vivências desse povo, assim como, por meio da realização dessa pesquisa, participei do cotidiano dos pescadores artesanais, que praticam suas atividades de

pesca no Lago, não apenas olhando e colocando em prática as técnicas da antropologia.

Particpei como morador que bebeu a água da chuva no inverno, carregou água do rio no verão e colocou cloro para separar a lama da água. Sou a professora que, toda segunda-feira, enfrentava o Lago para ensinar na Vila de Jenipapo e, nas sextas, no período da tarde, retornava para Santa Cruz do Ararí. Nesse percurso, diversas vezes chorei, com os temporais que se formavam de repente e deixavam as ondas fortes; outras vezes, aproveitando as travessias na calmaria, via oportunidade para reflexões, e algumas delas estão contidas nesse texto. Elas nasceram ao atravessar cerca de 60 minutos (ida e volta) toda semana o Lago Ararí.

Toda essa experiência de ter convivido nesse ambiente e perceber a força dos saberes se constituíram mola mestra para seguir e escrever sobre esse lugar marcado na minha trajetória de vida. Os sujeitos da pesquisa são pessoas que conheci no meu trajeto de idas para a escola, os encontrava pelas pontes ou passava pela frente da casa deles. São pescadores e pescadoras, pais, avós e outros parentes dos meus alunos.

Os aspectos pessoais, profissionais e acadêmicos relatados indicam a origem e motivação desta proposta de pesquisa, e com eles posso classificar este percurso como uma caminhada profundamente dotada de expectativas e sonhos. O tempo correu em seu fluxo normal, e pude participar de estudos e debates sobre saberes ambientais, populações tradicionais, práticas e experiências de trabalho, que têm se constituído em subsídios de pesquisa no processo de construção desta dissertação de mestrado em educação.

1.2. Contexto socioambiental da pesca artesanal no Lago Ararí

Nas territorialidades em que se inserem as comunidades tradicionais da Amazônia paraense e marajoara, é possível localizar a Vila de Jenipapo. Sobre esse lugar, Gallo (1997, p. 63) menciona no livro “Marajó: a ditadura da água”: “todo mundo sabe que existe o Marajó [...] poucos estão a par da presença de Jenipapo (o qual está localizado na boca do Lago)”.

A Vila de Jenipapo e o Lago fazem parte da pluralidade territorial que existe e resiste na Amazônia, e conformam-se como um lugar de povos tradicionais dotados de saberes. Esses povos desenvolveram, ao longo de gerações, conhecimentos

específicos sobre o ambiente em que vivem, incluindo o manejo sustentável dos recursos naturais e a convivência harmoniosa com a natureza.

Nesse contexto, os moradores da Vila de Jenipapo, assim como outros povos ribeirinhos, compartilham saberes que vão além dos aspectos meramente técnicos, abrangendo uma profunda conexão com o meio ambiente e uma rica cultura local. Esses saberes são transmitidos oralmente e incorporam práticas ancestrais, tradições, rituais e formas de organização social que caracterizam a identidade dessas comunidades.

[...] a dinâmica cotidiana dos povos marajoaras é profundamente marcada por saberes ancestrais que articulam humanidade e natureza de uma forma que favorece a manutenção de suas relações sociais, simbólicas, práticas religiosas e modos de subsistência (PACHECO; SILVA, 2015, p. 101).

No entanto, é importante destacar que esses povos tradicionais enfrentam diversos desafios, como a pressão do avanço do capital estrangeiro e dos interesses econômicos, que ameaçam suas terras e recursos naturais. A preservação desses saberes é fundamental para a manutenção da diversidade cultural e ambiental da Amazônia, bem como para garantir a continuidade dessas comunidades e seus modos de vida.

Diante desse cenário, é essencial valorizar e reconhecer a importância dos saberes tradicionais presentes na Vila de Jenipapo e em outras comunidades amazônicas, buscando promover ações que fortaleçam a proteção de seus territórios e a valorização de sua cultura, de modo a assegurar a sustentabilidade e a preservação desse patrimônio cultural e ambiental para as gerações futuras.

Segundo Pacheco e Silva (2015), os saberes se entrelaçam com a humanidade e a natureza em relações que remetem aos modos de vida e indicam a “ancestralidade”, expressando-se nas experiências e processos educativos. Esses saberes necessitam de um olhar mais prolongado, mas, neste tempo corrido, os conhecimentos ribeirinhos merecem destaque devido à singularidade de sua experiência.

[...] possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toques, requer um gesto de interrupção, um gesto, quase impossível nos tempos atuais: requer parar para pensar, parar para olhar, [...] cultivar a arte do

encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p. 24-25).

Cabe ressaltar a percepção no contexto do Lago Ararí: os saberes locais são quem movimentam a dinâmica da pesca. Foi possível ir construindo uma tessitura, um emaranhado de conhecimentos, ora decorrentes do ato de observar o cotidiano, ora do participar das vivências locais. Lembro-me de quando ia trabalhar na Escola Nossa Senhora do Brasil e observava os movimentos do cotidiano da Vila enquanto percorria as pontes altas, percebia as pontes feitas de flexais e admirava os caminhos de palafitas, obra da engenharia local.

Outro aspecto relevante era o contato em sala de aula com os alunos e os saberes que eles tinham sobre a cultura do lugar. Todo esse movimento me fez pensar sobre a educação. Uma educação que precisa considerar o entorno, desde a fala simples do pescador até o deslocar das pessoas, das canoas, das águas e da vida local, como forma de adaptação estabelecida nas relações e nuances do ser humano com a natureza.

Reconheço que o encontro com a teoria apresentada nas diversas disciplinas estudadas no mestrado permitiu a percepção do quanto havia acertado naquele tempo em que fui professora. Assim, a participação nas aulas do Mestrado e a mediação dos professores me permitiram estudar sobre os saberes científicos e deparar-me com a existência de outros saberes, como os socioeducativos e ambientais em experiências de trabalho das comunidades ribeirinhas. Isso permitiu pôr em discussões e análises as dimensões que evidenciavam o meu objeto de estudo, uma singularidade expressa na especificidade relativa ao território de ocupação dos habitantes.

O Lago Ararí situa-se num lugar de nascimento de explosão de vida, o que implica em destacar uma diversidade de formas de convívio com a natureza que, associadas a esses fatores espaciais da região, abriga e fornece os meios existenciais aos pescadores artesanais, sujeitos dotados de saberes e conhecimentos que nos usam como ferramentas para garantir o sustento de seus grupos familiares.

Trata-se de saberes que decorrem no tempo e no espaço, imbuídos de sentimentos e emoções associados à questão da subsistência humana, ao alimentar-se, à busca para atender essa necessidade que faz o humano existir neste cenário de trabalho.

A este respeito, Silva (2018) esclarece que as comunidades ribeirinhas buscam os produtos que a natureza oferece para suprir suas necessidades e são promovidas por meio de práticas produtivas, pois se firmam em uma relação direta com a natureza, e com isso, garantem a existência da comunidade e de seus grupos familiares. Nota-se nesse contexto de convivência com a natureza que os sujeitos rurais-ribeirinhos dão conta da formação humana, pois são dotados de conhecimentos que, no caso das comunidades tradicionais amazônicas, quase sempre se valem de saberes de origens ancestrais repassados oralmente ao longo das gerações, resultando em saberes essenciais para a produção da existência.

Frente a esse universo em que se configura o território do Marajó e o encontro com novos saberes na Vila de Jenipapo, no contexto da Amazônia paraense, passei a ter a percepção sobre um modo de vida que está ligado diretamente à natureza, cuja produção da existência se efetiva no entrelaçamento do ser humano com os diferentes ecossistemas que a formam, e nesse contexto, novas compreensões foram sendo construídas.

Diante dessa realidade, também passei a indagar sobre o conceito de comunidade: a comunidade é diferente? O que essencialmente caracteriza a comunidade? No caso da Vila de Jenipapo, é a vida real e orgânica que liga os seres humanos, fazendo-os se firmarem reciprocamente. As relações estabelecidas são pautadas pelos graus de parentesco, relações de vizinhança e amizade, e configura-se como tudo aquilo que é pontilhado, íntimo, vivido exclusivamente em conjunto, será entendido como a vida em comunidade (LIRA; CHAVES, 2016).

Com base nesse conceito, é possível constatar que as relações estabelecidas na Vila de Jenipapo são de parentesco e/ou de vizinhança. Segundo Vieira (2013, p. 7), para quem “o parentesco é um ponto importantíssimo na vida dos moradores da Vila, seja na relação de compra e venda, seja na construção de novas casas, pois os moradores mais antigos se dizem herdeiros daquela terra”.

O que conforma uma comunidade onde todos se conhecem e a maioria são parentes próximos. Desta maneira, a convivência e o conhecimento com a nova realidade dos povos tradicionais, em especial os moradores da localidade, ocasionaram certo estranhamento diante de tantas particularidades.

Na Vila de Jenipapo, chamam atenção a fauna e a flora, as palafitas (uma criação e adaptação de arquitetura do ser humano para fugir das cheias), o pescador, os motores, os fatores abióticos (águas, solo, luz, atmosfera). Enfim, diversos

componentes da natureza e construção humana são encontrados nesse contexto ribeirinho. Em relação à pescaria e sua vitalidade, destaquei como mais relevante o Lago Ararí, um ecossistema lacustre dotado de grande importância para toda a região, e esse fator foi o mais relevante para elegê-lo como referência territorial dessa pesquisa.

Além disso, o fato de o Lago apresentar em sua dinâmica uma sazonalidade peculiar na região insular do Marajó, ao evidenciar duas estações bem definidas: a primeira refere-se ao período da cheia compreendido de janeiro a junho, o denominado inverno amazônico; e a segunda evidenciada no período da seca que ocorre de julho a dezembro, a chamada estação do verão, período de mudanças físicas nas paisagens do lago.

No período sazonal caracterizado como a época da cheia, período que assume uma representação da fartura, da abundância e a busca pela subsistência torna-se mais acessível, porque o peixe é encontrado com facilidade e com a mesma habilidade é comercializado nas margens do Lago. Em outros momentos o peixe é vendido em cambadas (um fio em que se enfia cerca de cinco a oito peixes pela guelra) para serem comercializados de casa em casa.

O pescado extraído do Lago tem propriedades de satisfazer as necessidades humanas, o que evidencia também um esforço que denota no trabalho dos pescadores em ir à procura do alimento, esforço representado em acordar cedo, pôr a malhadeira no Lago e ter os horários para despescar. Não obstante a importância da categoria trabalho desde os primórdios do pensamento social, um conjunto significativo de pensadores, anteriores ao nascimento da sociologia, já destacava o trabalho como um elemento central e de grande importância para o entendimento do indivíduo na vida social (CARDOSO, 2008, p. 2).

Dessa maneira, por meio da lida diária, os pescadores conseguem realizar diversas tarefas que resultam em saberes, e isso torna-se evidente nas ocasiões de ida para a pesca. Para realizar essas ações, faz-se necessário esforços presentes na concretização do trabalho cotidiano. Segundo Lima (2018, p.102):

Nesse processo de trabalho o ser humano com todo o seu ser: corpo, mente e a sensibilidade do saber-fazer as coisas de “pescador” se correlacionam com a natureza, com sua força, com seu tempo, mutando-se e transformando o meio em que vive (LIMA, 2018, p. 102).

Assim, quando o pescador utiliza os apetrechos de pesca no território do Lago Ararí, para desenvolver suas atividades, ele aciona saberes que estão associados ao ato de acordar cedo e ir, seja no inverno ou no verão, ao Lago e realizar o manuseio dos seus instrumentos de pescaria. Tudo isso evidencia o esforço humano para a realização nos tempos impostos pela natureza e o envolvimento do ser humano com a natureza.

O “tempo natural” abordado por Nascimento (1995) pode ser associado ao tempo em que as tarefas são desenvolvidas pelos pescadores na Vila de Jenipapo. Os diferentes afazeres realizados por eles são diferentes do tempo e das relações estabelecidas na fábrica dos centros urbanos, cujo tempo e relações são marcados pelas horas de entrada e saída, a produtividade é cobrada ao nível máximo; há uma fragmentação da produção, um corta, outro costura, ou seja, as tarefas são distribuídas num ritmo disciplinar, os quais seguem o tempo do relógio.

Para os pescadores na Vila de Jenipapo, a vivência diária segue o tempo natural, bem representado nas imposições das dinâmicas sazonais: no inverno, época das cheias, a ida em busca do alimento é mais rápida, porém, no verão isso se torna mais difícil porque, devido às situações de seca, os locais para pesca se tornam mais distantes, uma dificuldade causada pela estiagem e a ocorrência da seca no Lago.

Devido a essa situação, os pescadores também enfrentam grandes distâncias para pescar e nessa ida acabam adentrando em terras de fazendeiros para buscar o pescado. Nessas terras, os lagos e igarapés têm suas águas represadas para não escoarem de uma vez. Trata-se de canais criados e represados pelos grandes proprietários, tendo como função guardar a água para o gado beber durante o período de estiagem. Infelizmente, as idas às terras dos fazendeiros nem sempre são realizadas de forma pacífica e quase sempre há conflitos. Isso faz refletir sobre a situação de disputa marcada no território, destacada por Fernandes (2008, p. 201).

O sentido da disputa está na essência do conceito de território, que contém como princípios: soberania, totalidade, multidimensionalidade, pluriescalaridade, intencionalidade e conflitualidade, e poder, princípios evidenciados nos contrastes existentes entre os seres humanos sem propriedades e os grandes proprietários detentores de grandes hectares de terras.

Dessa maneira, quando ocorrem os pedidos de permissão para a entrada dos pescadores para pescarem os peixes represados no período do inverno, residem relações de poder. Mesmo com o perigo de serem abordados por pistoleiros, ainda

assim, existem pescadores que não pedem permissão e adentram tais espaços, e isso acaba resultando em conflitos.

Segundo Cabral (2017), os embates territoriais na ilha de Marajó não se configuram como novidade e remontam ao período da monarquia, no tempo em que foram cedidas terras de sesmarias pela então coroa portuguesa, configurando-se assim como as realizações para o controle de terras.

O território em contexto do Lago Ararí é marcado por outros grandes contrastes; as palafitas deixam transparecer a ausência de políticas públicas. Ainda que se possa reconhecer um saber da ancestralidade uma vez que as palafitas se configuram como formas de adaptação do ser humano em seus processos de sobrevivência em lugares marcadamente sofridos pelas variações de sazonalidade climática. É possível constatar no posto de saúde além da ausência de médicos, a falta de medicamentos necessários, e diversas vezes o atendimento é realizado na cidade de Santa Cruz do Ararí.

É neste contexto que se evidenciam os saberes dos pescadores, pautados no conhecimento do lugar, o cuidado na hora de pôr a malhadeira, definição do local propício à pesca, ou seja, saberes que lhes possibilitam a irem em busca do peixe, tanto no inverno quanto no verão. De acordo com pescadores, por meio do cheiro de pitiú¹¹ sabem em que parte do lago encontrarão o peixe.

Trata-se de conhecimentos recebidos de outras gerações, dos mais velhos e dos familiares, relações estabelecidas por parentesco e afinidades, e que repercutem em aprendizagens que se processam entre as gerações, e tais entendimentos remetem à ancestralidade de um campo de conexões, os antepassados ligados ainda no presente nas formas de conhecimentos herdados.

A esse respeito Ingold (2013, p. 16) esclarece:

Na passagem das gerações humanas, a contribuição de cada uma para a cognoscibilidade da seguinte não se dá pela entrega de um corpo de informação desincorporada e contexto independente, mas pela criação, através de suas atividades, de contextos ambientais dentro dos quais as sucessoras desenvolvem suas próprias habilidades incorporadas de percepção e ação. Em vez de ter suas capacidades evolutivas recheadas de estruturas que representam aspectos do mundo, os seres humanos emergem como um centro de atenção e agência cujos processos ressoam com os de seu ambiente (INGOLD, 2013, p. 16).

¹¹ Pitiú: odor forte, semelhante ao do peixe; cheiro de maresia; pitiú.

Assim, os saberes ribeirinhos dos pescadores de Jenipapo indicam também a resistência do ser humano em sobreviver no meio natural, conforme o exposto por Ingold (2013). Seguindo os conhecimentos herdados dos antepassados para existir num lugar de contradições e antagonismos que marcam seus modos de viver e sobreviver, do ser humano e da natureza. Contradições presentes no inverno e verão nas formas de ir em busca do pescado, o enfrentamento das intempéries naturais, a vida posta em risco quando o ser humano adentra o território dos fazendeiros, o destaque para os conhecimentos na pesca de lago. A certeza de conviver com a natureza, e isso nem sempre é de forma harmônica.

Com um olhar mais atento à dinâmica do cotidiano local, é possível dar conta da materialidade de processos educativos repassados de geração para geração e que movimentam as relações e vivências do lugar. No caso dos pescadores que habilmente manejam os seus apetrechos de pesca, um saber inicialmente aprendido com seus antepassados. Observa-se um saber da experiência e, neste saber, residem processos educativos, cujos conhecimentos em geral são repassados de pai para filho.

Outro aspecto pouco levado em consideração pelos governos municipais são os saberes ambientais dos pescadores artesanais, expressos nos conhecimentos que têm do lugar, da movimentação dos cardumes, o período possível e mais adequado para captura de cada espécie de peixe, os usos de conhecimentos de água e localização para a prática da pesca. Tais saberes validam a existência neste lugar, pois de acordo com Leff (2009):

O saber ambiental reafirma o ser no tempo e o conhecer na história; estabelece-se em novas identidades e territórios de vida; reconhece o poder do saber e da vontade de poder como um querer saber. [...] O saber ambiental, interrompido pela incompletude do ser pervertido pelo poder do saber e mobilizado pela relação com o Outro, elabora categorias para apreender o real desde o limite da existência e do entendimento, a diferença e a outredade. Dessa maneira, cria mundos de vida, constrói novas realidades e abre o curso da história para um futuro sustentável. O saber ambiental é uma epistemologia política que busca dar sustentabilidade à vida; constitui um saber que vincula os potenciais ecológicos e a produtividade neguentrópica do planeta com a criatividade cultural dos povos que o habitam (LEFF, 2009, p. 17).

Segundo Leff (2009), esses saberes carregam a possibilidade de criar mundos. Com base nisso, reforça-se a ideia de que por meio dos conhecimentos, os pescadores da Vila de Jenipapo, no exercício diário de suas práticas de trabalho, acionam conhecimentos vitais. Nesse caso, evidencia-se o saber do ser humano habitante das margens do Lago Ararí, bem como a convivência natural com o clima, tempo e mudanças impostas pela sazonalidade nesse cenário, que justificam e orientam seus modos de vida.

Acredita-se que a problematização aqui tratada se constitui como referência para os processos de formação humana presentes na região em estudo, e dá sustentação ao fenômeno social que vai orientar a realização desta pesquisa, que diz respeito **aos saberes socioambientais e processos educativos presentes e/ou identificáveis nas relações de convivência e práticas de trabalho da pesca artesanal no Lago Ararí, Vila de Jenipapo/PA.**

Trata-se de uma problemática voltada ao saber produzido a partir das experiências do cotidiano de trabalho da pesca artesanal. Logo, um saber que emerge do dia a dia, no qual o humano aprende sem precisar ir à escola, não tem muros, chefes diretores, cadernos, livros, manuais. Tudo o que se tem é a informalidade da existência material das coisas e práticas.

Assim, todos esses saberes vivenciados demonstram o poder de criatividade do ser humano, que tem o lago como fonte de seu sustento, modo de vida e percepção, que vão na contramão do modelo de racionalidade científica. Para compreender a ciência positivista, a qual apregoa o saber hegemônico e tem sido criticada por Santos (2002), essa proposta de pesquisa sustenta-se no pressuposto da existência de uma multiplicidade de outros saberes e, portanto, outras formas de compreensão do mundo à nossa volta. Dessa maneira, esta pesquisa orientar-se-á pela seguinte questão de pesquisa: **que saberes socioambientais e processos educativos orientam as práticas de trabalho da pesca artesanal em face da sazonalidade da pescaria no Lago Ararí - Vila de Jenipapo/Marajó-PA?**

Diante deste questionamento, buscou-se conhecer as atividades e experiências exercidas pelos pescadores e pescadoras na Vila de Jenipapo/PA. Assim, pela problemática construída nesta proposta de pesquisa, procurou-se produzir um conhecimento dessa realidade para subsidiar lutas da população, pois, no convívio com essa comunidade, percebi a ausência de saneamento básico, o

acúmulo de lixo, a falta de médico, de infraestrutura de apoio e políticas públicas, além de contribuir para o diálogo entre os saberes culturais e os saberes escolares.

Com o propósito de aprofundar a questão problema, foi possível definir as seguintes questões norteadoras:

- a) Como se materializa a organização da pesca artesanal nas territorialidades do Lago Ararí, na Vila de Jenipapo, região insular do Marajó?
- b) Que saberes socioambientais orientam as práticas de pescaria artesanal no Lago Ararí?
- c) Como se caracteriza a relação dos sujeitos da pesca artesanal com a natureza no cotidiano da pescaria do Lago Ararí na Vila de Jenipapo?
- d) Que processos educativos se configuram nas práticas de trabalho na pescaria artesanal em face da sazonalidade das condições de pesca no Lago Ararí?

A pesquisa tem como objetivo geral cartografar os saberes socioambientais e socioeducativos inscritos no cotidiano das práticas de pescadores artesanais no Lago Ararí, pertencente à Vila ribeirinha de Jenipapo/Marajó-PA.

As metas são relacionar as questões norteadoras com os seguintes objetivos específicos:

- Caracterizar as práticas de pescadores artesanais do Lago Ararí na comunidade de Jenipapo;
- Mapear as possíveis mudanças que ocorrem nas práticas de trabalho da pescaria artesanal em face da sazonalidade das condições de pesca no Lago;
- Descrever os processos educativos manifestados pelos pescadores;
- Analisar os saberes e processos educativos construídos nos espaços de pesca artesanal na comunidade de Jenipapo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO CONCEITUAL DE ANÁLISE

A presente pesquisa se propõe a contribuir com o debate acadêmico sobre processos educativos que se realizam em espaços não escolares, destacando como principal referência as práticas de trabalho desenvolvidas no Lago Ararí.

Devido à amplitude da temática, para direcionar o trabalho de campo, foi necessário recorrer a uma fundamentação teórico-conceitual e embasamento metodológico com a finalidade de fornecer os subsídios necessários e direcionar nas diversas categorias em análise, utilizando os construtos dos autores: Furtado (1990), Melo e Barros (2016), Cabral (2017), que com suas contribuições forneceram subsídios e densidade às bases do conhecimento para as discussões referentes à pesca artesanal. Para Furtado (1990, p. 42-43):

A pesca, enquanto atividade social produtiva, é uma das mais antigas não só na região amazônica como no mundo tradicionalmente praticado por pequenos produtores como atividade associada a outras, no Pará ocupa espaço distinto, explorando seus recursos naturais como instrumentos simples de trabalho e de modo sazonal; está presente entre muitas populações que habitam desde a orla marítima até as margens de rios e lagos do interior amazônico (FURTANDO, 1990, p. 42-43).

Para isso, destacamos a categoria de saberes e práticas em contexto de comunidades tradicionais. Pesquisas sobre os saberes em contexto da educação do campo buscam a busca pela autonomia dos povos tradicionais, percebendo que os saberes e práticas de trabalho exercidos pelos sujeitos em suas territorialidades são portadores de conhecimentos. Diversos pesquisadores têm se dedicado a esse tema na região amazônica, entre eles Hage (2014), Albuquerque (2016), Corrêa e Hage (2012) e Silva (2018).

Segundo Silva (2018, p. 132), os discursos educativos informam as experiências de trabalho no cotidiano ribeirinho, materializadas nas relações diretas que as comunidades estabelecem com os rios e as matas, constituindo um conjunto de saberes que são construídos e dinamizam essas experiências.

Além disso, conforme Silva (2018, p. 113), os seres humanos que habitam a Amazônia desenvolvem uma relação de “simbiose” com a natureza, o que implica em uma relação de atenção, sentimento e pertencimento, gerando uma “identidade tributária de afeto e respeito; como um lugar de vida”. Essas comunidades são

reconhecidas por suas territorialidades, sendo consideradas lugares concretos de vida, espaços de resistência e luta.

Outra categoria relevante refere-se aos saberes socioambientais, que estão relacionados aos atos de preservar e cuidar. Leff (2001, p. 147) chama atenção para o fato de que essa categoria também é atravessada pelas “estratégias de poder no saber”. No território do Marajó, especialmente no território do Lago Ararí, onde esta pesquisa foi desenvolvida, essas dinâmicas de poder hegemônico no campo do pensamento e da dominação capitalista são evidentes. Entretanto, a pesquisa pressupõe que as comunidades tradicionais produzem conhecimento em contraposição à ciência hegemônica.

Os estudos de Leff (2001) contribuem para os saberes socioambientais, apesar de o autor não abordar essa categoria de forma explícita. No entanto, consideramos a conexão entre o ser humano e a natureza como parte dos saberes socioambientais. Dessa forma, o ser social que vivencia as práticas de pesca no Lago Ararí é um sujeito histórico, apresentando uma especificidade na produção de conhecimentos, que se revestem em lutas contra-hegemônicas ao sistema capitalista. Diniz (2012, p. 130) afirmam que “a terra, os rios, as matas [...] estruturam os diferentes territórios que conformam as espacialidades locais, o que implica na construção de uma consciência de cuidar e preservar”. Essas espacialidades estão impregnadas de sentidos, saberes e movimentos, sendo espaços constituídos de conhecimentos e dominação.

Outra categoria importante abordada por autores como Brandão (2007), Freire (1996), Saviani (2015) e Gohn (2014) é a dos processos educativos. Essa categoria se faz presente de forma ampliada nas comunidades tradicionais, através das práticas e experiências de trabalho, vivenciadas no cotidiano. Brandão (2007, p. 11) destaca que a educação ocorre por meio de trocas contínuas e que para viver em um contexto social é necessário um sistema chamado educação. Ele enfatiza que “ninguém escapa da educação”, pois aprender e ensinar estão presentes em diversos momentos da vida. Existem diversas formas de educação, refletindo a pluralidade dos grupos humanos e a formação do ser como ser social em diferentes espaços, o que destaca a diversidade de conhecimentos.

É importante considerar que quando os homens e mulheres nascem, o mundo já existe com suas leis, normas e dinâmicas diversas. Conforme o ser humano cresce, vai aprendendo com outros seres humanos. A educação pode existir livremente e ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum o saber, a ideia, a crença,

aquilo que é comunitário como bem, trabalho ou vida. Por outro lado, ela pode ser imposta por um sistema centralizado de poder, utilizando o controle sobre o saber como arma para reforçar a desigualdade entre os homens, na divisão dos bens, do trabalho, dos direitos e dos símbolos (BRANDÃO, 2007).

Segundo Brandão (2007, p. 10), “a educação pode existir com liberdade ou como controle”. A maioria das escolas como conhecemos hoje serve para perpetuar a classe dominante, não abrindo espaço para o diálogo e perpetuando conhecimentos tradicionais. Diante desse contexto, surge a indagação: o homem que está sendo constituído é um ser humano consciente de sua consciência? Para Brandão (2007, p. 24-26), a educação tem a intenção de modelar as crianças para se tornarem adultos sociais e históricos capazes de atuarem na sociedade, num processo que se estende desde a infância até a formação do adulto.

Portanto, as categorias de saberes e práticas em contextos de comunidades tradicionais, saberes socioambientais e processos educativos são fundamentais para compreender as dinâmicas sociais, culturais e ambientais das comunidades ribeirinhas da Amazônia, especialmente no contexto do Lago Ararí, Vila de Jenipapo, Marajó-PA. Esses saberes e práticas são portadores de conhecimentos que resistem às imposições da ciência hegemônica e refletem a identidade e a luta dessas comunidades.

De qualquer maneira, uma coisa é certa: quanto mais a sociedade se distancia de suas origens “naturais” e se torna histórica, tanto mais se torna imprescindível nela o momento educativo; quanto mais a sociedade se torna dinâmica – e é assim ao máximo grau, uma sociedade tecnológica que, rapidamente, muda os processos produtivos e aumenta os próprios conteúdos científicos – tanto mais se torna necessária uma estrutura educativa que, gradativamente, adapte a este processo não apenas as novas gerações (mesmo que se nasça homem, nem por isso se nasce homem do século XX), mas também as gerações futuras (MANACORDA, 1999, p. 25).

É na formação do sujeito social que Freire destaca a possibilidade de olharmos para o outro e, por meio da dialogicidade, alcançar a libertação e, desta maneira, agir no mundo com o propósito de transformação. Nesse sentido, verifica-se que a educação não ocorre somente em ambiente escolar ou em ambientes formais; ocorre também nos espaços informais. Logo, o aprendizado acontece nos mais variados lugares. No entanto, o único valorizado e atribuído de relevância refere-se ao escolar.

Quando tratamos da educação não formal, a comparação com a educação formal é quase que automática. [...] Consideramos que é necessário distinguir e demarcar as diferenças entre estes conceitos. A princípio podemos demarcar seus campos de desenvolvimento: a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdo previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização [...] sempre carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados.[...] A educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas (GOHN, 2014, p. 38).

Com essa perspectiva de educação informal, é possível constatar que os pescadores e pescadoras da Vila de Jenipapo informam aprendizados e saberes. O saber, segundo Gohn (2014, p. 36), “é sempre resultado de uma construção histórica, realizada por sujeitos coletivos”. São sujeitos que informam a identidade dos lugares partilhados e vividos pelos grupos sociais.

Para Trilla (2008, p.17), “a escola é uma criação histórica” existente no contexto formal e resulta na educação escolar. Esta apresenta características próprias e bem demarcadas, acontece num espaço formal, geralmente hierarquizado e rígido, com horários de entrada e saída, uso de uniforme, e os seres humanos vão à escola para aprender a agir na sociedade, adquirir conhecimentos. De acordo com Gohn (2014), a educação não formal é aquela que se aprende na vida. Visto dessa maneira, a educação escolar formal difere da informal nesse aspecto de organização.

A categoria cultura refere-se ao homem enquanto ser cultural que promove a criação do seu mundo. Brandão (2015, p. 94) afirma que é “um ser que sabe que sabe”, tendo clareza de que existe no mundo e produz meios para sobreviver, sendo assim um ser cultural. Da mesma forma, autores como Oliveira (2002), Lima (2018), Geertz (2014), Ingold (2010) e Certeau (1998) revelam argumentos vinculados à cultura, pois as práticas dos pescadores e pescadoras artesanais estão carregadas de sentidos e símbolos repassados de geração para geração, conforme Brandão (2015, p. 117), são “um mundo intencionalmente criado”. Partindo das considerações desses autores e tendo por base a dimensão de conceitos teóricos e observação das categorias: cultura, trabalho e educação.

A cultura é e está, portanto, nos atos e nos fatos através dos quais nos apropriamos do mundo natural e o transformamos em um mundo humano, assim como nos gestos e nos feitos com que nós criamos a nós próprios ao passarmos de organismos biológicos a sujeitos

sociais, ao criarmos socialmente nossos próprios mundos e ao dotá-los e a nós próprios – nossos diversos seres, nossas múltiplas vidas e nossos infinitos destinos – de algum sentido (BRANDÃO, 2009, p. 718).

Para Brandão (2009), o ser humano como ser cultural cria o mundo na movimentação estabelecida socialmente e com apropriação do meio natural no exercício de ações e práticas do cotidiano. O ser humano aproveita o que está em seu contexto social e natural. Sobre isso, percebe-se esse movimento na Vila de Jenipapo, revelado na prática exercida pelos pescadores artesanais. Portanto, verifica-se na cotidianidade o ser humano produzindo cultura ao transformar o mundo natural em mundo social, o mundo do real, do que é concreto: a rede malhadeira, o lago, o rio, o peixe e também o mundo subjetivo, com sentimentos, linguagem, visões de mundo, tendo por objetivo prover a necessidade existencial que, além de se alimentar, tem outra necessidade, que é satisfazer o ser subjetivo dotado de sonhos.

Somos seres simbólicos criadores de teias, tramas, redes e sistemas de regras de relações, de códigos de conduta, de gramáticas de relacionamentos, assim como de contos, cantos, mitos, poemas, ideias, ideologias, visões de mundo, religiões. Palavras e partilhas com o que continuamente estamos nos dizendo de quem somos e de quem são os outros que não são “nós” (BRANDÃO, 2009, p. 717).

Ainda sobre a cultura, de acordo com Brandão, o fato de sermos seres simbólicos e produtores de cultura nos diferencia dos outros animais. Nesse respeito, Gusmão (2006, p. 36) informa: “A cultura envolve as condições objetivas da vida, mas também os sentimentos, emoções e representações que se tem sobre o que é vivido”. Nesse sentido, Lima (2018, p. 33) pondera: “a cultura não se restringe a grupos de maior ou menor influência social. É característica plural, [...] a cultura é considerada dinâmica [...] agindo como uma importante produção no espaço social”. De acordo com esses pensamentos, é perceptível entre os saberes e práticas de comunidades ribeirinhas e tradicionais diferenças relativas aos modos de vida e de percepção do mundo, mas dentro dessa pluralidade há uma unidade que forma um todo.

O trabalho é apresentado nessa dissertação como uma categoria intrinsecamente ligada à cultura, pois, de acordo com Brandão, o ser humano é constituído como “criador e transformador” e, por isso, produtor de cultura, utilizando sentimentos, símbolos, ideias e aplicando-os na produção das suas ações através do trabalho. Para Frigotto (2009, p. 168), o trabalho é uma categoria polissêmica que vai

além do senso comum. O autor entende o trabalho como um esforço em troca de reserva pecuniária e é inerente aos seres humanos, nascendo da necessidade de subjugar a própria raça humana.

Observa-se a existência de uma divisão territorial do trabalho e do processo de acumulação de capital, que se traduz na hierarquização de lugares e é determinada pela capacidade de cada território de gerar inovações adequadas à localização dos segmentos econômicos intensivos em conhecimento, segundo Albagli (2004, p. 42). Dessa maneira, todo o aparato produtivo e organização social determinam o estado social, que é uma maneira de viver em sociedade. Enfim, após todos esses aspectos, o ser humano tem consciência de sua existência social. Essa consciência nasce da necessidade da existência de intercâmbio com outros seres humanos e é desde o seu início um produto social.

Esse fato é observável nas relações estabelecidas entre seres humanos na região do Lago Ararí, em que, para sobreviverem, dependem da sua força de trabalho. Isso ocorre em condições precárias de enfrentamento aos desafios da natureza: o peso da rede de pesca, o frio extremo pela madrugada, o sol escaldante durante o dia, as chuvas, as correntezas, roupas molhadas, picadas de insetos, arraias, piranhas, tudo isso para pescar e, ao final, vender o peixe para marreteiros e geleiros por um preço muito abaixo do valor de mercado. Logo, “o trabalho é a transformação material da natureza, do ambiente em que estamos inseridos, de forma a garantir a nossa sobrevivência individual e de nossa espécie” (TREIN, 2022, p. 296).

Na concretude, na realidade, nas relações estabelecidas no trabalho, como no Lago Ararí e em diversas sociedades, existe a atribuição de valor aos objetos. Nesse sentido, o produto do trabalho é, em todas as condições sociais, objeto de uso, mas só se transforma em mercadoria numa época historicamente determinada de desenvolvimento: uma época em que o trabalho despendido na produção de uma coisa útil se apresenta como sua qualidade “objetiva”, isto é, como seu valor (MARX, 2011).

Esse valor é dado ao objeto por um sistema de relações sociais e entrelaçamentos de sentidos e ideias, as quais se constituem em sociedade, feitas e criadas por humanos. Assim, as relações entre natureza e trabalho são consideradas por Peto e Veríssimo (2011, p. 5) como um processo em que “[...] a natureza se funda em si mesma. Ela é ser a partir de si e mediante si mesma. A natureza, na filosofia

marxiana, é causa sui. Ele afirma que o ser humano só produz em contato com a natureza”. Dessa forma, a natureza existe por si mesma e por si só, sendo concebida pelo homem, que a produz mediante a natureza. Ou seja, o ser humano só é produtor se houver natureza. A este respeito, Silva (2018) esclarece que:

[...] o meio ambiente está representado nas suas referências ao rio, à mata, às plantações, aos insetos nocivos às plantações, aos animais peçonhentos, à qualidade do solo e à outras formas imaginárias. Eles constroem e se inserem ou se apropriam de seus ambientes pautando-se por saberes acumulados e configurados por meio do trabalho agrícola, da pesca, da construção de suas roças, da extração da madeira e de outros significados simbólicos que atribuem a determinados meios e que transcendem a dimensão do trabalho, ainda que a ele esteja vinculado (SILVA, 2018, p. 55).

Existem as necessidades dos seres humanos de alimentar-se, de manter-se e abrigar-se; em todos esses aspectos, a natureza coopera para sustentar o ser humano. Assim, as transformações operadas pelos seres humanos na natureza se realizam por meio do trabalho.

As dimensões onto-criativas do trabalho, consideradas na sua historicidade, são o fundamento das relações viscerais entre trabalho e educação. Percebemos e apreendemos os fenômenos da natureza e, no encontro com ela, modificamos a nós mesmos como elementos da natureza; produzimos cultura e nós produzimos como seres de cultura. Na relação com o outro ser humano, com outros grupos e classes sociais, produzimos saberes sobre possíveis maneiras de estar no mundo (TIRIBA; FISCHER, 2015, p. 407).

Nesse sentido, percebe-se a correlação entre as ideias de Tiriba e Fischer (2015) e Ciavatta (2019), que ao estudar os saberes e processos educativos que ocorrem no social e se configuram por meio do trabalho, cultura e educação, os compreendem como indissociáveis. Por meio dessa lógica, Ciavatta (2019, p. 139) considera: “a educação faz parte do mundo do trabalho na medida em que participa do conhecimento gerado pelo processo de transformação da natureza da sociedade”.

Essa reflexão se aproxima da realidade social dos pescadores artesanais da Vila de Jenipapo, pois eles, em geral, não frequentaram a escola, sendo portadores de saberes práticos conformados pelas realidades do seu cotidiano, como o nome de peixes, o ritmo das marés, os melhores lugares para pescar, como pescar e pilotar a canoa. Esses conhecimentos práticos se constituem informalmente nas práticas

sociais, no convívio familiar, entre amigos e vizinhos próximos, e estão presentes no dia a dia, revelando-se nas brincadeiras de crianças e no convívio com a natureza. Dessa forma, eles se tornam os mestres nos processos de formação de seres humanos, moradores do Ararí.

Outra importante categoria refere-se às comunidades tradicionais, que se valem dos meios disponibilizados pela natureza, possibilitados pelo trabalho e pelo uso dos atributos naturais, que quase sempre envolvem a preservação das espécies de plantas e peixes. Para Silva (2018, p. 116), os produtos coletados por meio da matéria disponível na natureza assumem a configuração de uma natureza heterogênea ao serem transformados por meio do trabalho “concreto”, ou seja, do trabalho humano útil. Essa utilidade resulta na sobrevivência dos pescadores com os frutos fornecidos pela natureza, e isso se faz presente na materialidade existente das coisas, como o lago, os apetrechos de pesca e a captura do pescado para saciar a fome e manter a subsistência da família.

É possível considerar que existem outros saberes, e entre eles destacam-se os que estão presentes nas práticas de trabalho da pesca artesanal e suas interfases com o reconhecimento acerca da natureza, ocorrendo de maneira informal a partir do cotidiano. Esses seres humanos pertencentes aos povos tradicionais, indígenas e as minorias. Segundo Hage (2014, p. 2):

Os sujeitos do campo, [...] têm se mobilizado e organizado um processo nacional de luta para assegurar o direito à educação[...] onde produzem e reproduzem sua existência, seus modos de vida e suas formas de pensar e compreender o mundo (HAGE, 2014, 2).

Segundo o autor, existem outras formas de pensar e conviver com a natureza; sendo assim, “os sujeitos do campo” possuem saberes e práticas diferentes dos saberes hegemônicos.

Neste sentido, o pensamento da complexidade e dos princípios de racionalidade ambiental se comprometem e informam (mas nunca uniformizam) uma multiplicidade de experiências e práticas que adquirem sua concreção no singular de cada cultura e configuram a especificidade do local, e que, a partir de sua diversidade, estruturam esta nova racionalidade (LEFF, 2001, p. 148).

Para efeito de pesquisa, consideramos a categoria “território e territorialidade”, mas, afinal, o que vem a ser a territorialidade? De acordo com Haesbaert (2018), a

territorialidade, além de incorporar uma dimensão estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais, pois está “intimamente ligada ao modo como as pessoas utilizam a terra, como elas próprias se organizam no espaço e como elas dão significado ao lugar” (HAESBART, 2018, p. 6774).

A compreensão sobre o território e as territorialidades perpassa pela diferença e conflitos a esse respeito. Fernandes (2009) caracterizou três tipos de território:

O primeiro território é o espaço de governança da nação, é o ponto de partida da existência das pessoas. Neste se constituem outros territórios produzidos pelas relações das classes sociais. Primeiro, segundo e terceiro territórios, assim como as formas material e imaterial são indissociáveis; contudo, para analisá-los com mais detalhamento, propomos uma tipologia com uma ordem (FERNANDES, 2009, p. 206).

Ao abordar esses tipos de território, Fernandes (2009, p. 210) chama atenção para o terceiro território que se relaciona com a “dominação e controle sobre o processo de produção do conhecimento e suas interpretações”. O autor separou território material e imaterial e, em seguida, elencou as características do imaterial. Nessa proposição, observa-se de modo acentuado as disputas e conflitos de poder, não só pelas riquezas existentes, mas também no campo das ideias e pensamentos.

Outro aspecto sobre territorialidade se firma como movimento social, econômico, político e cultural, desenvolve-se coletivamente como ação do ser humano, emergindo a percepção de que considero o outro como parte desse espaço, e isso é territorialidade. Nessa mesma perspectiva Moreli (2004, p. 26) define:

O conceito de territorialidade refere-se, então, às relações entre um indivíduo ou grupo social e seu meio de referência, [...] expressando um sentimento de pertencimento e um modo de agir no âmbito de um dado espaço geográfico (MORELI, 2004, p.26).

Então, com base na ação humana, diversos grupos humanos criam suas territorialidades, moldando-se de acordo com características sociais, culturais e políticas. Nessa perspectiva, Moreli (2004, p. 26) afirma que “a comunidade humana se refere a um grupo social” que possui laços comuns de pertencimento, participação nas práticas, vivências e conhecimentos, reafirmando a identidade do local onde habitam. Os moradores da vila de Jenipapo dispõem de espaços e territorialidades relacionados ao Lago, aos igarapés e às ações e movimentos envolvidos nesse processo, o que indica e reafirma a identidade dessa localidade.

Territorialidade reflete, então, o vivido territorial em toda sua abrangência e em suas múltiplas dimensões - cultural, política, econômica e social. “Os homens 'vivem, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas, entendendo-se que “todas são relações de poder, visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais (MORELI, 2004, p. 26).

Observa-se que o autor explica como as relações do ser humano, existir e produzir, estabelecem-se nas relações sociais. Sabe-se que a vida no planeta passa por uma crise e no Brasil não é diferente. As mudanças climáticas, a desertificação e a falta de alimentos são evidências desse cenário calamitoso. A esse respeito, segundo Dias, Costa e Maggi (2022, p. 465), “o Brasil passa por uma crise ecológica derivada da emergência climática, somada à destruição ambiental produzida pelo agro-minero-hidro-fóssil-negócio em seu território”.

Essa crise coloca em risco a sobrevivência humana na terra. É emergencial cuidar das matas, mananciais, fauna e flora, e é nesse cenário que emerge o saber ambiental. Esse saber é praticado pelas populações tradicionais que habitam a Amazônia e desde cedo aprendem a cuidar das águas, matas e rios, e de toda a vida existente neles.

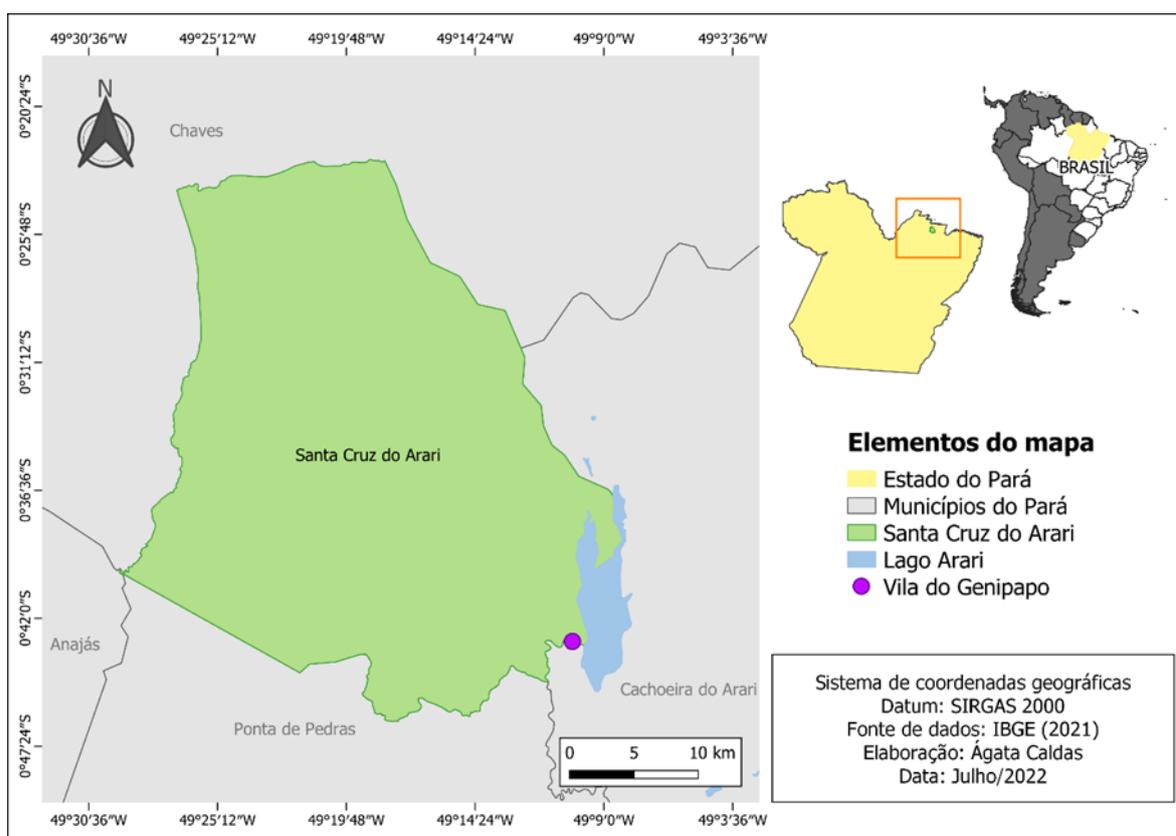
A presente pesquisa propôs-se a estudar os saberes do ambiente da educação não escolar e, nesse segmento, reconhecer e valorizar os saberes das práticas de pescaria dos interlocutores que realizam a pesca artesanal no Lago Ararí, lugar de grande singularidade e especificidades, destacando-se os movimentos que não coadunam com o saber hegemônico imposto pelo saber da ciência moderna.

3. CAMINHADA METODOLÓGICA

3.1. O território da pesquisa, procedimentos metodológicos, abordagem, tipo de pesquisa

A pesquisa de campo foi conduzida entre pescadores e residentes da Vila de Jenipapo, localizada no município de Santa Cruz do Ararí. A seleção desse local como cenário de estudo é justificada pela presença central do Lago Ararí, que se destaca como o foco da pesquisa. Este lago apresenta um ecossistema distinto, marcado pela sazonalidade, e é notável por suas margens que abrangem tanto a sede do município de Santa Cruz quanto a Vila de Jenipapo. Vale acrescentar que o Lago Ararí é cercado por vastas propriedades de pecuária, caracterizadas por seu caráter privado. Detalhes adicionais podem ser observados na figura 1.

Figura 1 - Localização da Região do Ararí.



Fonte: Caldas, 2022.

Normalmente, as práticas de pescaria estão associadas a rios, mangues, baías e oceano. No entanto, a pesca no Lago Ararí assume um elevado valor por representar

experiências e conhecimentos diferenciados neste bioma ribeirinho, sendo a marca principal a sazonalidade.

A sazonalidade dos ambientes de várzea é resultado de interação do regime de subida e descida das águas dos rios com o regime das chuvas. O período de verão se estende de junho/julho a novembro/dezembro[...]. No inverno, de dezembro/janeiro a maio/junho, a chuva é abundante e o rio sobe de nível (enchente) até atingir seu nível máximo (cheia), quando toda a várzea se torna um imenso lago [...] no período de vazante e seca, ao contrário, a pesca nos lagos deixa de ser a única opção de atividade econômica, já que os ambientes descobertos podem ser aproveitados economicamente (Figura 3b). Neste período, as restingas são aproveitadas para agricultura e criação de pequenos animais, e os campos para pecuária aproveitando as pastagens nativas, como a Canarana (CÂMARA, 1995, p. 96).

O Lago Ararí¹² diferencia-se de outros ambientes de pesca por apresentar características inerentes ao local: quando enche, permanece cheio por meses, e quando seca, o ambiente muda completamente. As terras submersas no inverno no Lago Ararí tornam-se um berçário para a reprodução dos peixes, existente após esse período, a pesca é liberada e se torna a atividade exercida pelos pescadores e pescadoras. Conforme a Figura 2:

Figura 2 - Lago Ararí e a margem direita.



Fonte: autora, 2022.

¹² Lago Ararí: com destaque para margem direita, pois fica localizada nessa margem a cidade de Santa Cruz do Ararí e a Vila de Jenipapo.

Tuam (1986) questiona “quanto tempo demora para se conhecer um lugar?” ao considerar que “o homem moderno se movimenta tanto que não tem tempo de criar raízes, sua experiência de lugar é superficial”. Acredita-se, com base nesse autor, que o homem, em sua pressa diária e com as novas formas de locomoção, seja incapaz de ver o mundo em suas especificidades. Assim, reside a necessidade de se olhar o lugar de forma mais prolongada, observando os vários aspectos que a vida apresenta.

Para a investigação dos saberes socioambientais e processos educativos que orientam as práticas de trabalho da pesca artesanal em face da sazonalidade da pescaria no Lago Ararí, recorri ao método etnográfico de abordagem qualitativa, pois ele permite um trabalho mais próximo da realidade local. A esse respeito, Gama (2010) esclarece que para fugir dos perigos que a pesquisa de campo com os métodos de formulários e questionários poderia trazer, resolveu pesquisar de outra forma. Ele mudou-se para a aldeia que estava investigando e dessa maneira propiciou a construção de um estudo sobre as percepções existentes na localidade e os fenômenos da língua nativa.

A proposição de um exercício de reflexão da prática etnográfica tal qual concebida por Malinowski, a partir do olhar benjaminiano, permite-nos chegar a algumas conclusões parciais. A primeira delas é a verificação de que o afastamento das referências intrínsecas ao seu mundo e a penetração no universo do outro constituem condição necessária para que o antropólogo contate as verdades vivificadas nesse último. Também vimos que essas verdades subsistem num medium que lhes confere um corpo e fornece sustentação: a linguagem nativa. Apenas através desse substrato elas se tornam acessíveis ao sujeito, por mais estrangeiro que este se mostre em relação ao que aquela nomeia e comunica (GAMA, 2010, p.13).

Para Gama, a etnografia enquanto método permite ao pesquisador adentrar no universo dos sujeitos de pesquisa. A seguir, o autor chama atenção para o fato do pesquisador ser estrangeiro num mundo recheado de descobertas. Além disso, Minayo (2011) destaca o respeito do pesquisador pelo nativo e a convicção de que o sujeito da pesquisa não se constitui apenas como um dado quantitativo e interpretativo, mas como um ser humano portador de subjetividade.

Durante a fase inicial da pesquisa e sentindo profundas dificuldades na escrita, cursei a disciplina de Pesquisa em Educação, onde encontrei diversas leituras, entre

elas o livro “Metodologia da pesquisa educacional” de Fazenda (2000). Essa leitura permitiu compreender que tal dificuldade é mais comum do que se poderia supor.

Com base nesses aspectos, foi possível refletir e avançar na busca daquilo que a autora considera o desafio da escrita e o rigor acadêmico como necessários para quem faz pesquisa. Assim, de acordo com Fazenda (2000), o pesquisador deverá ter a postura e definir o que pretende estudar.

A pesquisa investiga o mundo em que o homem vive e o próprio homem. Para esta atividade, o investigador recorre à observação e à reflexão que faz sobre os problemas que enfrenta, e à experiência passada e atual dos homens na solução destes problemas, a fim de munir-se dos instrumentos mais adequados à sua ação e intervir no seu mundo para construí-lo adequado à sua vida. Nessa tarefa, confronta-se com todas as forças da natureza e de si próprio, arregimenta todas as energias da sua capacidade criadora, organiza todas as possibilidades da sua ação e seleciona as melhores técnicas e instrumentos para descobrir objetos que transformem os horizontes da sua vida. Transformar o mundo, criar objetos e concepções, encontrar explicações e avançar previsões, trabalhar a natureza e elaborar as suas ações e ideias, são fins subjacentes a todo esforço de pesquisa (FAZENDA, 2000, p. 113).

Dessa maneira, definiu-se como opção metodológica a abordagem etnográfica para fundamentar o desenvolvimento da pesquisa, considerando que os saberes dos pescadores artesanais de Jenipapo estão permeados por uma teia de relações de convivência, carregando em si conhecimentos que merecem olhares no sentido de percepção e interpretação, referenciados em observações narrativas documentadas ou não, dos saberes produzidos historicamente pelos sujeitos. De acordo com a literatura específica, a etnografia está associada ao estudo de grupos humanos, suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças (ANGROSINO, 2009, p.30).

Estabeleceu-se que este estudo se enquadra no contexto de uma pesquisa de campo e, para uma melhor compreensão do cenário empírico, destacou-se a abordagem qualitativa, por esta considerar que a:

Abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não

é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (CHIZZOTTI, 2018, p. 78).

Nesse sentido, a abordagem qualitativa foi escolhida para orientar o olhar do pesquisador em busca de uma compreensão mais alargada do objeto de pesquisa e seus significados. O estudo etnográfico foi alicerçado para promover a compreensão da comunidade a ser pesquisada, uma vez que os saberes dos pescadores artesanais de Jenipapo estão permeados por uma teia de relações de convivência, carregando em si conhecimentos que merecem olhares no sentido de percepção e interpretação, referenciados em observações narrativas documentadas ou não, dos saberes produzidos historicamente pelos sujeitos. Essa pesquisa se enquadrou no contexto de uma pesquisa de campo, e a abordagem qualitativa permitiu uma análise mais profunda e contextualizada dos saberes dos pescadores artesanais, considerando a complexidade e singularidade desse contexto específico.

A pesquisa de campo foi realizada na comunidade Vila de Jenipapo, localizada no território do Lago Ararí, no município de Santa Cruz do Ararí. As idas a campo foram feitas por meio de embarcações, por vias fluviais, o que possibilitou o contato direto com a comunidade de pescadores artesanais, permitindo a produção de dados, registros e observações participantes das atividades cotidianas de pescaria no lago. Dessa forma, tornou-se possível compreender os saberes que sustentam os processos socioambientais e socioeducativos das práticas de trabalho na pesca artesanal no Lago do Ararí.

A pesquisa realizada sobre os saberes socioambientais e processos educativos dos pescadores artesanais buscou desvelar e “descrever essa realidade, para depois analisá-la, interpretá-la, ou seja, explicitar seu significado”. Tratou-se de um exercício que se constituiu processualmente por meio de um método de reconstrução do significado dos elementos que fazem parte das vivências dos pescadores e pescadoras, relacionando o ser humano com a natureza, os saberes e aprendizagens envolvidos na dinâmica do lugar. Todos esses elementos observados na pesquisa se relacionam em movimentos no tempo e espaço, constituindo-se em uma dinâmica singular.

Por ser uma pesquisa que permeia uma abordagem qualitativa, busca-se compreender, descrever, interpretar e explorar subjetivamente o significado do objeto de estudo que se situa na comunidade, sobre a pesca do Lago Ararí na Vila de

Jenipapo. A pesquisa qualitativa originou-se na Antropologia e na Sociologia, trabalhando na revelação dos sentidos de interpretação do pesquisador. Nessa perspectiva, a necessidade de interpretação corresponde à pressuposição da existência de duas realidades previamente dadas: a realidade do pesquisador - seus conhecimentos, valores e normas, sua formação cultural - e a realidade a ser conhecida, também constituída igualmente de conhecimentos, crenças, normas, valores e interesses que, em princípio, podem ser distintos dos do pesquisador.

A pesquisa orientou-se na perspectiva do método etnográfico, partindo do princípio que a investigação levou em consideração a relação dos pescadores e pescadoras com o Lago Ararí e suas experiências e histórias de vida. A etnografia viabilizou a observação dos fenômenos socioambientais e processos educativos nesse contexto de pesca lacustre, abrangendo aspectos como o preparo dos apetrechos de pesca, organização dos materiais e conhecimentos sobre a natureza. “Fazer etnografia é perceber o mundo estando presente no mundo do outro, que parece não existir mais” (MATTOS; CASTRO, 2011, p. 45).

A Cartografia de Saberes foi outra opção metodológica no sentido da produção de dados. Nessa pesquisa, buscou-se representar a existência dos saberes-fazer dos pescadores e pescadoras do Lago Ararí, pois ao se cartografar e mapear, estabelece-se uma forma de existência, segundo Costa (2014, p. 70) “a cartografia surge como uma possibilidade de pesquisa que vem crescendo muito, uma prática investigativa que, ao invés de buscar um resultado ou conclusão, procura acompanhar o processo.”

No caso da realidade da pesquisa, o processo que diz respeito às ações referentes aos saberes-fazer de pescadores e pescadoras no Lago Ararí foi considerado. Segundo as autoras, Liberman et al. (2015, p. 183), afirma-se que “a cartografia só pode ser pensada como método se entendermos método como aquilo que nos faz compreender a nossa potência de conhecer”. Também se percebe, nesse fragmento de texto, que a cartografia é o lugar no qual o pesquisador encontra-se imerso na produção de dados, e isso é presente nos encontros vivenciados com os interlocutores, resultando na construção de partilha de saberes.

Esse método cartográfico foi considerado fundamental na pesquisa dos saberes socioambientais e nos processos educativos dos pescadores e pescadoras do Lago Ararí, pois contribuiu na imersão da realidade dos sujeitos da pesquisa na produção de dados e proporcionou a possibilidade de encontros e afetos. A

observação participante busca “conhecer para explicar”, e o outro transmuta-se em pesquisa participante, procurando, então, “compreender para servir”. Isso acontece no sentido de entender a realidade social, para dar sentido a uma prática científica que participa do trabalho político das classes populares (BRANDÃO, 2007).

Sendo um esforço de pesquisa, a observação participante auxilia no esclarecimento dos fenômenos de ordem organizacional, individual, social e política, sendo um estudo que permite uma investigação para preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real. Dessa maneira, a pesquisa na vila de Jenipapo sobre a pesca artesanal será realizada a partir de narrativas dos sujeitos que constroem suas histórias, que possibilitam e se permitem observar, e ao mesmo tempo vivenciar as experiências e história de vida.

As idas iniciais a campo foram usadas como observação e vivência, fatos e fenômenos ocorridos na seleção de dados referentes à pesquisa inicial. Tendo sempre em vista que esta é uma etapa essencial da pesquisa, combinando entrevistas, observações, levantamentos de material documental, bibliográfico e instrucional, realizando um momento relacional e prático de fundamental importância exploratória, de confirmação ou refutação de hipóteses e construção de teorias (MINAYO, 2011, p. 26).

3.2 Os sujeitos da pesquisa

Durante dois anos, a convivência ocorreu com a pesquisadora, que atuou como moradora e professora da localidade, e por mais dezenove anos como visitante. Além disso, durante dois anos atuou como pesquisadora, o que permitiu a participação no cotidiano local e a observação das festas e vivências serenas do lugar. É válido mencionar que os registros sobre os modos de vida tornaram-se possíveis após a inserção no mestrado.

A intenção da pesquisa de mestrado foi a cartografia dos saberes socioambientais e socioeducativos presentes nas práticas de pescadores artesanais no lago Ararí. Para fins de estudo, foram escolhidos pescadores e pescadoras que atuavam na comunidade de Jenipapo, com idades médias entre 33 e 90 anos, e que vivenciavam os saberes da pesca artesanal.

Os sujeitos selecionados fazem parte da Associação de Pescadores - Colônia Z - 25. Eles são pessoas simples, portadoras de grande alegria, verdadeiras em

expressar seus pensamentos, guerreiras e resistentes, sem medo dos perigos impostos pela natureza local. Sobrevivem da pesca artesanal, do programa Bolsa Família (atualmente chamado de Auxílio Brasil) e do seguro-defeso.

A pesquisa buscou compreender como se manifestava o processo educativo dos pescadores artesanais no lago Ararí, abordando os saberes da pesca, cooperação, organização e comercialização dos recursos pesqueiros na comunidade, além de investigar a ação da pescaria artesanal e assim articular os saberes socioambientais e processos educativos dos sujeitos de pesquisa. Considerando esses aspectos, acredita-se que a quantidade de sujeitos de pesquisa seja suficiente para fornecer uma amostra do contexto da comunidade.

Ao final do trabalho e da produção de dados, a pesquisa visa contribuir para os estudos da Universidade do Estado do Pará - UEPA, na linha de pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia. O objetivo é que o sentido de conhecer, aprender e transformar possa ecoar nos moradores da localidade estudada, assim como em outros estudiosos e inconformados com o silenciamento de saberes vitais para o mundo, continuando a transformar o mundo ao seu redor. Segundo Freire (2011, p. 38), não haveria ação humana se não houvesse uma realidade objetiva, um mundo como “não eu” do homem, capaz de desafiá-lo, nem haveria ação humana se o homem não fosse um “projeto”, um ser além de si, capaz de captar sua realidade, conhecê-la e transformá-la.

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com nove homens e três mulheres, identificados pelos próprios nomes, pois não houve objeção à participação na pesquisa e ao uso de seus nomes, de acordo com os critérios metodológicos. As entrevistas foram realizadas com moradores do município, abordando o tempo de pesca e a idade.

Quadro 1 - Sujeitos da pesquisa.

Nome	Idade	Nascido no município
Aimar Gemaque Barbosa	70	Sim
Antônio Trindade Carvalho	83	Não
Arisvaldo Barbosa dos Santos	54	Sim
Dionizio Leal dos Santos	78	Sim
Eder Edgar Cabral dos Santos	35	Sim
Edésio Feio dos Santos	35	Sim
Eliane Gemaque de Sena	35	Sim
Enderson Melo Beltrão	36	Não
Francisca Pereira Alves		Não

Ivaldo Pereira Leal	49	Sim
Marlene Barbosa mendes	62	Não
Orisvaldo	63	Sim

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

O trabalho de campo foi realizado com afinidade e amizade com os pescadores, pescadoras e moradores locais. As relações nesse contexto de visitação foram sempre acolhedoras, resultando em boas conversas. A convivência e a experiência como moradora da localidade permitiram um reencontro artístico, e o envolvimento com a comunidade facilitou as conversas pautadas no diálogo.

3.3. Trabalho de campo e técnica de produ o de dados

Toda pesquisa requer uma organiza o e a necessidade de estabelecer e elencar o que for necessário. Para a entrada no campo, foram recorridos os  cios do PPGED para obter documentos que permitissem aos sujeitos da pesquisa assinar o Termo de Livre Consentimento e Autoriza o, autorizando, desse modo, o uso das narrativas e imagens.

A pesquisa   realizada a partir dos vários trabalhos já realizados para compor a entrada em campo, e também será necessária uma solicita o de autoriza o de pesquisa junto ao Instituto de Desenvolvimento Florestal e da Biodiversidade do Estado do Pará (IDEFLOR-Bio),  rg o responsável pela fiscaliza o nas áreas de Prote o Ambiental (APA) da região do Marajó. Por ser um município localizado às margens de uma Unidade de Conserva o (UC) de uso sustentável, Santa Cruz do Arar    um dos municípios do Marajó onde suas riquezas culturais e naturais predominam.

Outro aspecto valioso na entrada em campo refere-se   habilidade de entrar e portar-se com cordialidade e respeito pelo outro e pelo ambiente. O papel do pesquisador que irá a campo   procurar respeitar o outro e o ambiente ao entrar nesse contexto.

[...] a pesquisa qualitativa   uma pesquisa interpretativa, com o investigador geralmente envolvido em uma experiência sustentada e intensiva com os participantes. Isso introduz um leque de questões estratégicas,  ticas e pessoais no processo de pesquisa qualitativa (LOCKE et al., 2000). Com essas preocupa es em mente, os investigadores identificam explicitamente seus vieses, valores e interesses pessoais em

relação ao tópico e ao processo de pesquisa. A entrada em um local de pesquisa e as questões éticas que podem surgir também são elementos do papel do pesquisador (CRESWELL, 2007, p. 188).

Segundo o autor, a relação entre os envolvidos em uma pesquisa participante deve ser pautada pela ética. Assim, todas as etapas do processo de acesso, entrada e permanência no campo de pesquisa são permeadas por questões éticas que devem ser uma preocupação constante do pesquisador. As técnicas utilizadas para a produção de dados foram a entrevista semi-estruturada, buscando uma compreensão aprofundada das questões de Jenipapo e a argumentação das situações observadas, além da análise documental e de materiais audiovisuais. Sabe-se que na produção de dados, o valor da observação é indiscutível:

Observações, nas quais o pesquisador toma notas de campo sobre comportamento e atividades das pessoas no local de pesquisa. Nessas notas de campo, o pesquisador registra, de uma maneira não-estruturada ou semi-estruturada. O observador qualitativo também pode se envolver em papéis que variam de não-participante até integralmente participante (CRESWELL, 2007, p. 190).

Neste momento, são tomadas notas pelo pesquisador acerca dos aspectos presentes no campo de pesquisa; observam-se situações, pessoas e suas convivências, bem como seus modos de viver e de se relacionarem uns com os outros, com o ambiente, com o trabalho, entre outros aspectos. Convém ressaltar que, dentre as técnicas utilizadas em campo, a entrevista exerce grande valor, pois fundamenta e materializa os aspectos teóricos, colocando os sujeitos da pesquisa e o pesquisador em uma situação de interação e facilitando a comunicação e a percepção de modos de vida, costumes, entre outros elementos, pois:

Nas entrevistas, o pesquisador conduz entrevistas face a face com os participantes, entrevista os participantes por telefone ou faz entrevistas com grupos focais, com 6 a 8 entrevistados em cada grupo. Essas entrevistas envolvem poucas perguntas não-estruturadas e geralmente abertas, que pretendem extrair visões e opiniões dos participantes (CRESWELL, 2007 p. 190).

Com relação às técnicas utilizadas, a análise documental e materiais audiovisuais foram consideradas de fundamental valor, uma vez que foram fornecidos embasamentos teóricos para a parte da escrita e fundamentação deste trabalho.

Dessa forma, o pesquisador pôde se aprofundar nos dados e informações relevantes para o desenvolvimento da pesquisa.

Durante o processo de pesquisa, o investigador qualitativo pode coletar documentos, que podem ser documentos públicos (por exemplo, jornais, atas de reunião, relatórios oficiais) ou documentos privados (por exemplo, registros pessoais e diários, cartas, e-mails). 4. Uma categoria final de dados qualitativos consiste de material de áudio e visual. Esses dados podem ter a forma de fotografias, objetos de arte, fitas de vídeo ou qualquer forma de som (CRESWELL, 2007, p. 190).

Com relação aos documentos públicos, foram utilizados os disponíveis em sites facilmente encontrados no Google, bem como documentos particulares que fazem parte do acervo da Colônia de Pescadores Z-25. Os materiais audiovisuais, incluindo registros fotográficos e gravações no celular da autora da pesquisa, também foram empregados. Vale ressaltar que a fotografia foi utilizada com intencionalidade, pois ela não se limita a ser apenas um aparato de imagens sobrepostas; na verdade, na fotografia reside a emoção, sensibilidade e respeito pelo momento e pela imagem do outro. Com isso, o trabalho procurou fotografar os pescadores artesanais no lago em momentos de pescaria e vivências na Vila de Jenipapo.

Merece destaque a antropologia visual, que, antes de tudo, permite a contemplação e o envolvimento com o momento da ação. Segundo Ferraz (2014, p.134), “entre o texto escrito e a imagem/som, não há identidade nem oposição, e sim complementaridade”. Os recursos visuais apresentados neste trabalho têm a intenção de comunicar e revelar as belezas desse lugar, que exerce fascínio e permite diálogos.

3.4. Sistematização e análise dos dados

Um conjunto de técnicas foi aplicado para analisar os dados produzidos, sendo eles: dados verbais (entrevista semiestruturada e conversas), visuais (observação participante e fotografias) e audiovisuais (transcrição de áudios). Todos esses dados são frequentemente utilizados por pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa. Além disso, os métodos de observação participante e etnografia foram combinados para se ater nas minúcias e detalhes apresentados no cotidiano da pesquisa, permitindo, dessa forma, uma compreensão aprofundada do tema em questão.

Preparar os dados para análise, conduzir análises diferentes, aprofundar-se cada vez mais no entendimento dos dados, fazer representação dos dados e fazer uma interpretação do significado mais amplo dos dados (CRESWELL, 2007, p. 196).

Com base no que foi observado e seguindo os instrumentos de pesquisa, foi possível fazer a sistematização dos dados de tudo o que foi observado, escutado e lido, dessa forma, possibilitando a interpretação dos eventos do cotidiano organizacional dos pescadores e pescadoras.

Para a análise dos dados, são observados cinco estágios propostos pelo autor Marcondes, Teixeira e Oliveira (2010). No primeiro momento, há o interesse na elaboração de um conjunto de questões para reflexão sobre o que deseja pesquisar. Em seguida, define-se o local de aprofundamento dessas questões para serem problematizadas e examinadas. No terceiro momento, consiste na tomada de conceitos da cultura, crença e valores vistos pelo pesquisador em suas anotações, dando continuidade no processo de pesquisa. É importante ter um diário de pesquisa para discussão das questões e para os resultados parciais que esta pesquisa terá, com a colaboração de metodologias apropriadas (MARCONDES; TEIXEIRA; OLIVEIRA, 2010, p. 32).

De posse do material de campo obtido pelas técnicas, os conteúdos foram analisados, os documentos que poderiam ser utilizados no trabalho final foram extraídos, assim como as imagens, entrevistas e conversas. Todo esse processo envolve preparação dos dados para análise, requerendo do pesquisador um aprofundamento na busca de procurar o entendimento dos dados, fazer representação dos dados e fazer uma interpretação do significado mais amplo dos dados (CRESWELL, 2007).

O momento da sistematização dos materiais coletados deve primar pela organização, pois nesse momento o pesquisador visa extrair os sentidos da pesquisa, os objetivos por meio dos textos, das fotografias e gravações. Levando-se em conta o objetivo da análise e a interpretação. A análise tem como objetivo organizar e sumariar os dados de forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a busca do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos (GIL, 1994).

Um trabalho para verificação do material foi realizado, separando as entrevistas, os documentos, os nomes dos sujeitos de pesquisa, as respostas nas entrevistas, catalogando as fotos e todas as possíveis interpretações. Após isso, a exploração dos dados e a interpretação foram momentos vitais para a realização do trabalho de pesquisa, por representarem os significados da pesquisa de campo. Traduzindo-se no relatório de pesquisa que tem como meta comunicar os resultados de pesquisa.

Enfim, a partir dos dados empíricos e teóricos, foi possível estabelecer as categorias de análises e referenciar cultura, educação e trabalho. Outro fator preponderante foi o uso das entrevistas que alargaram os sentidos dessa pesquisa.

3.5 Estado do conhecimento.

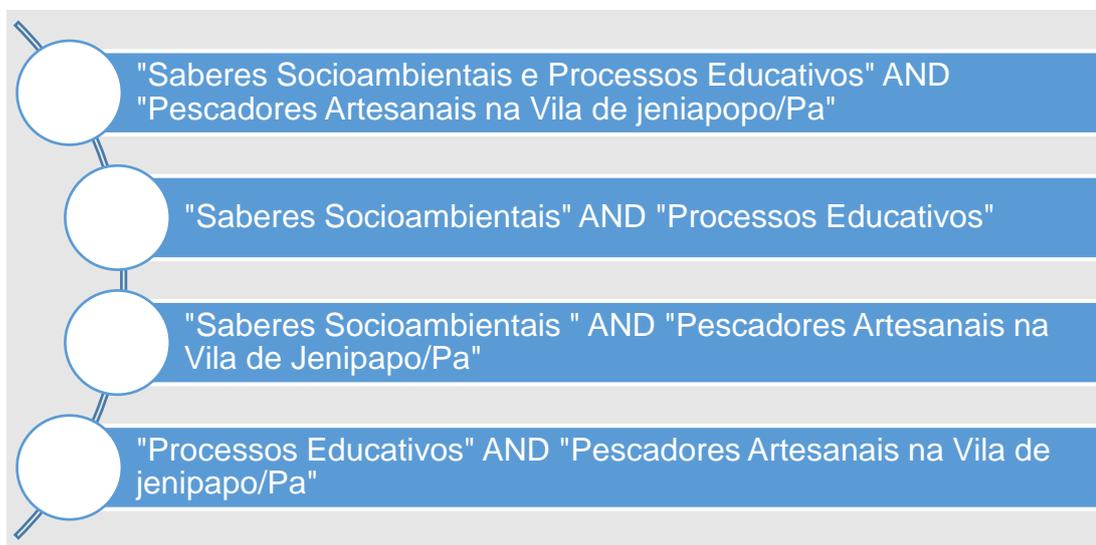
No transcorrer da construção desta proposta de investigação, alguns estudos que se aproximam do objeto de estudo foram identificados, atentando-se para identificar as principais temáticas abordadas, atores sociais analisados, metodologias e contribuições epistemológicas resultantes de suas considerações. Diante disso, uma síntese deste mapeamento foi apresentada, enfatizando possíveis diferenças desta pesquisa. Destacou-se como relevante a identificação nos textos: a instituição na qual a pesquisa foi realizada, a pessoa que a produziu, a temática e o ano da publicação do trabalho, fatores que caracterizam a produção dentro do campo científico e dessa maneira, colaboram com o percurso investigativo.

Na busca no repositório da CAPES, foram trabalhados os descritores “Saberes Socioambientais e Processos Educativos” AND “Pescadores Artesanais na Vila de Jenipapo/Pa”; com os quais foram localizados 16 resultados. Para os descritores “Saberes Socioambientais” AND “Processos Educativos”, foram localizadas 3 dissertações e, para os descritores “Saberes Socioambientais” OR “Processos Educativos” AND “Pescadores Artesanais na Vila de Jenipapo/Pa”, não houve trabalhos localizados.

Destaca-se que, dos títulos do descritor 1, conforme a figura abaixo, apenas uma das 16 obras localizadas foi selecionada. Em relação ao descritor 2, as três dissertações localizadas foram descartadas, e com relação aos descritores 3 e 4, não houve trabalhos que seguissem esses aspectos. Ao todo, foram localizadas 19 dissertações, das quais 18 foram descartadas, sendo utilizada apenas uma por possuir aproximações com o trabalho de pesquisa em questão. Em consonância,

através da Figura 3, pode-se demonstrar os descritores utilizado na composição dos estudos selecionados e coletados para esta presente pesquisa.

Figura 3 - Descritores inseridos na plataforma.



Fonte: elaborado pela autora, 2022

Seguindo o percurso de busca por trabalhos que estivessem relacionados ao fenômeno investigado, uma pesquisa foi realizada no repositório de Trabalhos de Conclusão de Curso – TCC da Universidade Federal do Pará - UFPA, bem como no banco de dissertações do PPGED/UFPA. Com a finalidade inicial de descoberta, os títulos que chamavam atenção para a educação do campo e organização social de comunidades do interior paraense foram priorizados. Os trabalhos pesquisados abrangem o período de 2009 a 2019. Dessa forma, um total de 13 trabalhos foram selecionados, e três produções se aproximaram dos temas de interesse, sendo um TCC e duas dissertações. Conforme o Quadro

Quadro 2 - Resultados das buscas no repositório da UFPA.

AUTOR (A)	TÍTULO	NÍVEL	LÓCUS	ANO
Benedita Alcidema Coelho dos Santos Magalhães	Educação do campo, poder local e políticas públicas: a Casa Familiar Rural de Gurupá-PA, uma construção permanente.	Dissertação	Gurupá	2009
José Domingos Fernandes Barra	A relação trabalho e educação no contexto dos acordos de pesca em cameté/pa: uma alternativa econômica ou uma prática de resistência?	Dissertação	Cameté	2013

Adriano do Egito Vieira	Palafitas, parentesco e organização social na vida cotidiana dos moradores de Jenipapo	Monografia	Vila De Jenipapo	2013
----------------------------	---	------------	---------------------	------

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

A pesquisa realizada por Magalhães (2009), intitulada “Educação do Campo, poder local e políticas públicas: a Casa Familiar Rural de Gurupá-PA, uma construção permanente”, aborda a experiência da Casa Familiar Rural no município de Gurupá, discutindo a relação entre Educação do campo, Poder Local e políticas Públicas no contexto local. O estudo enfatiza a concepção de organização Pública Não Estatal na oferta da educação do campo e a relação entre Sociedade Civil e Estado. Nesse trabalho, foram buscados elementos que pudessem ajudar a compreender os conceitos de educação do campo e poder local, bem como as políticas públicas relacionadas, de forma a contribuir para a pesquisa em questão.

Outra dissertação relevante foi a de Barra (2013), intitulada “A relação trabalho e educação no contexto dos acordos de pesca em Cametá/PA: uma alternativa econômica ou uma prática de resistência?”. Esse estudo explora a relação entre Trabalho e Educação em uma comunidade de pescadores artesanais no município de Cametá, dando voz aos excluídos e povos com saberes silenciados. Esse trabalho auxiliou no entendimento de parte das categorias de pesquisa: trabalho e educação, devido à aproximação com a comunidade de pescadores artesanais que apresenta resistência de saberes.

A dissertação de Vieira (2013), intitulada “Palafitas, parentesco e organização social na vida cotidiana dos moradores de Jenipapo”, aborda a organização familiar e social na Vila de Jenipapo, destacando as famílias Gemaque e Pamplona. O trabalho apresenta detalhes ricos sobre o cotidiano da Vila, abordando minúcias das vivências que contribuíram para as possibilidades de escrita da dissertação.

Buscando um refinamento mais próximo de sua temática, a pesquisadora verificou por último o banco de dissertações do Mestrado em Educação do PPGED/UEPA, especificado no Quadro 3. Foram selecionadas 23 dissertações e quatro delas foram utilizadas, motivadas pela temática e pela orientação da Professora Dra. Maria das Graças da Silva, bem como por referenciarem a pesca e os saberes ribeirinhos tradicionais. Em particular, a dissertação de Darcel Andrade Alves (2009), intitulada “A Educação n’O Museu do Marajó: ver - tocar -

contextualizar”, despertou interesse ao abordar o museu em Cachoeira do Ararí e ressaltar a dor do povo de Santa Cruz do Ararí em relação ao desterro desse projeto.

Quadro 3 - Resultados das buscas realizadas no repositório do PPGED/UEPA.

AUTORES	TÍTULO	NÍVEL	LÓCUS	ANO
Alzira Almeida De Araújo	Saberes Culturais da Pesca Artesanal na Amazônia Ribeirinha de Vigia de Nazaré/PA	Dissertação	Vigia de Nazaré	2019
Darcel Andrade Alves	A Educação n´O Museu do Marajó: ver - tocar – contextualizar	Dissertação	Cachoeira do Ararí	2009
Sonia Mara do Rosário	Saberes e processos educativos em experiências de trabalho no contexto rural - ribeirinho amazônico	Dissertação	Santarém	2017
Cirlene do Socorro Silva da Silva	Casas de farinha: espaço de (con) vivências, saberes e práticas educativas.	Dissertação	Mãe do Rio	2011
Marcileno Nunes de Lima	Cartografia de saberes e processos educativos inscritos na pescaria artesanal do salto	Dissertação	Curuçá, Ilha de Pacamorema	2018
Adriane Raquel Santana de Lima	Cartografia de Saberes nas Práticas Educativas Cotidianas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST na Amazônia Paraense	Dissertação	Assentamento João Batista II	2014

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

O estudo sobre as práticas de trabalho intitulado “Saberes Culturais da Pesca Artesanal na Amazônia Ribeirinha de Vigia de Nazaré/PA”, realizado por Araújo (2019), teve como problema de pesquisa a investigação dos saberes que sustentam as práticas de trabalho na pesca artesanal na comunidade de Beiradão, na cidade de Vigia/PA. O objetivo geral do estudo foi analisar a existência e a forma como ocorre o diálogo entre as práticas de trabalho e os saberes culturais dos pescadores artesanais do Beiradão de Vigia. Esse trabalho é relevante e se destaca por apresentar-se rico em dados coletados por diversos instrumentos e abordar a temática com profundidade.

A dissertação de Alves (2009), intitulada “A Educação n’O Museu do Marajó: ver - tocar – contextualizar”, aborda a aprendizagem no Museu do Marajó, localizado na maior ilha fluvial do mundo, na foz do rio Amazonas, no extremo norte do Brasil. O museu é considerado o maior guardião da cultura marajoara, com sua história se confundindo com a de seu mentor, Giovanni Gallo. A presença do padre Giovanni Galo, que esteve em missão religiosa na vila de Jenipapo, e o fato do museu ter tido início no município de Santa Cruz do Ararí, chamam atenção nessa dissertação.

A dissertação de Aleixo (2017) aborda os “Saberes e processos educativos em experiências de trabalho em uma comunidade rural-ribeirinha no município de Santarém Novo, no Pará”. A autora investigou os saberes e processos educativos mapeados no cotidiano da comunidade, analisando seis sujeitos de pesquisa envolvidos em atividades relacionadas ao cultivo da maniva, à extração de caranguejo e à pesca nos rios.

Silva (2011) apresentou um estudo sobre as “Casas de Farinha: espaço de (con)vivências, saberes e práticas educativas”, analisando o processo de construção e socialização de saberes e práticas educativas a partir das convivências dos agentes sociais da comunidade. Lima (2018) realizou o estudo denominado “Cartografia de Saberes e Processos Educativos Inscritos na Pescaria Artesanal do Salto”, cujo objeto de estudo foi a observação, mapeamento e descrição dos saberes e processos inscritos no fazer dessas atividades. O autor demonstra cuidado com os processos educativos e um olhar voltado para a conservação da natureza.

Lima (2014) desenvolveu um trabalho de pesquisa intitulado “Cartografia de Saberes nas Práticas Educativas Cotidianas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST na Amazônia Paraense”. A autora visa contribuir com os estudos educacionais sobre Movimentos Sociais, analisando a produção e a circulação de saberes culturais no cotidiano educativo do Assentamento, e como metodologicamente esses saberes são trabalhados na perspectiva da Educação Popular.

A realização do estado do conhecimento revelou uma grande quantidade de trabalhos relacionados aos saberes das populações tradicionais em contexto amazônico, com enfoque nas territorialidades das comunidades ribeirinhas, um campo abrangente que revela diversos saberes e possibilita o estudo de diferentes ramos do conhecimento. Esses estudos, conduzidos por instituições paraenses em conjunto com pesquisadores, visam mapear, estabelecer diálogos entre saberes e analisar

práticas e experiências de trabalho dos habitantes amazônicos em sua pluralidade cultural.

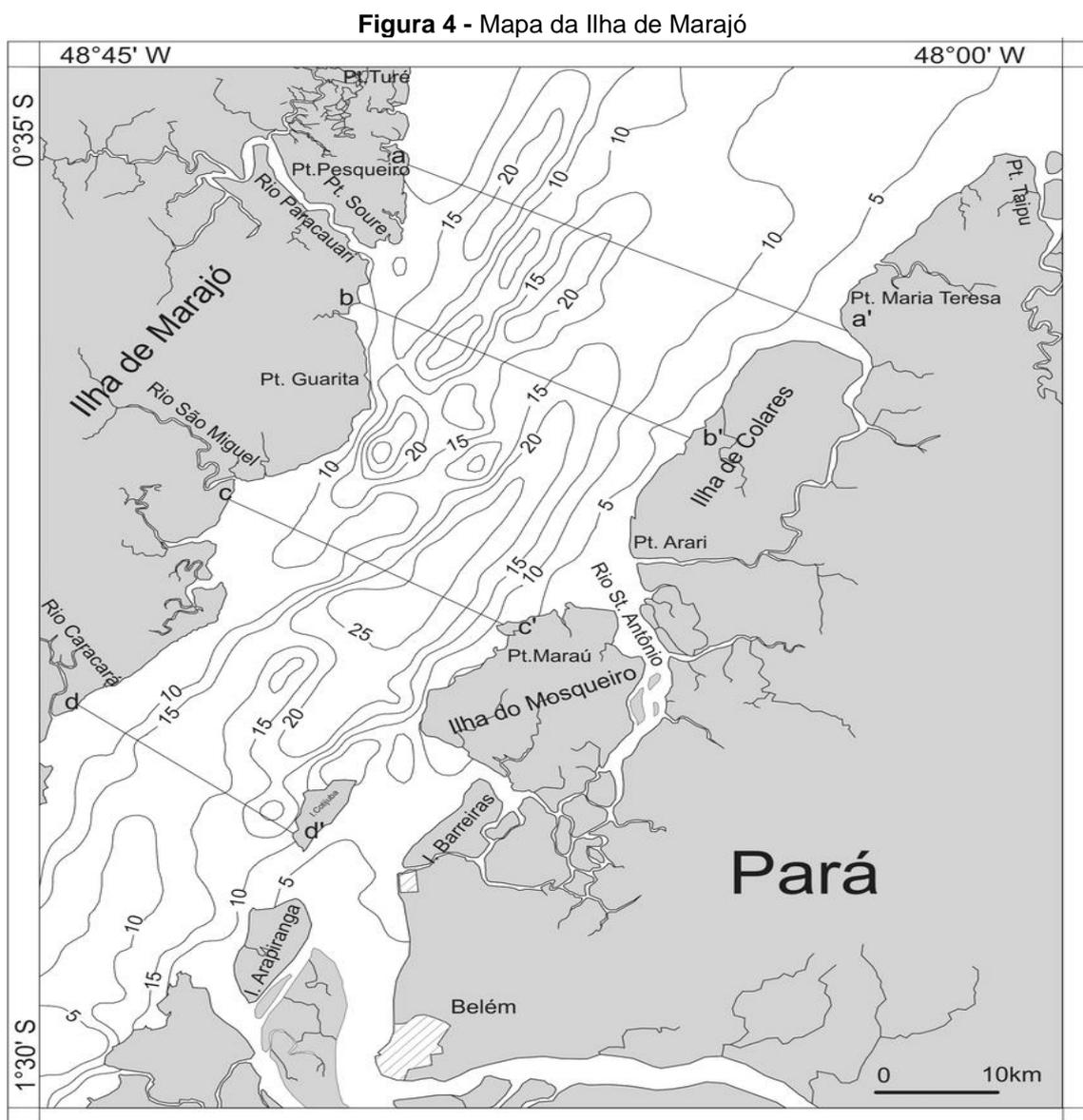
Além disso, a produção do estado do conhecimento sobre a temática indicou que o objeto de estudo ainda não havia sido contemplado em outras pesquisas, visto que a autora analisa os saberes presentes no território do Lago Ararí, que possui especificidades sazonais. Os moradores dessa região lidam com dois modos distintos conforme o período do verão e do inverno.

Com base nessa análise do estado do conhecimento, foi possível compreender o panorama das pesquisas já realizadas no campo dos saberes socioambientais e processos educativos de pescadores artesanais na Vila de Jenipapo/Pa. Esses estudos são importantes referências para a presente investigação, permitindo uma contextualização mais ampla e a identificação de lacunas ou aspectos pouco explorados, os quais podem ser abordados nesta pesquisa.

4. CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-TERRITORIAL DO AMBIENTE DA PESQUISA

4.1. O arquipélago do Marajó/Pará

O arquipélago do Marajó encontra-se na região norte do Brasil e faz parte do estado do Pará. De acordo com IBGE (2023), possui uma superfície de 3.200 km² e está situado entre a capital Belém e a ponta Taipu.



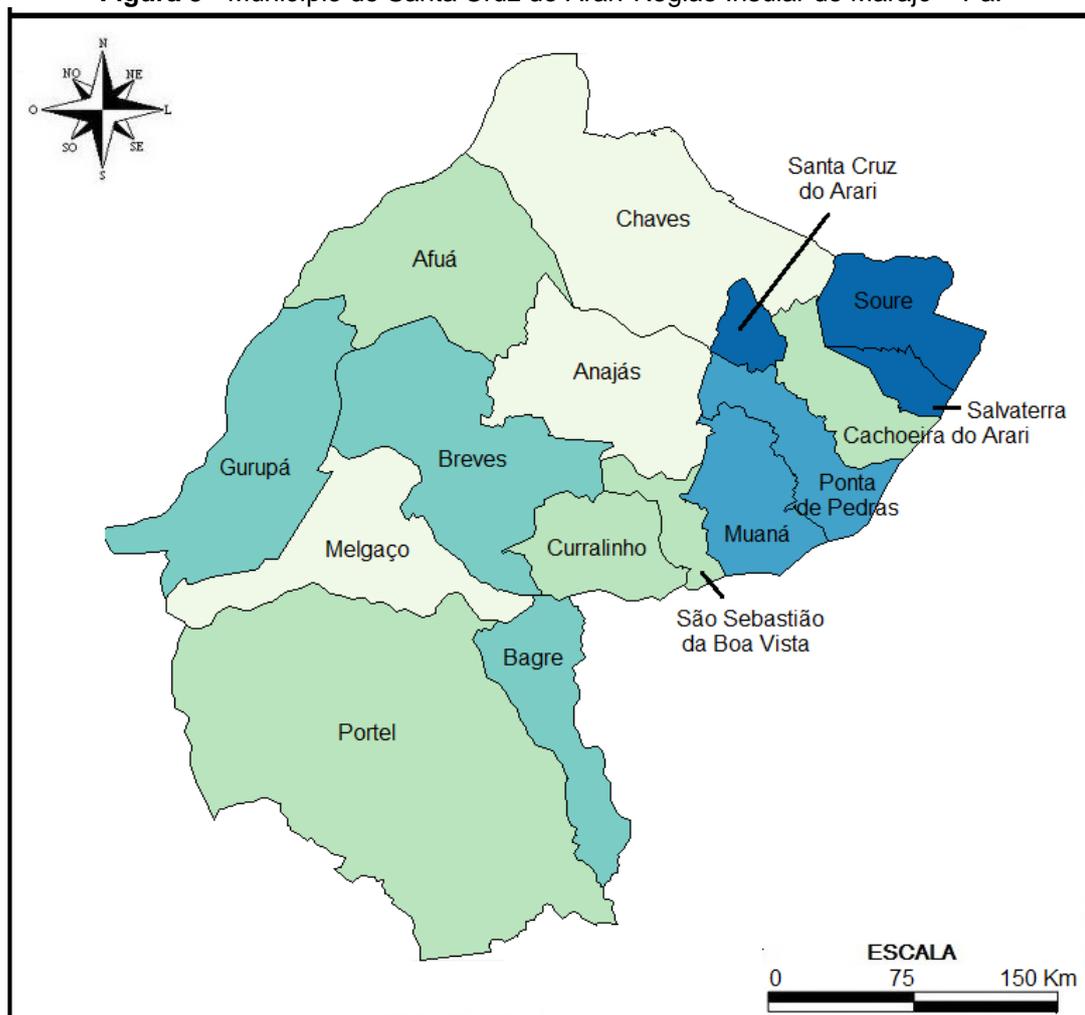
Fonte: Corrêa (2005).

Devido à sua grande superfície territorial, o Marajó é dividido em mesorregiões e microrregiões e é habitado por povos tradicionais que convivem com a natureza, estabelecendo uma relação íntima entre o ser humano e o meio ambiente. Nesse sentido, chama-se atenção para o fato de que essa região apresenta singularidades territoriais, conforme observado por Quintela, Toledo e Vieira (2018).

A mesorregião do Marajó, no estado do Pará, apresenta-se como um território com atributos que o singularizam no cenário nacional. É constituído por um mosaico de ecossistemas dinâmicos, com uma rica biodiversidade. A tradição e a modernidade coexistem espacialmente entre interesses diversos e conflitantes – a maior parte dele é Área de Preservação Ambiental, possui grandes áreas de produção pecuária e elevada população de comunidades tradicionais que vivem do extrativismo vegetal, pesca e agricultura (QUINTELA; TOLEDO; VIEIRA, 2018, p .200).

As especificidades do território marajoara, conformadas pela vida na floresta e pelas comunidades tradicionais, são pontuadas por Quintela, Toledo e Vieira (2018), evidenciando a pluralidade cultural presente na região. Após a contextualização do Marajó, foi necessário caracterizar o município de Santa Cruz do Ararí, em seguida a Vila de Jenipapo, e então situar o lócus da pesquisa, o Lago Ararí. O mapa 3, a seguir, destaca o município de Santa Cruz do Ararí em relação aos demais da região insular.

Figura 5 - Município de Santa Cruz do Ararí-Região Insular do Marajó – Pa.



Fonte: Ideflor-Bio, 2022.

4.2. Santa Cruz do Ararí

É um lugar de êxtase e encantamento.
 É puro deslumbre do encontro e um prazer
 Da hora da chegada do momento
 É um constante navegar nas aventuras do pensamento.
 É viver sem se preocupar com as horas.
 Terra que vive de encantar
 Cidade de uma cultura singular
 De uma gente feliz que segue em acreditar
 Que tudo vai dar certo e a vida vai melhorar.
 Santa Cruz do Ararí é um tesouro escondido
 E por ser preciosa pertence à Ilha de Marajó
 Linda feliz por si só.
 Por estes lados é comum ver a solidão do pescador.
 A beleza das aves do lugar
 O cantar incessante de vida
 (SANTOS, 2019, p. 28).

Santa Cruz do Ararí¹³ é um município do Estado do Pará que é estendido por 1.075,2 km² e conta com uma população de 10.128 habitantes, de acordo com o último censo. A densidade demográfica no território do município é de 9,4 habitantes por km². É vizinho dos municípios de Cachoeira do Ararí, Chaves e Ponta de Pedras, entre outros. Santa Cruz do Ararí situa-se a uma altitude de 9 metros e possui as seguintes coordenadas geográficas: Latitude 0° 39' 52" Sul, Longitude 49° 9' 48" Oeste.

O Município de Santa Cruz do Ararí, localizado às margens do Lago Ararí é de recente criação. Entretanto, a sua emancipação político-administrativo somente ocorreu, em 1961, quando se desmembrou dos municípios de Ponta de Pedras e Chaves. Em divisão territorial datada de 1963, o município é constituído do distrito sede e assim permanecendo em divisão territorial datada de 2005 (UFPA, 2012).

Na Figura 6 e 7, são exemplificadas tanto a representação do município de Santa Cruz do Ararí quanto uma vista panorâmica da ponte que se estende ao longo da orla. Através dessas imagens, é possível visualizar o território do município e capturar a perspectiva da ponte que conecta as margens, proporcionando uma visão abrangente das características geográficas e urbanas da região.

¹³ **Santa Cruz do Ararí** é um dos 16 municípios que compõem o arquipélago do Marajó, vista na figura 2 e 3 de frente.

Figura 6 - Santa Cruz do Ararí

Fonte: Arquivo da Pesquisadora, Jan./2022

Figura 7 - Santa Cruz do Ararí (vista da ponte da orla)

Fonte: Arquivo da Pesquisadora, Jan./2022

Outro fator importante é o fato de Santa Cruz do Ararí estar localizada à margem direita do Lago Ararí, na zona fisiográfica do Marajó e Ilhas, e ter sido criada recentemente. Quanto aos fundamentos históricos, de acordo com Santos (2019), alguns moradores antigos relatam que a sua origem remonta a 1868, quando o Imperador D. Pedro II doou a sesmaria de Santo Inácio ao Alferes Plácido Pamplona, onde mais tarde foi fundada a fazenda de Santa Cruz, que é a origem da atual cidade. Na Figura 8, é possível observar a vista aérea da orla de Santa Cruz, o que permite perceber toda a extensão da orla e parte do Lago Ararí.

Figura 8 - Vista aérea de drone da orla de Santa Cruz do Ararí

Fonte: Luz, 2022.

o Seguro Defeso, possibilitam que os moradores das classes menos favorecidas garantam uma renda capaz de suprir suas necessidades cotidianas.

Ao considerar a economia nesta pesquisa, verificam-se os períodos de safra, quando há abundância de pescado e os preços baixam, e a entressafra, na qual o preço do peixe sobe. A pesca faz girar a economia, com a chegada de geleiras e a compra e venda de peixes direto para os atravessadores, o que desvaloriza o esforço empreendido pelos pescadores. Além disso, existe a presença de pequenos comerciantes, funcionários públicos estaduais e municipais, e o Bolsa Família, que é uma complementação de renda para muitos moradores.

Outro destaque é a criação de búfalos por pequenos criadores, que contribui para a renda e complementação alimentar da Vila de Jenipapo. Alguns pescadores e criadores têm pequenos retiros¹⁴ nos quais criam búfalos (Figura 10), obtendo carne, couro, leite, doce e queijo, proporcionando uma renda extra a algumas famílias. No inverno, é comum encontrar os búfalos pastando submersos até o pescoço nas margens do Lago Ararí, enquanto no verão, as manadas são manejadas nas pastagens descobertas pelas águas no entorno do Lago.

Figura 10 - Retiro de criação de búfalo.



Fonte: Arquivo da Pesquisadora, out./2021.

¹⁴ Retiros: denominação local usada para designar pequenas propriedades de criadores de búfalos e gado comum.

A referência do Marajó na criação de búfalos é evidente e demonstra a diversidade de produção na região dos campos de Marajó. O Pará é destacado no cenário nacional como local de destaque na criação desta espécie de animal. Sendo os campos alagados, o local propício para o desenvolvimento dos rebanhos.

Localizada no estado do Pará, a ilha do Marajó é a maior ilha costeira do Brasil e a maior ilha fluviomarítima do mundo. Com área de aproximadamente de 40.100km², possui cerca de 533.397 habitantes (IBGE, 2015) e sua economia gira em torno da criação de búfalo. De acordo com crônicas e relatos não oficiais, a ilha serviu como porta de entrada do búfalo no Brasil, por volta dos anos de 1890 e 1895 em embarcações que traziam condenados foragidos da Guiana Francesa. Há outros relatos que citam que os animais poderiam ter vindo do Caribe e das Guianas, através da chegada de colonizadores ingleses e holandeses no país. [...] O Pará lidera o ranking nacional com um efetivo de 507.882 cabeças, em 2013, equivalente a 38,12% da produção brasileira, quantidade 11,85% maior em relação ao ano de 2012 (Tabela 3). Os principais municípios produtores são Chaves (28,41%), Soure (23,64%) e Cachoeira do Arará (7,38%). Localizada no estado do Pará, a ilha do Marajó é a região que concentra o rebanho bubalino mais expressivo, com cerca de 214.899 cabeças (SANTOS, 2020, p. 9 -12).

Segundo Santos (2020), faz referência à chegada dos búfalos à ilha remota em 1890 e destaca que o Pará é líder no Brasil na criação dessa espécie de animal, sendo que os campos de Marajó abrigam quase metade do rebanho no país. Todos esses aspectos são responsáveis por absorver a cultura do manejo desse tipo de criação e consumo de carne, leite e seus derivados.

Neste aspecto, a criação de búfalo é uma alternativa eficiente aos produtores rurais, tendo em vista a rusticidade desse animal, que permite um manejo simples e de baixo custo. O búfalo movimentava a economia local da ilha, estando presente na produção de carne, leite, couro, no transporte de cargas e na fabricação de queijo (SANTOS, 2020, p. 13).

Assim, destaca-se essa importante contribuição alimentar na região e a oportunidade de trabalho oferecida aos moradores das populações tradicionais. A autora ressalta que os índices de desenvolvimento humano no Marajó são baixos e que essa prática de criação de búfalos (Figura 11) ajuda a suprir a carência alimentar na região.

Figura 11 - Búfalos pastando no Lago Ararí no verão



Fonte: Arquivo da Pesquisadora, Out./2021.

Um dos destaques abordados pela autora refere-se à produção de leite, sendo o principal derivado o queijo, que possui elevado valor comercial e é muito apreciado tanto pela população de Belém quanto pelos turistas que visitam a ilha de Marajó.

Na produção leiteira, segundo o Boletim Agropecuário do Estado do Pará de 2015, o setor mostra-se em crescimento, onde predomina os pequenos criadores, com cerca de 40 laticínios registrados neste ano, produzindo queijo, iogurtes e outros derivados (SANTOS, 2020, p. 13).

As fazendas e retiros que circundam o Lago Ararí possuem uma boa produção leiteira, e os principais derivados são: queijo, coalhada, doce de leite, entre outros, como já mencionado, todos os derivados do leite. Além disso, a produção de carne de corte do rebanho bubalino contribui para a alimentação da população e é notória no entorno da Vila pelos pequenos criadores.

4.3. Aspectos culturais

Além do círio de Nazaré e da festividade de São Pedro, existem outros importantes eventos culturais no município, como o aniversário da cidade, no qual são realizadas variadas atividades esportivas e culturais. Outro evento de grande expressão no município é a ocorrência do festival do tamuatá. É comum encontrar, conforme a imagem, os búfalos pastando no inverno, e no verão, às margens do Lago Ararí, onde as manadas são manejadas nas pastagens descobertas pelas águas do entorno do Lago, e a grama verdinha torna-se fonte de alimento.

A criação bubalina paraense apresentou momentos de altos e baixos nos últimos dez anos. No primeiro momento, entre os anos de 2003 e 2006, houve uma diminuição no rebanho devido ao baixo interesse mercado consumidor pela carne de búfalo. Em 2007 foi marcado pela retomado do crescimento, após a liberação de estudos avançados comprovando o alto valor nutricional da carne. O consumo do chamado “Baby búfalo” era proveniente da categoria de carne de animais abatidos com idade entre 18 e 24 meses de vida (SANTOS, 2020, p. 13).

Outro aspecto evidente refere-se à pouca infraestrutura local e à carência de serviços básicos de saúde, saneamento, água tratada, luz elétrica e transporte, os quais se configuram como barreiras para o desenvolvimento dessa região. Segundo dados do Censo Demográfico de 2010/Pará (IBGE, 2010), a população do município era de 8.164 em 2010, sendo 4.001 habitantes na zona urbana e 4.163 na zona rural. O sistema de produção e comercialização demonstra que a economia do município se baseia na pesca, sendo o produto comercializado com valores que variam de acordo com seus períodos de safra e entressafra.

No centro da cidade de Santa Cruz do Ararí (Figura 12), na praça matriz, encontra-se um monumento, um grande tamuatá, em homenagem ao peixe cascudo. Um dos momentos mais esperados do ano é o Festival do Tamuatá (Figura 13), que além de referenciar o pescado, valoriza a cultura do lugar. O festival ocorre normalmente no final de julho, marcando a época da safra do peixe e coincidindo com a seca do Lago Ararí.

Figura 12 - Símbolo do tamuatá na Praça Matriz.



Fonte: Arquivo da Pesquisadora, Jan./2022

Figura 13 - Festival do Tamautá.



Fonte: retirado do site da prefeitura de Santa Cruz do Arari, 2022.

Segundo Bentes (2012, p. 42), “o evento Festival do Tamuatá vem ganhando grande visibilidade”, sendo uma festa que chama atenção pela peculiaridade do tamuatá e a grande abundância desse pescado na região do Arari.

4.4. Vila de Jenipapo e suas singularidades sócio territoriais

A Figura 14 retrata bem a Vila de Jenipapo, revelando cinco características bem demarcadas nesta pesquisa: na frente, visualiza-se a entrada do Lago Arari e o nascimento do Rio Arari. Além disso, é possível observar a genialidade na arte de construir palafitas, pontes e caminhos pelos moradores, bem como as edificações construídas sobre estacas. No período do inverno, nota-se as águas alagando toda a região, e entre o lago e a vila, os seres humanos criaram mecanismos para enfrentar esse período e se protegerem das enchentes. Por fim, destaca-se uma ponta de terra na outra margem do rio, que é de propriedade privada.

Figura 14 - Vila de Jenipapo e a sinuosidade do Rio Ararí e vista do Lago Ararí.



Fonte: Ricardo, 2022.

A Vila de Jenipapo está situada na região de campos de Marajó e faz parte do município de Santa Cruz do Ararí. Em seu livro “Marajó: a ditadura da água”, Gallo (1997, p. 63) menciona que “todo mundo sabe que existe o Marajó [...] poucos estão a par da presença de Jenipapo (está localizado na boca do Lago)”. Esse local representa uma parte da pluralidade que existe e resiste na Amazônia, sendo habitado por povos tradicionais detentores de saberes e experiências que necessitam ser conhecidos. A palavra “experiência”, nesse contexto, é tratada no sentido apresentado por Bondía (2002):

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, [...] cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (BONDÍA, 2002, p. 24).

Dessa forma, ao estudar os saberes e práticas socioeducativas e ambientais presentes nas experiências de trabalho da Vila de Jenipapo, torna-se possível compreender suas vivências e modos de vida, bem como sua relação com os ecossistemas ao redor. Observa-se, assim, a humanização desse espaço no Lago Ararí, onde os moradores desenvolvem suas atividades laborais e interagem com o ambiente de forma consciente e adaptada às particularidades da região.

O espaço é a junção da paisagem com a sociedade. Deixa de ser uma observação de momento, para ser a paisagem com o movimento. com a dinâmica social, como sendo o local, com suas características peculiares, que são impressas pelo uso que se dá a ele, no qual cada indivíduo ou grupo social se desenvolve em uma lógica biológica (com a ingestão de alimentos), produtiva (com o trabalho, entendido de maneira geral) e/ou cultural (com seus mitos, tradições, hábitos e costumes). A produção do espaço, ou produção do espaço geográfico, ou humanização do espaço, é resultado das ações dos homens e mulheres] sobre a natureza, seja ela, artificial (transformada pelo ser humano) ou natural, para garantir os meios para a sua sobrevivência seja através da prática de atividades como o extrativismo, a agricultura, a caça e a pesca. etc. (SANTOS. 1996 apud MOREIRA, 2002). Graças a essas relações no/com o meio, o espaço & peculiar a cada localidade, como o das comunidades rurais-ribeirinhas, visto a diferenciação de relações que se desenvolvem nestes locais. Assim, cada su- eito cuida do espaço da melhor forma possível para preservá-lo saudável agradável a todos (OLIVEIRA, 2008, p. 27).

O entorno do Lago Ararí é considerado um espaço humanizado, uma vez que é resultado da ação dos seres humanos, que transformam a natureza e buscam meios para garantir sua sobrevivência. Nesse contexto, é observado que os sujeitos que dependem do extrativismo retiram da natureza o que necessitam, e a forma como se relacionam com o ambiente envolve métodos de cuidado e preservação para assegurar a sobrevivência da população.

A Figura 15 ilustra a nascente do Rio Ararí, capturando o ponto de origem onde as águas deste rio começam a fluir. A imagem destaca a importância desse local como o ponto de partida para as águas que irão posteriormente formar o curso do rio, destacando assim a vitalidade e o papel fundamental que as nascentes desempenham no ciclo hidrológico da região.

Figura 15 - Nascente do Rio Ararí.



Fonte: Arquivo da Pesquisadora, Jan/2022.

Nesse contexto, a pesquisa esteve voltada para as práticas de trabalho dos pescadores artesanais, sendo eles reconhecidos como sujeitos dotados de saberes e que utilizam esses conhecimentos como ferramentas de trabalho para garantir o sustento de suas famílias. As necessidades reais e intenções dos seres humanos no trabalho que executam no espaço em que vivenciam suas experiências cotidianas foram consideradas.

Chama-se a atenção, de forma contraditória, para a presença de grandes propriedades de terra e criação de gado das fazendas que fazem fronteira com a Vila de Jenipapo. Observa-se um espaço de contradição, onde os moradores da Vila estabelecem uma relação com a natureza e, por meio do trabalho, tentam garantir sua própria existência, baseados nos saberes ancestrais, sobrevivendo apenas com o terreno em que suas casas foram construídas. A partir desse contexto, surgem

conflitos entre os pescadores e os proprietários das fazendas. Do trapiche, é possível perceber o outro lado, a terra dos fazendeiros (Figura 16 e 17).

Figura 16 - Trapiche de Jenipapo de frente.



Fonte: Arquivo da Pesquisadora, Jan./2022

Figura 17 - Trapiche no sentido de quem pelas pontes.



Fonte: Arquivo da Pesquisadora, Jan./2022

De acordo com Almeida (2009, p. 25), a Vila de Jenipapo tornou-se um local de acesso, sendo “um território de passagem obrigatória para os que demandam o Lago através do Rio Ararí ou para os que, em sentido contrário, por ele buscam alcançar a baía do Marajó e a capital, Belém”. A representação do trapiche remete a essa ideia de chegada e partida das mais diversas viagens, pois quem pretende chegar em Santa Cruz tem que passar pelo Jenipapo.

No entanto, Almeida (2009, p. 30) considera que “o povoado se desenvolveu, apenas na margem direita do alto Ararí”, pois do outro lado ficam os grandes proprietários de terras, fazendas produtoras de gado. Na margem esquerda estão localizados pequenos proprietários com seus pequenos “retiros”. Vale destacar que a grande maioria dos moradores da Vila são pescadores e dispõem apenas da casa como porção de terra.

Jenipapo é uma vila composta por 1.651 famílias no ano de 2022, conforme relatou a Agente Comunitária de Saúde (ACS) Ana Dulce Galvão durante um diálogo espontâneo em janeiro de 2022. Além disso, ela destacou que o território da vila é subdividido em seis micro-áreas, cada uma sob a responsabilidade de um ACS.

Segundo Tuan (1983) a definição de lugar é:

Lugar é uma pausa no movimento. Os animais, incluindo os seres humanos, descansam em uma localidade porque ela atende a certas necessidades biológicas. A pausa permite que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor [...] os homens o fazem, e este fato contribui para a intensidade de seu sentimento de lugar (TUAN, 1983, p. 153).

Na Vila de Jenipapo, observa-se a existência de uma relação de pausa para que as necessidades dos seres humanos que habitam o lugar sejam atendidas. Por ser estratégico, foi possível que os pescadores se estabelecessem na foz do Rio Ararí. De acordo com o relato do pescador Antônio Trindade Carvalho (Tio Baixo), concedido em janeiro de 2022, "O Lago é uma mãe, se tiver com fome é só estender a malhadeira ou jogar a tarrafa e tem boia"¹⁵. Nessa fala, percebe-se que a natureza se apresenta como parte integrante do ser humano que povoa esse lugar. A partir desses aspectos, é possível fazer referência à ocupação humana que ocorre na região costeira e abriga as populações ribeirinhas tradicionais da Amazônia. Quando se considera:

O maior estuário é formado pelas desembocaduras dos rios Amazonas e Tocantins, que apresenta uma riqueza de fitoplâncton a qual responde pela principal fonte trófica para a comunidade aquática tornando-se alvo, portanto de demanda social [...] Esse fenômeno, associado aos diferentes tipos de sedimentos da foz e plataforma amazônica, propicia a formação de ambientes que podem ser categorizados em quatro regiões pesqueiras distintas: Salgado, Baía, Ilha de Marajó, Foz Amazônica propriamente dita e Região Norte. Com tais características, a pesca enquanto manifestação dos usos dos recursos pela população costeira e de fora encontra um campo propício para seu desenvolvimento. Assim praticam-se a pesca de subsistência a pesca comercial e a pesca industrial (FURTADO, 1990, p. 170).

A grandeza do estuário, referenciada pelo autor, deve-se à riqueza dos sedimentos trazidos pelos rios Amazonas e Tocantins, que se destacam em quatro regiões, dentre elas a Ilha de Marajó, que tem o privilégio de receber o fitoplâncton necessário para distribuir vida pela vastidão marajoara e, em especial, ao longo do Rio Ararí e Lago Ararí.

Também é destacado o período sazonal e a presença abundante das chuvas no Lago Ararí, que beneficiam a formação do ambiente aquático necessário para o desenvolvimento dos peixes. As águas provenientes das chuvas trazem vida para a

¹⁵Bóia: refere-se a alimento ou almoço ou janta.

região. O fato da região insular do Marajó ser favorecida com a desembocadura das águas do Rio Amazonas influencia na morfologia social, mobilidade espacial e estratégias de vida na região (FURTADO, 1990, p. 170). Tal qual no Rio Amazonas, é preciso considerar a presença das águas das chuvas no inverno, que ocasiona a cheia do rio Ararí; em suas margens, escoam diversas cachoeiras, ocorre a subida dos peixes para a reprodução e a presença de aves migratórias. Na enchente do rio Ararí, as águas cercam e tomam conta do espaço, demarcando o território.

Todo esse movimento no período sazonal do inverno, demonstrado na Figura 18, deixa evidente a engenharia e o aprendizado do ser humano morador da Vila.¹⁶ Observando as palafitas submersas, nota-se uma adaptação para sobreviver nos tempos impostos pela natureza. As pontes ligam os caminhos e facilitam a mobilidade do lugar. Também se observa, nessa figura, a presença do Rio Ararí e de pequenas embarcações responsáveis pelos deslocamentos do ser humano fora da Vila.

Figura 18 - A imposição do inverno, o rio e pontes caminhos dos moradores de Jenipapo.



Fonte: Arquivo da Pesquisadora, Jan./2022.

As águas, impõem seu ritmo durante o inverno (período que se estende de janeiro a junho), e o convívio com as palafitas, pontes e canoas é comum em todos os lugares nesse período. Os moradores utilizam o rio e o lago como estradas e, nesse período sazonal da invernada, as chuvas são incessantes. Segundo seu Arismar

¹⁶ O rio e pontes caminhos dos moradores de Jenipapo: a imagem mostra as casas em frente ao Rio Ararí caminhos que os pescadores e pescadoras percorrem para ir para o Lago pescar.

(Entrevista concedida – Jan/2022), “tem dias que a chuva demora três dias e a água só faz crescer em baixo do assoalho. Tem inverno aí, que a invernada é tão forte que as casas da boca do lago vão pro fundo e o pessoal tem que levantar o assoalho.”

Segundo Furtado (1990, p. 173), “a relação homem-terra-mar que permeia a vida dos habitantes desses quase 562 km de costa paraense” não é diferente na Vila de Jenipapo, onde existe uma relação simbólica e material do humano com a natureza.

Na Figura 19, pode-se observar outra dinâmica local durante o período sazonal do verão.¹⁷ As águas, antes abundantes, vão saindo de cena e cedem lugar à terra que estava submersa. Agora surgem grupos de adolescentes jogando futebol, pessoas caminhando por baixo das pontes, e os barcos recuados ficam numa pequena faixa do Rio Arará que ainda não secou.

Figura 19 - No verão outros caminhos dos moradores de Jenipapo.



Fonte: Arquivo da Pesquisadora, Jan./2022.

O outro período bem demarcado é o verão, caracterizado pela sazonalidade. Nesse período, ocorre a estiagem, as chuvas dão lugar à poeira e às terruadas. Os pescadores mudam a dinâmica de pesca, já que as mudanças no ambiente implicam em uma pesca mais penosa. As distâncias ficam maiores, pois os cascos e motores

¹⁷ O rio e pontes caminhos dos moradores de Jenipapo: a imagem mostra as casas em frente ao Rio Arará caminhos que os pescadores e pescadoras percorrem para ir para o Lago pescar.

ficam com tapagem¹⁸ pelo Rio Ararí, e assim os pescadores precisam caminhar para chegarem ao meio do Lago e poderem pescar. Também é um lugar de trabalho, onde os cascos são aportados pelos pescadores. Observa-se que, para o ribeirão, as águas são espaços aos quais as pessoas da comunidade têm afetos e sentimentos, sendo lugares de trabalho, diversão e respeito. Nota-se a existência do simbolismo com o natural, pois:

O mundo é dado ao homem somente através do que ele percebe, imagina, pensa deste modo através do que ele deseja, do que ele sente, o mundo se oferece a ele como conjunto de 'significados, partilhados com outros homens. O homem só tem um mundo porque tem acesso ao universo dos significados ao "simbólico" e neste universo simbólico é que se estabelecem relações entre os sujeitos e os outros entre o sujeito e ele mesmo[...] Por fim a relação com o saber é uma relação com o tempo (CHARLOT, 2000, p. 78).

Notadamente, o existir do ribeirão e toda a simbologia dada ao mundo que o cerca fazem parte do que é percebido do mundo, sendo a visão e as ações no mundo atribuídas pelo homem. Conforme Charlot (2000), o homem só existe no mundo porque sente sentido no mesmo.

4.5. A Religiosidade na Comunidade

São diversas as igrejas existentes na Vila de Jenipapo, e em certos locais, também há expressões de pajelança e culto aos orixás, provenientes do candomblé. No entanto, para efeito de estudo, apenas duas serão mencionadas.

4.5.1. A Igreja Católica

A Vila tem como santo padroeiro São Pedro, e de acordo com Almeida e Sprandel (2008), a celebração da festa em homenagem a esse padroeiro costumava ocorrer invariavelmente no dia 7 de setembro. Entretanto, a dinâmica mudou após a abertura da temporada de pesca, levando a festa a ser deslocada para a primeira semana de agosto. Essa mudança se deve ao fato de que, após as dificuldades do inverno, os grupos domésticos já tinham obtido certos resultados na pesca e, portanto, estavam em condições de contribuir com espórtulas, que seriam coletadas e administradas pelos chamados festeiros.

¹⁸ Tapagem: são amontoados de terra para impedir que as águas do Lago sequem de uma vez.

Em consonância com a figura 20, a Igreja católica desempenha um papel significativo nesse contexto festivo, servindo como local de realização das celebrações em honra a São Pedro. As transformações temporais e sociais, como mencionadas anteriormente, influenciaram a mudança na data da festa, que passou a refletir os ciclos da pesca e a disponibilidade dos pescadores em contribuir para a celebração.

Figura 20 - A igreja católica.



Fonte: Arquivo da Pesquisadora, Jan/2022.

A religiosidade da comunidade católica é organizada e referenciada pelos fiéis, conforme relatado pelo senhor Jorge Pereira Feio (Diálogo espontâneo em janeiro de 2022): “A festa de São Pedro atualmente realiza-se no final do mês de junho, e a ingestão de bebidas alcólicas foi abolida”, tornando-se uma festa familiar de grande interesse para a comunidade.

Figura 21 - Saída da Santa da Paroquia de S. Pedro para Santa Cruz.



Fonte: Arquivo da Pesquisadora, 2022.

Figura 22 - Peregrinação da Santa da vila para Santa Cruz.



Fonte: Arquivo da Pesquisadora, 2022.

O cívico realizado na Vila de Jenipapo coincide com o de Santa Cruz, e a transladação da santa é realizada da Vila de Jenipapo para Santa Cruz. Nas imagens 21 e 22, pode-se observar a caminhada dos peregrinos, que saem da Vila em direção a Santa Cruz. Trata-se de uma caminhada de fé, enfrentando a poeira e, muitas vezes, a lama, já que não se pode prever se haverá chuva ou não.

4.5.2. A Igreja Evangélica Assembleia de Deus

Nos documentos cedidos pela secretaria da igreja, foi possível ter acesso ao histórico da Assembleia, cujo documento encontra-se na íntegra em anexo a este trabalho. Constam no histórico que os cultos evangélicos tiveram início em 1961. Com uma visão extraordinária, o irmão Amazonas se prontificou a assumir o campo em 18/02/1968, e nesse início, havia apenas dois evangélicos. No entanto, com o desenvolvimento do trabalho, o primeiro pastor foi Manoel de Araújo Pacheco, conhecido pelo apelido de “Amazonas”, e isso possibilitou o crescimento do número de evangélicos. Em abril do mesmo ano, já havia um total de quarenta e oito pentecostais.

Hoje, a igreja conta com mais de trezentos crentes, divididos em departamentos como infantil, adolescentes, jovens, senhoras, obreiros, escola

dominical e missões. Trata-se de uma igreja que tem crescido constantemente e realizado o melhor para o reino dos céus. Também são realizadas festas de todos os departamentos (Figura 23). Além disso, possui um templo todo em alvenaria, uma casa pastoral e uma área que serve como refeitório.

Figura 23 - Igreja Evangélica Assembleia de Deus.



Foto: Arquivo da Pesquisadora, Jan/2022.

Conforme observado na Figura 23, a igreja Assembleia de Deus é uma estrutura em alvenaria, e a ideia de construir nesse material em um local que passa meses alagado foi do pastor Raimundo Costa, que com ousadia e coragem ergueu, juntamente com os congregados da época, o primeiro templo e pastoral em alvenaria. O templo mostrado (Figura 23) é atual e encontra-se em novo local. Isso demonstra a engenharia do ser humano, que consiste em adaptar-se ao meio em que vive, e todas as obras de fundação em alvenaria na Vila de Jenipapo seguem as imposições dos períodos sazonais na região do Lago Ararí.

Vale destacar que existem outras denominações religiosas na região, como a Igreja do Evangelho Quadrangular, Deus é Amor, Torre Forte e Sétima Trombeta, que

guardam a fé de seus fiéis e a crença em um ser superior. No entanto, para efeito de estudo, destacam-se apenas duas: a católica e a Assembleia de Deus.

4.6. A Educação

Falar da educação em Santa Cruz do Ararí é mergulhar na educação de campo em contexto das águas. A educação na Vila de Jenipapo é conduzida por educadores que ensinam a alfabetização e os números, inseridos nessa relação homem-ambiente envolvidos no simbólico.

Os fazeres dos pescadores continuam presentes nas salas de aula, sendo uma marca identitária do povo ribeirinho. Aprende-se que os movimentos do tempo no espaço mudam, e certamente as dinâmicas de hoje são diferentes de cerca de 25 anos, quando a pessoa foi professora na Vila. No entanto, a arte de perguntar que fomenta o saber ainda a intriga e desafia o desejo de valorizar a identidade dos sujeitos pescadores.

Existem duas escolas municipais de ensino fundamental na Vila de Jenipapo, sendo elas a Escola Nossa Senhora do Brasil e a Escola Deus é por nós, além da creche Dom Ângelo e a escola estadual João Farias de Barros, responsável pelo ensino médio.

Com base no DCR-SCA 2019, “a educação infantil tem papel importante no desenvolvimento da criança [...], se desenvolveu a partir da necessidade social e se consolidou por meio de um processo gradual e permeado de desafios”. A primeira creche existente na Vila foi fundada em 1972 e recebeu o nome de Jardim De Infância Dom Ângelo Maria Rivato.

Com relação ao Ensino Fundamental, teve início na sede do município em Santa Cruz do Ararí, no ano de 1967, na residência da professora Maria Edite. Ainda nesse ano, construíram um ambiente apropriado para o desenvolvimento das práticas pedagógicas. Atualmente, o município conta com 14 escolas, e duas estão localizadas na vila de Jenipapo, a saber: Escola Nossa Senhora do Brasil (Figura se Escola Deus é por nós (Figura 24). Também destacamos a Escola Estadual João Farias de Barros, que tem contribuído para a educação na Vila.

Figura 24 - Escola Nossa Senhora do Brasil.



Foto: Arquivo da Pesquisadora, Jan/2022.

A imagem retratada revela muito sobre a educação de campo e ribeirinha, com uma estrutura de madeira, uma ponte para chegar até a escola, e alguns alunos chegando de canoa, refletindo a realidade de grande parte dos alunos ribeirinhos. Vale destacar que na zona rural do município de Santa Cruz, os alunos percorrem trechos a cavalo e de moto, demorando para chegar nas escolas, às vezes, as escolas oferecidas não possuem as mínimas condições de infraestrutura e material pedagógico.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Nossa Senhora do Brasil está localizada na travessa São Benedito, S/N, próximo ao Centro de São Benedito e à Arena Municipal. A escola é regida tecnicamente pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED), tendo o Governo Municipal de Santa Cruz do Arará como Órgão Mantenedor. A diretora da escola é Mariana Pamplona Ferreira, e os coordenadores pedagógicos são Edilson Mendes da Cruz e João Paulo Beltrão Gama.

A escola foi fundada há vinte e cinco anos devido à necessidade de ter um local apropriado onde os filhos dos moradores da Vila de Jenipapo pudessem ter

acesso à educação. Naquele momento, a única escola na comunidade era a Escola Estadual João Farias de Barros, que não comportaria todas as crianças, principalmente filhos de pescadores e vaqueiros. A Escola Municipal Nossa Senhora do Brasil foi inaugurada em 08 de Junho de 1998 e desde então oferece o Ensino Fundamental nos Anos Iniciais. A primeira diretora foi a professora Benedita Alves, e os primeiros professores foram: Anete Sidônio, Cilene Vale dos Santos, Ivaldo Nogueira Pamplona, Claudomira, Mozaniel do Egito e Dona Vanilda.

Atualmente, a escola atende o Ensino Fundamental nos anos iniciais, do 1º ao 5º ano. O prédio da escola é de madeira, estilo palafita, devido ao período de inverno que inunda toda a vila, e a escola conta com 06 salas distribuídas em: 01 Secretaria, três salas de aula, uma coordenação e direção, uma cozinha e quatro banheiros. Na Vila, existe uma arena aterrada (Figura 25), obra realizada pela prefeitura municipal com o objetivo de incentivar o esporte e o lazer. A arena funciona no inverno e no verão.

Figura 25 - Arena de futebol.



Fonte: Ricardo, 2022.

A arena é utilizada tanto no inverno quanto no verão. A construção desse espaço foi considerada necessária para suprir a falta de um local apropriado para o

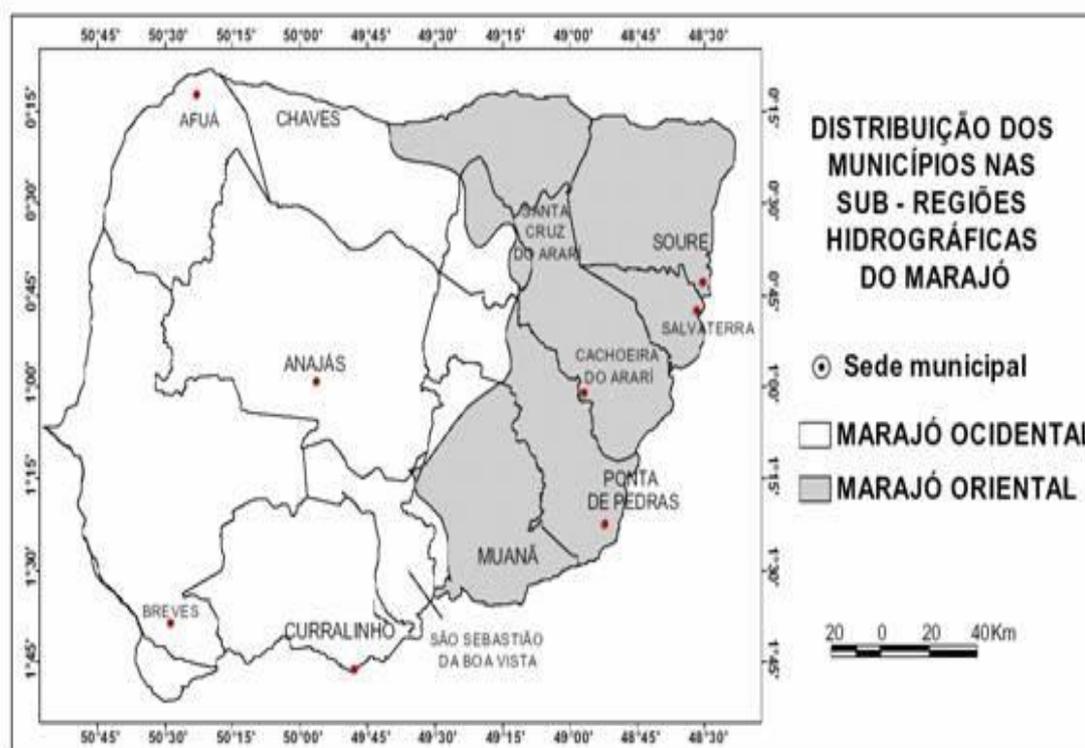
lazer durante a época do inverno. Vale destacar que essa arquitetura foi uma adaptação feita pelos seres humanos para conviver com a dinâmica das águas.

Além da arena, há também um campo de futebol que recebe jogos municipais durante o período do verão. Esse campo se torna um palco de disputas entre os times de futebol, sendo especialmente esperadas as partidas entre os times formados por Jenipapo e Santa Cruz do Ararí.

4.7. Caracterização do Lago Ararí.

Existem duas regiões hidrográficas no Marajó, que estão relacionadas às e referem-se a duas bacias, a oriental e ocidental. O Lago Ararí fica na parte oriental. Segundo Lima (2005), os principais rios são: “Paucauari, Ararí, Camará e Atué”. A autora chama atenção para o fato de que a Bacia do Rio Ararí possui diversos percursos de águas, tendo como aspecto primordial o Lago Ararí (Figura 26).

Figura 26 - Bacia hidrográfica oriental do Marajó.



Fonte: Lima, 2005.

Nesse contexto dos municípios nas sub-regiões hidrográficas do Marajó, na parte oriental, é destacada a existência do Lago Ararí, que também recebe as águas

do rio Ararí. Segundo Lima (2005), o Lago Ararí “com cerca de 110 km² de superfície no seu nível inferior, pode ser considerado como a maior depressão da Ilha”. Essa área mais baixa do Lago Ararí é propícia para a vida marinha e responsável pela subsistência dos pescadores e pescadoras nessa região (Figura 27 e 28).

Figura 27 - Localização de Jenipapo e Santa Cruz.



Fonte: Tio Minga Marajó, 2015.

Figura 28 - O Lago Ararí.



Fonte: Tio Minga Marajó, 2015.

O Lago Ararí é medido com 4 a 7 km de largura e 18 km de comprimento, em direção Norte e Sul, apresentando profundidade de 1 a 5 metros no verão e 5 a 7 metros no inverno. Suas águas são mais claras durante o inverno, porém, devido à seca do lago em quase 70% durante o verão, sua água se torna barrenta. O Lago Ararí possui grande importância para a economia dos municípios de Santa Cruz do Ararí e Cachoeira do Ararí, uma vez que compõe, juntamente com o Rio Ararí, a bacia hidrográfica oriental do Marajó.

A ilha de Marajó apresenta um sistema hidrográfico ocidental composto por diversas drenagens que são interligadas durante o período chuvoso e um sistema oriental representado pelas bacias dos rios Paracauari, Camará, Afuá e Ararí. A bacia do Rio Ararí é do tipo exorréica, possui extensão de 118 km desde a nascente no lago Ararí até a foz no estuário do Rio Pará (Baía de Marajó) e área de 864 km² [...] O regime de chuvas na bacia hidrográfica do Rio Ararí é dividido em dois períodos hidrológicos distintos: período chuvoso (> vazão), entre dezembro e maio, com precipitação média de 1799 mm e índices maiores entre fevereiro e maio, que representa 81.5% do total pluviométrico anual e um período menos chuvoso (< vazão) de junho a novembro, com os índices menores entre setembro e novembro e média de 407 mm de chuva, equivalente a 18.5% do total anual (ALVES et al, 2012, p. 115-116).

A importância hídrica do Lago Ararí é destacada por Alves et al. (2012), pois ele é a nascente do Rio Ararí e contribui para a formação da bacia do mesmo. A ilha de Marajó é distinta pelas interligações desses sistemas hidrográficos.

Figura 29 - Vista do Lago Ararí no motor do Fernando.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, Jan. /2022.

Na Figura 29 de dentro do casco, é retratado o Lago Ararí e a nascente do Rio Ararí. As águas dos dois ambientes hídricos se fundem e tornam-se um só ambiente aquático. Ao observar a imagem, é percebido que é impossível imaginar que o lago origina um rio que percorrerá 118 km até desaguar na baía do Marajó.

5. A PESCA ARTESANAL NA AMAZÔNIA MARAJORA

AS ÁGUAS DO ARARÍ

Parada às margens do lago Ararí ou na Rua Zélia Ribeiro,
seja olhando por cima do muro da escola Perpétuo Socorro
ou ainda das janelas de minha casa, é possível observar as águas do Ararí
Quantos mistérios há nestas águas.

Quantas histórias passaram e outras que estão por vir.
As águas barrentas o tempo todo? Agitadas sempre? Não...

Ah! Que águas lindas em tons claros, e às vezes escuros,
águas geladas, calmas, sossegadas, nos braços do bacedo.

Águas que guardam vidas, que saciam a fome,
que geram riquezas, que têm diversão e lazer.

Nestas águas todos que quiserem podem se banhar...
As águas do Ararí são espetáculo de beleza e encantamento;

às vezes lisas, calmas, serenas,
e outras revoltadas, tempestuosas,

sacudindo as canoas nos banheiros... dias de poucos amigos.

Essas águas brilham ao sol, com ventania incessante, parecem não acabar.

Elas se tumultuam numa afirmação contínua de concluir
que não se pode dominar a natureza.

(SANTOS, 2018, p.38).

5.1. A pesca no contexto do ecossistema marajoara e da pluralidade Amazônica

Na Figura 30, é retratado um momento emblemático em que um pescador está realizando o processo de despescagem da malhadeira no Lago. Nesse cenário, o pescador habilidosamente manipula a rede de pesca, conhecida como malhadeira, para liberar os peixes que foram capturados. Esse ato é uma etapa crucial do ciclo da pesca, envolvendo técnicas tradicionais que são transmitidas através das gerações. A cena ilustra a profunda conexão entre o pescador e o ambiente aquático, ressaltando a importância dessa atividade para a subsistência e a identidade da comunidade ribeirinha.

Figura 30 - Pescador despescando a malhadeira no Lago.



Foto: Arquivo da Pesquisadora, Jan/2022.

Nesta subseção, aborda-se a pesca artesanal na Amazônia, praticada pelos moradores da Vila de Jenipapo, uma região insular do Marajó, localizada na região Amazônica. A pesca artesanal é analisada de forma mais ampla, com o objetivo de situá-la entre as diversas atividades pesqueiras existentes nas regiões costeiras do bioma Amazônico.

A pesca é uma das atividades extrativas em que maior parte dos trabalhadores que nela atua são populações de origem ribeirinhas e da zona costeira, a sua produção envolve uma relação entre o ser humano e a natureza, caracterizando assim a sua identidade das diversas formas pelas quais se organiza (ARAÚJO, 2019, p.59).

Na Figura 30 é possível observar o exercício da pesca no momento em que a malhadeira é retirada pelo pescador, que utiliza esse apetrecho como principal instrumento de pesca. Além disso, na imagem, é evidente o uso do casco e o equilíbrio necessário para puxar a rede. Também se nota o uso de chapéu de palha e camisa de manga longa, que servem para proteger do sol escaldante. Todos esses aspectos indicam a marca da identidade humana nessa região lacustre. A pesca artesanal na Amazônia é realizada por seres humanos que buscam produtos naturais e estabelecem uma relação íntima com a natureza.

As regiões costeiras são áreas transicionais submetidas à interação de processos continentais, marinhos e atmosféricos extremamente dinâmicos, responsáveis pelo estabelecimento de ecossistemas diversificados e com limitações que devem ser respeitadas, sob pena de colocar em risco os recursos naturais ali existentes (HENRIQUE; MENDES, 2001, p. 103).

De acordo com Henrique e Mendes (2001, p. 103) e Furtado (1990, p. 170), a Amazônia é constituída como um ambiente produtor de pescado, devido às interações de processos abióticos que ocorrem em seu interior, o que propicia o surgimento de diversos ecossistemas, incluindo “o paraense”. Um dos ecossistemas presentes no sistema costeiro são os manguezais.

O litoral paraense abriga uma parcela bastante significativa dos manguezais brasileiros, que, associado aos bosques do Amapá e do Maranhão, perfazem um dos maiores, se não o maior, conjunto de manguezais do planeta, o que denota ao espaço litorâneo paraense riqueza significativa em recursos natural consequentemente, de potencialidades aos mais variados usos (FURTADO, 1990, p. 73).

Devido à amplitude da área que corresponde à costa paraense, o litoral paraense é constituído por diversas regiões pesqueiras, sendo possível destacar a existência de quatro ecossistemas, segundo Furtado (1990, p. 170): “a região do salgado, a da baía e ilha de Marajó, a da foz amazônica e a região norte”. A característica diversificada e regional dos ecossistemas da pesca resulta em produtos naturais aos quais tanto a população costeira quanto a de outras regiões têm acesso, embora, muitas vezes, de forma desigual. Essa diversidade constitui uma estratégia econômica que contribui para o desenvolvimento econômico da região, contudo, os seres humanos que habitam essas regiões de pesca garantem a si mesmos a reprodução social por meio da pesca de subsistência (FURTADO, 1990, p. 170).

Dentre as referências feitas por Furtado (1990) sobre os ecossistemas costeiros, foi possível destacar, no ecossistema paraense, a ilha de Marajó e, consequentemente, a pesca artesanal feita no Lago Ararí, que se diferencia da pesca praticada nos rios e nas territorialidades que possuem água salgada. A pesca lacustre é notadamente uma pesca artesanal voltada para a subsistência das famílias ribeirinhas. No Lago, ocorrem condições naturais apropriadas para o peixe desenvolver-se. Segundo o pescador Antônio Trindade Carvalho (Tio baixo)

(Entrevista concedida – Jan/2022): “Nesse Lago aí, o peixe vem vindo e chega e se esconde pra desovar e crescer. Se o lago não protegesse, o peixe já tinha acabado tudo”.

Quando seu Antônio menciona que o peixe se esconde, evidencia-se um conhecimento de que as águas grandes trazidas pelas chuvas no período sazonal do inverno são o refúgio de saída para os peixes se espalharem pelos campos no entorno do Lago Ararí e, desse modo, a natureza garante a proteção dos peixes.

Enfim, o ecossistema do Lago Ararí diferencia-se dos demais por apresentar sazonalidade representada na água e na seca nos períodos do inverno e verão. Diferente de outros sistemas nos quais ocorrem a enchente e vazante das marés, existem diversos produtos de pescaria, como camarão e caranguejo. Esses produtos da natureza fazem a diversidade dos sistemas costeiros, aliados aos produtos da roça, nos quais normalmente os ribeirinhos possuem propriedades de terras e fazem roçados. Entretanto, no Lago, o sistema apresenta-se com dois tipos de marés: as correntes e a chuva para encher o Lago Ararí e seu entorno e a ausência de terra para roçados.

Todos esses aspectos citados acima revelam a particularidade do Lago Ararí, inserido nesse ecossistema plural já mencionado por Furtado (1990) que é a Marajó. O Lago Ararí representa uma face das múltiplas faces que caracterizam os diversos municípios que formam o ecossistema costeiro do Marajó.

5.2. As territorialidades da pesca artesanal no Lago Ararí

A pesca artesanal no Lago Ararí é amplamente praticada pelos pescadores e pescadoras, apresentando grande representatividade na região. O pescado de destaque nessa atividade é o tamuatá. Todos esses aspectos mencionados indicam as marcas das territorialidades presentes na região do Ararí. Para que se possa compreender adequadamente o significado de território e territorialidade, é importante explorar esse conceito em maior profundidade.

Significado da territorialidade a) O território é o espaço da prática. Por um lado, é um produto da prática espacial: inclui a apropriação de um espaço, implica a noção de limite – um componente de qualquer prática –, manifestando a intenção de poder sobre uma porção precisa do espaço. Por outro lado, é também um produto usado, vivido pelos atores, utilizado como meio para sua prática (Raffestin, 1980); b) A

territorialidade humana é uma relação com o espaço que tenta afetar, influenciar ou controlar ações por meio do reforço do controle sobre uma área geográfica específica, isto é, o território (Sack, 1986). É a face vivida do poder; c) A territorialidade manifesta-se em todas as escalas, desde as relações pessoais e cotidianas até as complexas relações sociais. Ela se fundamenta na identidade e pode repousar na presença de um estoque cultural que resiste à reapropriação do espaço, de base territorial (BECKER, 2010, p. 19 - 20).

A territorialidade, esclarecida por Becker (2010), é manifestada nas práticas cotidianas de pescaria no Lago Ararí, informando saberes e aprendizagens que remetem à identidade cultural local. Neste contexto da dissertação, a região dos campos do Marajó, no município de Santa Cruz do Ararí, é destacada, com foco na sazonalidade do Lago Ararí.

O território não se constitui apenas como um espaço geográfico com linhas demarcatórias, ou um espaço para a soberania do Estado conformada pelo direito internacional, tampouco um espaço destinado exclusivamente à produção econômica (ALEIXO, 2017, p. 69).

Para Aleixo (2017), o território vai além das demarcações geográficas e o espaço é mais do que um espaço geográfico, e isso é fundamentado no conceito de territorialidade de Becker (2010, p.20).

A territorialidade manifesta-se em todas as escalas, desde as relações pessoais e cotidianas até as complexas relações sociais. Ela se fundamenta na identidade e pode repousar na presença de um estoque cultural que resiste à reapropriação do espaço, de base territorial (BECKER, 2010, p. 20).

Dessa forma, as relações que são estabelecidas entre os pescadores e pescadoras configuram-se como cultura e indicam a identidade desse povo, de tal modo que as práticas de pescaria são desenvolvidas conforme as variações do tempo e da natureza e são efetivadas por meio das experiências de trabalho dos pescadores artesanais.

No que se refere à dimensão e ao potencial pesqueiro da Ilha de Marajó, Furtado (1990, p. 43) considerou que a área marajoara é “vacionada para a prática da pesca”. No contexto desta dissertação, a ênfase é na região dos campos do Marajó, no município de Santa Cruz do Ararí, com destaque para a sazonalidade do Lago Ararí.

Na Figura 31, é apresentada uma cena que retrata a travessia nas barragens durante a estação de verão. Nessa imagem, pode-se observar indivíduos atravessando cuidadosamente as barragens que cruzam corpos d'água. Essas estruturas, muitas vezes improvisadas, desempenham um papel vital na mobilidade das pessoas pela região, especialmente durante o período de estiagem, quando os níveis de água diminuem e a travessia se torna possível. A figura captura a adaptabilidade e resiliência das comunidades ribeirinhas diante das variações sazonais, refletindo a interação profunda entre os habitantes locais e o ambiente ao seu redor.

Figura 31 - Travessia nas barragens no verão.



Nessa perspectiva, a compreensão dos diferentes espaços de produção territorial é abordada por Fernandes (2009), onde as relações e classes sociais são organizadas. Por meio desse conhecimento, é apreendido que o uso de uma tipologia de territórios é importante. As diferentes relações e classes sociais produzem territórios e espaços que as reproduzem em permanente conflitualidade (FERNANDES, 2009 p. 199).

A territorialidade reflete, então, o vivido territorial em toda sua abrangência e em suas múltiplas dimensões - cultural, política, econômica e social. “Os homens 'vivem, ao mesmo tempo, o processo territorial e o produto territorial por intermédio de um sistema de relações existenciais e/ou produtivistas, entendendo-se que “todas são relações de poder, visto que há interação entre os atores que procuram modificar tanto as relações com a natureza como as relações sociais (ALBAGLI, 2004, p. 28).

Alblag (2004) esclarece que o sistema político abrange os conflitos e as alianças percebidos entre grupos socialmente distintos nas configurações territoriais, e isso pode ser visto na região do Lago Ararí, onde ocorrem conflitos entre os moradores da Vila de Jenipapo e os proprietários de grandes extensões de terra. Segundo seu Aimar Barbosa Gemaque (entrevista concedida – Jan/2022), “a gente não pode pescar aí do outro lado, só se pedir permissão aos fazendeiros, tem muito peixe que fica nos lagos e cavagens, quando o cara entra e é pego é a maior confusão”.

Centenas de famílias ocupam apenas a construção de palafitas, enquanto do outro lado do rio, poucos possuem grandes porções territoriais. A espacialidade não é, portanto, um reflexo passivo da ação social, mas sim uma estrutura ativa, repositório de contradições e conflitos, um campo da luta e estratégia política (ALBLAG, 2004). Para Albagli (2004), a territorialidade humana envolve relações que marcam a identidade entre sujeitos que experienciam o que é vivido e partilhado no coletivo.

5.3. A organização das práticas de pesca artesanal

A organização da prática de pescaria realizada na sazonalidade do Lago Ararí é considerada levando em conta as territorialidades existentes, os ambientes e as técnicas de pesca, sendo esta última possibilitada pelo uso dos instrumentos de

pesca. As técnicas de pescaria abordadas nesta pesquisa são baseadas nas informações dos sujeitos nativos da região, que possuem conhecimentos distintos de outros ambientes de pesca.

As populações que pescam nos rios são as mesmas que pescam nos lagos. Pescar nesses ambientes corresponde a variações de um mesmo processo verificável sazonalmente. São nuances de um mesmo processo de pesca. As características que se podem perceber: em cada uma são tenuamente diferenciadas, não chegando a apresentar uma diferenciação mais marcada como acontece entre a pesca costeira e a de alto-mar (FURTADO, 1990, p. 50).

As habilidades para a pesca nos rios e lagos do ambiente lacustre são possuídas pelos moradores, mesmo diante da sazonalidade existente. A organização social da pesca ocorre de duas formas: os pescadores são classificados como “polivalentes” e “monovalentes”, sendo estes últimos os que sobrevivem exclusivamente da pesca, tendo como base o núcleo familiar. Portanto, essa pesca é considerada tradicional devido à sua antiguidade na prática na Amazônia, bem como pelos métodos e técnicas de captura, formas de acondicionamento e preparação do produto, sendo reconhecida como uma atividade tradicional.

Observa-se uma organização do trabalho de base familiar para as idas ao Lago Ararí, onde são utilizados barcos de pequeno porte, encomendados principalmente nas cidades vizinhas, como Anajás, fazendo interligação pelo rio Mocoos durante o inverno, já que Santa Cruz não possui árvores produtoras da madeira usadas para construir embarcações. Essas embarcações são vitais para a realização da pesca, com cascos rabudos essenciais para buscar o pescado, e a forma de selecionar os apetrechos de pesca indica o conhecimento transmitido por gerações.

As práticas de pesca no Lago Ararí ocorrem o ano inteiro, divididas em dois períodos sazonais: inverno e verão. Durante o verão, o lago seca, a água vai embora e o lugar fica cheio de terras expostas, enquanto no inverno há muita água devido às frequentes chuvas, que podem durar até três dias, de acordo com Seu Arismar (entrevista concedida em janeiro de 2022).

Figura 32 - Malhadeira sendo preparada para a pescaria.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, jan/2022.

No inverno, entre janeiro e abril, ocorre toda uma preparação para a pesca no Lago Ararí na Vila de Jenipapo. Nesse período, as pessoas compram malhadeiras e tarrafas, e as casas são tomadas pelas redes esticadas nos corredores (Figura 32). Os cascos dos barcos são calafetados e os motores são revisados, tudo isso como preparativo para a abertura da pesca. De acordo com Albuquerque e Barthem (2008, p. 361), “A Instrução Normativa no 43 do IBAMA (18/10/2005) define que a pesca comercial nesta região é permitida de maio a dezembro”. Após esse período, inicia-se o período do defeso, durante quatro meses, em que a pesca comercial em larga escala fica fechada, permitindo que os peixes se desenvolvam. Nesse período, os moradores da Vila de Jenipapo praticam a pesca de subsistência e comercializam o pescado apenas entre eles.

Para a realização da pescaria, são necessários instrumentos de pesca, conforme relatado pelos entrevistados Oribaldo, Eder, Edésio, Antônio, Francisca e Marlene, como a tarrafa, malhadeira, caniço e anzol. Entre os instrumentos mais utilizados estão as redes de cerco e de emalhar, empregadas principalmente na pesca comercial.

Figura 33 - Tarrafa esticada para escorrer a água após uma pescaria.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, janeiro/2022.

O uso da tarrafa também é muito difundido (Figura 33) e é empregado basicamente na pesca de subsistência (ALBUQUERQUE; BARTHEM, 2008, p. 361). De acordo com esse estudioso, existem outros apetrechos de pesca, como a canoa, cacos, remos e vara. Tudo isso viabiliza a locomoção dos pescadores e pescadoras (ALBUQUERQUE; BARTHEM, 2008, p. 361).

Outro aspecto que caracteriza a organização social das práticas da pescaria artesanal é a presença de geleiros e atravessadores do pescado. Essa prática pode estar associada às grandes distâncias entre o comércio comprador final e os pescadores. Acerca desta temática específica, Furtado (1990, p.55) menciona que:

Os agentes deste tipo de pescaria, sem ter infraestrutura em transporte adequado para alocar o pescado em centros de mercado mais distantes de sua base, ligam-se a uma rede de intermediação. Esta os submete a preços que são concebidos como injustos em relação ao desgaste físico e à jornada de trabalho que dedicam para obter uma razoável produção aos interesses da demanda. [...] É através do fluxo de comercialização, onde aparece a figura do marreteiro ou atravessador, que se tem estabelecido, principalmente, o nexos social e econômico entre as comunidades pesqueiras e os centros urbanos do Estado (FURTADO, 1990, p. 55).

A pesquisa também evidencia a precariedade das condições dos sujeitos da pesca artesanal. Associado aos esforços físicos empreendidos na lida das pescarias, que são muito grandes, ainda existe a questão da ausência de infraestrutura que poderia servir de apoio à conservação do pescado coletado, especialmente durante os deslocamentos para os centros dos pescadores e pescadoras artesanais até a capital Belém para comercializarem o pescado. Esses fatores deixam os sujeitos da pesca nas mãos de atravessadores, que pagam pelo peixe um valor abaixo do mercado.

Apesar de todas as insuficiências na infraestrutura e dificuldades nos deslocamentos, os pescadores e pescadoras realizam a comercialização do pescado de forma circular, tanto pela venda para os geleiros e atravessadores, como vendendo diretamente para a população local.

6. SABERES E PROCESSOS EDUCATIVOS INSCRITOS E/OU QUE ORIENTAM A PESCA ARTESANAL

MISTERIOS DO LAGO ARARÍ

Vasto horizonte
 ... Caminhos que parecem não ter fim
 Águas que insistem em conduzir.
 Águas turvas, barrentas
 , às vezes calmas e outras enfurecidas,
 que levam os pensamentos para longe.
 De repente... O grito de um pássaro,
 parece até que ele ri
 . No lago Ararí as ruas são feitas entre o bacedo,
 a presença consta
 nte das aves: olhando, cochilando, mariscando...
 O silêncio do motor, calma plena;
 a garça imóvel fica em pose,
 o maguari cheio de charme
 voa para o outro lado, ele gante e soberano,
 o socó solitário só pensa em comer...
 Porém, inusitadamente, tudo se acalma, o céu enegrece.
 Ronco da rabeta... Gotas grossas de água...
 Todo o azul desaparece, o céu fica esbranquiçado,
 cerração, frio, chuva e inúmeras
 ondas denunciam a forte presença da maresia,
 ondas volumosas, verdadeiros banzeiros tentam inundar
 a pequena embarcação
 (SANTOS, 2018, p. 40).

A observação da natureza e os cuidados referentes ao enfrentamento da sazonalidade da pesca na região em estudo têm-se constituído como preocupações pedagógicas, que são informadas sobre processos educativos portadores de uma pedagogia que não é aquela vista e realizada na escola, mas indicam a existência de outras formas de aprendizagens e ensinamentos que esse povo detém, saberes obtidos na prática da pesca artesanal. É sobre essa perspectiva educativa que será tratado neste subitem.

Ao refletir sobre os processos educativos que informam e estão inscritos e/ou orientam as práticas da pesca artesanal no Lago Ararí, na região insular do Marajó, é fundamental revisitar a temática da educação no contexto dos pressupostos freirianos, que tratam da educação popular e que, nos seus contextos educativos, valorizavam os saberes que os alunos possuíam. Dessa maneira, a valorização dos conhecimentos era o ponto fundamental de toda a dinâmica pedagógica desse educador dentro do projeto de educação de adultos.

6.1. Saberes ecológicos: uma sabedoria aprendida com as ancestralidades

Existem muitos saberes, e as discussões promovidas por diversos estudiosos em torno deles são abrangentes. É sabido que os conhecimentos científicos possuem credibilidade e reconhecimento nas academias e na sociedade em geral, e nesse contexto hegemônico da ciência, os saberes da tradição ocupam um lugar de inferioridade em relação aos saberes científicos.

Ao longo da história da ciência produzida no Ocidente, percebe-se um histórico de distanciamento gradativo do conhecimento científico em relação às outras formas de produção do conhecimento, gerando um fosso entre o saber científico e o saber da tradição, no interior do qual o primeiro elabora para si métodos, critérios e modos de organização de informação [...] Com essa monocultura da mente, a democracia cognitiva se torna impraticável, uma vez que se tem disseminado uma compreensão de que o conhecimento da tradição ocupa uma posição inferior, isto é, de descrédito, frente aos saberes científicos, os quais buscam traduzir muitos desses saberes milenares para um código, uma cifra que não lhe é familiar: a linguagem acadêmica (BATISTA; COSTA, 2016, p. 187).

Apesar do distanciamento apresentado por Batista e Costa (2016) com relação aos saberes científicos, os saberes da tradição continuam a existir. Um exemplo disso são os saberes dos povos tradicionais da Vila de Jenipapo relacionados à ecologia, que remetem à ancestralidade e representam a valorização e a manutenção da vida. Esses saberes são transmitidos de pai para filho e se tornam evidentes quando os pescadores relatam sua relação com o tempo natural marcado pelo convívio com as águas, o aguardo do período do defeso quando os peixes se espalham e invadem o entorno do lago.

Os pescadores reconhecem que suas práticas de pesca foram aprendidas de geração para geração, assim como a simplicidade com que percebem que o lago é portador de vida. Nota-se que os povos tradicionais possuem uma construção de experiências e vivências no aspecto ecológico que estão associados às especificidades da cultura e modos de vida presentes na Vila de Jenipapo.

Nesse Lago tinha muito peixe a gente pegava toneladas de peixe e enchia as geleiras. Fazia gosto ir pro Lago e não demorava muito o casco ficava cheio de peixe e todo mundo pegava aqui todos passavam bem, a gente vivia e sustentava a família com a pesca. Não existia essa malhadeira de nylon e ninguém pescava com trintinha. A

trintinha é uma verdadeira praga. Coisa terrível (ORIBALDO, Entrevista concedida em Janeiro/2022).

Nessa narrativa do senhor Oribaldo, observa-se uma preocupação em relação ao futuro dos produtos da natureza, que está relacionada com a consciência ecológica e os saberes ecológicos que se refletem na manutenção da vida e na preservação dos estoques pesqueiros. Mesmo aposentado, seu Oribaldo participa das reuniões da colônia de pescadores e sempre discute a problemática da redução da quantidade de peixe no Lago.

6.2. Saberes socioambientais que orientam a pesca artesanal

No contexto das relações sociais estabelecidas entre os moradores da Vila e o exercício das práticas de trabalho na pesca artesanal, foram evidenciados saberes socioambientais que vêm sendo repassados de geração em geração. Trata-se de conhecimentos que são informados como saberes socioambientais no contexto dessas práticas de trabalho.

A questão ambiental não se esgota na necessidade de bases ecológicas aos processos produtivos, de inovar tecnologias para reciclar os rejeitos contaminantes, de incorporar normas ecológicas aos agentes económicos, ou de valorizar o patrimônio de recursos naturais e culturais para passar para um desenvolvimento sustentável. Não só responde à necessidade de preservar a diversidade biológica para manter o equilíbrio ecológico do planeta, mas de valorizar a diversidade étnica e cultural da espécie humana e fomentar diferentes formas de manejo produtivo da biodiversidade, em harmonia com a natureza. A gestão ambiental do desenvolvimento sustentável exige novos conhecimentos interdisciplinares e o planejamento intersetorial do desenvolvimento; mas é sobretudo um convite à ação dos cidadãos para participar na produção de suas condições de existência e em seus projetos de vida. O desenvolvimento sustentável é um projeto social e político que aponta para o ordenamento ecológico e a descentralização territorial da produção, assim como para a diversificação dos tipos de desenvolvimento e dos modos de vida das populações que habitam o planeta. Neste sentido, oferece novos princípios aos processos de democratização da sociedade que produzem à participação direta das comunidades na apropriação transformação de seus recursos ambientais (LEFF, 2009, p. 57).

De acordo com as reflexões do autor, é possível perceber que o movimento para preservar a vida entre os seres humanos é passível do viés da gestão ambiental. A ideia de uma democratização da sociedade é sustentada por Leff (2009), implicando

na necessidade de gerenciar os recursos oferecidos pela natureza. Tal fato é evidente nas ações exercidas pelos pescadores no Lago Ararí.

Sobre isso, é afirmado por seu Antônio Carvalho (Entrevista concedida em Janeiro/2022) que “o lago é uma mãe, sempre tem peixe”. Neste sentido, também é destacada a fala do pescador Eder Edgar Cabral (Entrevista concedida em Janeiro/2022): “são muitos pescadores de Jenipapo e Santa Cruz, e vêm outros de Cachoeira e Ponta de Pedras, e mesmo assim o pescador não volta sem peixe para casa”.

Nessas narrativas, fica subentendida a existência de um processo de renovação da vida no Lago Ararí, que se evidencia na forma da existência e variedade de pescados. Isso se deve, entre outros fatores, ao cuidado dos moradores no período do defeso, quando a pesca para a comercialização em larga escala é proibida, ficando restrita à captura para o consumo local.

Todos esses aspectos mencionados estão referenciados em processos de aprendizado e saberes que têm sido construídos ao longo do tempo. Conforme Charlot (2000):

a condição humana não é apenas a ausência do ser na criança que nasce; é também o ingresso em um mundo onde o humano existe sob a forma de outros homens e de tudo o que a espécie humana construiu anteriormente. A educação é essa apropriação, sempre parcial, de uma essência excêntrica do homem (CHARLOT, 2000, p. 52).

Observa-se aqui que a educação do ser humano desde o nascimento consiste em aprender a conviver num mundo já existente e que foi arquitetado para a humanização. Dessa maneira, considera-se que “nascer é aprender, é entrar em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, onde quem diz quem eu sou, quem é o mundo, quem são os outros”, segundo Charlot (2000, p. 53). Trata-se de um processo referente à trama existencial que resulta no fazer diário no qual este ser produz o que necessita e se faz existir. Enquanto produz, o humano aprende, e neste aprender se fazem presentes os processos educativos, e ao passar pelo ato de produzir cultura ocorre a educação. Segundo Brandão (2007, p. 24), “a educação aparece sempre que há relações entre pessoas”. Os humanos criam o mundo à sua volta e para isso modificam, extraem da natureza os bens que necessitam para sobreviver.

Seu Oribaldo (Entrevista concedida em Janeiro/2022) afirma que existe um esforço dos próprios moradores para protegerem o Lago ao não permitirem que outros pescadores capturem os peixes na época da reprodução. Do mesmo modo, os pescadores Antônio, Edésio e Eder (Entrevista concedida em Janeiro/2022) afirmam que, apesar dos esforços, ainda existem pescadores que pescam com a malha trintinha, o que é extremamente prejudicial, pois ocorre a captura dos filhotes e isso interrompe o ciclo da vida, visto que os peixes que poderiam crescer são mortos na malhadeira e descartados.

Todos esses aspectos relacionados ao conhecimento do que pode prejudicar, atrelado às ações que podem beneficiar a vida na natureza, informam processos educativos e uma consciência da necessidade de preservar o que se tem. Os moradores de Jenipapo, no decorrer do tempo, adaptaram o modo de vida ao meio natural, aprenderam a conviver com a natureza.

A seguir, busca-se analisar conhecimentos coletivos de pescadores artesanais e, desse modo, evidenciar a identidade social desse grupo, o aprendizado revelado na região do Lago Ararí por meio dos processos cognitivos que remetem a um fazer pedagógico do coletivo de pescadores artesanais.

6.3 Saberes do sentido da atenção

O ato de pescar requer a existência de diversos saberes que envolvem técnicas e resultam em habilidades pesqueiras, e isso indica a existência de um ser que necessita viver no mundo e interagir com o objeto de conhecimento. Nessa perspectiva, destaca-se o estudioso Ingold (2010).

[...] É através de um processo de habilitação (enskilment), não de enculturação, que cada geração alcança e ultrapassa a sabedoria de suas predecessoras. Isto me leva a concluir que, no crescimento do conhecimento humano, a contribuição que cada geração dá à seguinte não é um suprimento acumulado de representações, mas uma educação da atenção. (INGOLD, 2010, p. 8).

Nesse contexto, é afirmado por Ingold (2010) que o conhecimento humano é algo que o próprio ser humano constrói ao seguir o caminho de outras pessoas que vieram antes (de outras gerações), e de posse desse saber, as pessoas podem ensinar, e quem aprende transforma aquilo que aprendeu.

Nessa perspectiva, é possível observar na relação de convivência na região em estudo que o pescador habilidoso domina a prática de pesca. Esse domínio está expresso nos saberes referentes aos lugares mais apropriados para pescar, aos movimentos necessários à pescaria, ao manuseio da canoa e ao tipo de rede a usar, dentre outros aspectos. Em relação ao pescador iniciante, ele observa os passos do pescador habilidoso, e isso é possível perceber na fala de Eder Cabral.

O vovô me levava para o Lago e eu ia para secar a água do casco para ajudar a cuidar da malhadeira o vovô sabia em que local o peixe ia passar, sabia esticar a malhadeira, esperar o peixe ser malhado e a seguir retirar os peixes e já ia dizendo os cuidados ao retirar os peixes com os que possuíam esporoes. A percepção a respeito da hora de voltar para casa pois não adiantava ficar esperando no lago quando os ventos estavam muito fortes. Dizia: tem que respeitar o lago (EDER CABRAL- Entrevista concedida em Janeiro/2022).

Nesse caso, o conhecimento não é recebido passivamente, mas é adquirido ao seguir os passos de praticantes mais habilidosos. Dessa forma, nas práticas de pescarias desenvolvidas pelos pescadores da Vila de Jenipapo, ocorre um movimento que, de acordo com Ingold (2010), se dá por meio do movimento corporal e, ao mesmo tempo, é um movimento de atenção, pois eles observam, ouvem e sentem, mesmo enquanto trabalham.

Nessa perspectiva, o domínio dos atos de pescar, que envolve várias ações e seus respectivos saberes indicados nos textos acima, está associado às ações de idas ao lago, onde ocorrem processos de aprendizagem expressos no reconhecimento de locais de pescaria e no manuseio de instrumentos de pesca, de acordo com o pensamento de Ingold (2010). A função do pescador habilidoso é criar situações nas quais o iniciante é instruído a cuidar especialmente deste ou daquele aspecto do que pode ser visto, tocado ou ouvido, para assim 'pegar o jeito' da coisa. Aprender, neste sentido, é equivalente a uma "educação da atenção".

[...] a arquitetura da mente é um resultado de cópia; esta cópia, no entanto, não é uma transcrição automática de dispositivos cognitivos (ou instruções para construí-los) de uma cabeça para outra, mas sim uma questão de seguir, nas ações individuais, aquilo que as outras pessoas fazem. Neste sentido, mais de imitação do que de transcrição, copiar é um aspecto da vida de uma pessoa no mundo, envolvendo repetidas tarefas e exercícios, ou aquilo que Whitehouse (1996:113) chama com propriedade de trabalhos de maturação' É através do trabalho de copiar, então, que as bases neurológicas das competências

humanas se estabelecem Isto não é para negar que a organização neural resultante possa assumir uma forma modular, é para insistir, todavia, que a modularidade se desenvolve (INGOLD, 2010, p.15).

Observa-se que a mente humana é capaz de observar e copiar, e é nessa modularidade que o sujeito aprende. Nas entrevistas concedidas por pescadoras como Francisca e Marlene (Entrevista concedida – Janeiro/2022), ficou evidente que os aprendizados sobre as diversas formas de pescaria ocorreram com base na observação e na cópia dos movimentos dos pescadores mais habilidosos.

Da mesma forma, os pescadores como Antonio, Eder, Oribaldo, Arisvaldo e Edesio (Entrevista concedida – Janeiro/2022) relataram que aprenderam por meio da observação durante as idas ao Lago, onde acompanhavam seus parentes e vizinhos pescando. Segundo o senhor Enderson Melo Beltrão (Entrevista concedida – Jan/2022), “eu aprendi a pescar indo com meu pai e observando como ele fazia”, e para ele, copiar é um aspecto da vida de uma pessoa no mundo. Desde criança, esses pescadores e pescadoras vivenciam a tarefa de pescar e lidam com a natureza, mas o fazem em tempos distintos e com outros atores, em diversos movimentos e ações (INGOLD, 2010).

6.4. Saber procurar lugar onde pescar

No final do mês de dezembro e início do mês de janeiro, o inverno se inicia com a ocorrência das chuvas, caracterizando a chamada invernada marajoara. Nesse período, ocorre a piracema, em que os peixes sobem o Rio Ararí para procriarem no Lago, um fenômeno que assegura a renovação do ecossistema da região.

Durante essa fase, as águas escoam para o Lago até desembocarem nos campos alagados. É nessas territorialidades dos campos alagados que os peixes desovam e os filhotes crescem. Ao contrário de outros lugares dos rios, onde o fluxo das marés promove movimentos de enchente e vazante das águas, nesse ambiente, as águas correm em direção ao Lago e, ao baixarem, seguem em direção ao rio Ararí.

Nesse ambiente lacustre e de formação peculiar, que é o Lago Ararí, o pescador, com sua sabedoria, quase sempre pautada por saberes da ancestralidade, demonstra formas de reconhecimento dos locais de pesca, até mesmo no pilotar da canoa. Trata-se de saberes que emergem da prática e da convivência com a natureza. Segundo pescador Eder Cabral:

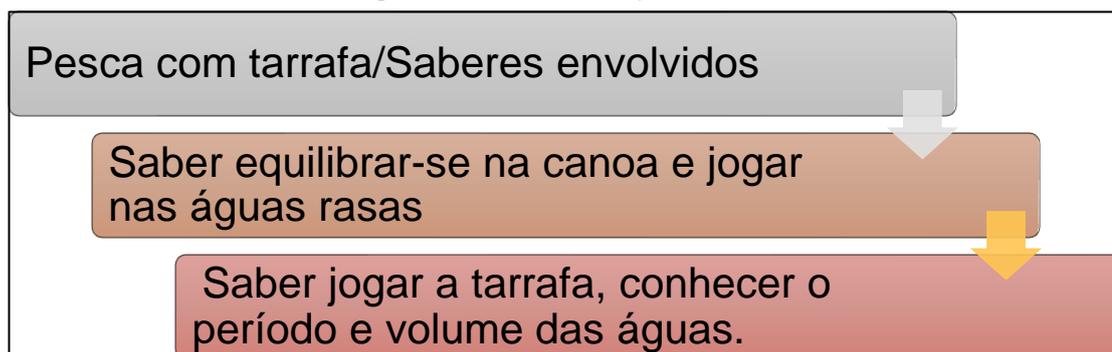
Bom, é no lago, esse lago de Santa Cruz no meio do lago, quando ele começa a secar é bem visível ver no centro dele, bem no meio dele cresce uma duna de areia ela faz a divisão entre essas duas partes. Quando ele seca fica visível os capins, o barranco cresce bem no meio dele e quando o Lago começa a encher e essa parte começa a sumir era o período que a gente tirava par lancear como a gente diz, fazer o arrastão com a rede e a gente achava incrível que no meio do lago pra Santa Cruz a gente pescava só, a gente conseguia pegar: aracu, traíra, apaiarí, tamuatá, piranha. Agora do meio do lago pra parte do outro de lá só dava peixe liso. Tinha uma espécie de divisão, a gente achava incrível que era como se alguém tivesse dividido os peixes como se os peixes consciência que precisavam estar divididos. (EDER CABRAL - Entrevista concedida em Janeiro/2022)

O conhecimento sobre esse ecossistema é expresso pelo pescador, que com fascínio indica as territorialidades dentro do lago que se constituem em pontos de localização para a pesca. A fala revela uma beleza singular: “os peixes têm consciência que precisavam estar divididos” (dito pelo pescador Eder Cabral), como se a natureza ganhasse forma humana e dialogasse de alguma maneira com os pescadores. Ao observarem os ritmos da enchente e da vazante do lago, assim como no exercício de sua profissão, esses trabalhadores conseguem perceber o tempo propício em que tal fenômeno ocorre.

De acordo com seu Arisvaldo Barbosa dos Santos (Entrevista concedida em Jan/2022), a frente da Fazendinha (um dos retiros de pequenos criadores) localizada às margens do Lago Ararí é um local apropriado para pegar pescada, sendo que os pescadores o chamam de “ponto da pescada”, situado entre a Fazendinha e o Jenipapo. Outro ponto de pescaria é denominado pelos pescadores como “ponto do Pacoval”, localizando-se próximo à fazenda do Pacoval. Segundo o senhor Eder Cabral (Entrevista concedida em Janeiro/2022), ele nos disse que “por lá dá peixe bom também”.

6.5. Tipos pescaria e saberes envolvidos

Com a finalidade de delinear os saberes de pescaria, foram elaborados pela pesquisadora a Figura 34, que apresentam os saberes envolvidos nas práticas de pescaria com tarrafa, malhadeira, caniço e anzol.

Figura 34 - Saberes da pesca.

Fonte: Elaboração própria com base na pesquisa de campo, 20

A Figura 35 demonstra uma arte e plasticidade, como se fosse uma dança, onde o lançamento da tarrafa é indicado, e a abertura da rede revela o equilíbrio do corpo do pescador ao manter-se de pé. As águas baixas propiciam o conhecimento do volume das águas.

Figura 35 - Pescador jogando tarrafa no Rio Ararí.

Fonte: Gama, 2022.

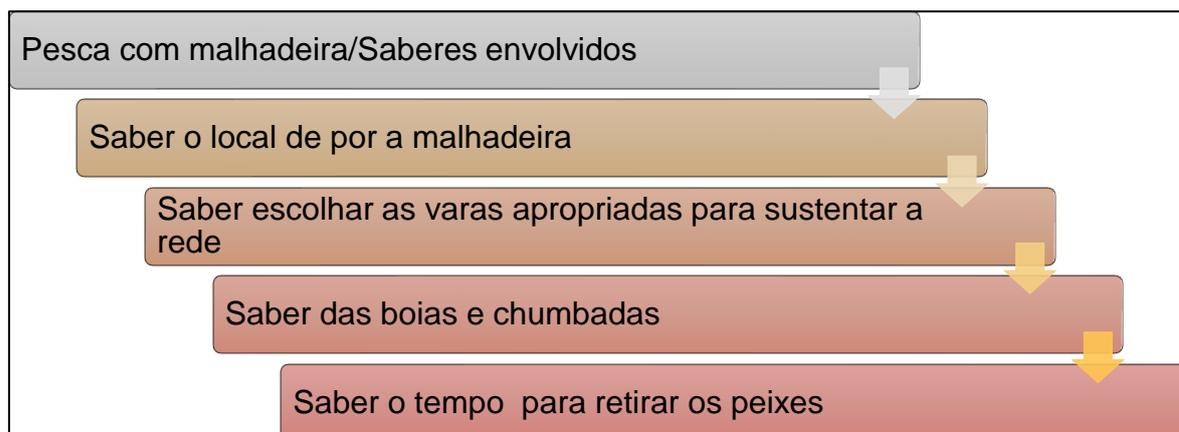
A malhadeira desempenha um papel fundamental nas práticas de pescaria tanto no Lago quanto no Rio Ararí. A figura 26 ilustra visualmente os saberes e técnicas envolvidos no uso da malhadeira. Nessa representação, é possível observar a destreza do pescador ao manipular a rede de pesca, evidenciando a expertise adquirida ao longo do tempo. A malhadeira, além de ser uma ferramenta prática para a captura de peixes, também é um símbolo da conexão entre os pescadores e as águas que sustentam suas comunidades, perpetuando assim a tradição e o conhecimento passados de geração em geração.

Figura 36 - Saberes da pesca com malhadeira.

Pesca com malhadeira		
Parado	Arrasto	Bubuia
Consiste em afincar duas varas no fundo do lago e esticar a malhadeira e ela parada para malhar o peixe	Essa se dá coletivamente é necessário que as águas do Lago estejam baixas.	nesse tipo de pescaria os pescadores amarram boias para a malhadeira flutuar e seguir o fluxo da maré.

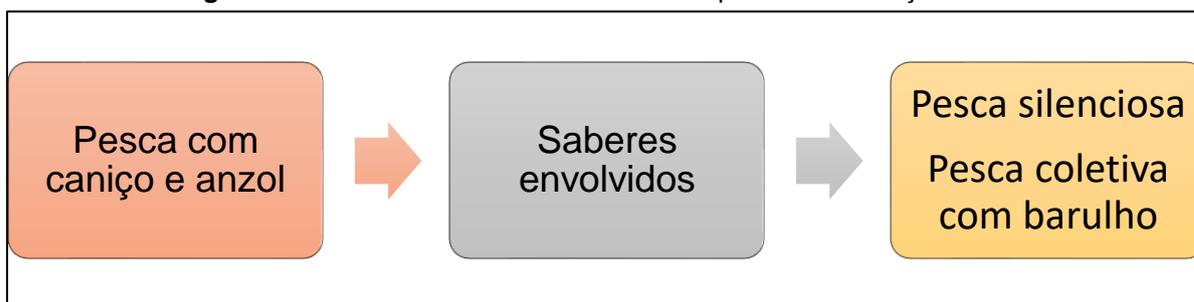
Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

A utilização da malhadeira na pesca é essencial para as comunidades que dependem das águas do Lago e Rio Ararí. A Figura 37 ilustra de forma vívida os saberes intrincados envolvidos na pesca com malhadeira. Nessa representação, é possível captar a intersecção dos conhecimentos práticos e tradicionais que os pescadores dominam para manusear habilmente essa rede de pesca. Os gestos precisos do pescador demonstram a profunda compreensão das nuances do ambiente aquático, mostrando como esses saberes são aplicados de maneira integrada para alcançar o sucesso na captura de peixes. A figura não apenas retrata a técnica, mas também enfatiza a rica relação entre os saberes tradicionais e a natureza, sustentando a subsistência e a cultura das comunidades ribeirinhas.

Figura 37 - Saberes da pesca com malhadeira e saberes.

Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

Na Figura 38, são apresentados os saberes intrínsecos à técnica de pesca com caniço e anzol. A ilustração retrata de maneira vívida os conhecimentos e habilidades necessários para essa abordagem de pesca específica. A imagem destaca o pescador manuseando o caniço com destreza e precisão, lançando o anzol na água com maestria. Esses gestos refinados refletem os saberes adquiridos por meio da experiência e transmissão cultural ao longo do tempo. A cena encapsula a relação simbiótica entre os pescadores e o ambiente aquático, onde o entendimento profundo do comportamento dos peixes e das nuances do local de pesca desempenha um papel fundamental no sucesso dessa prática tradicional. A figura 38 exemplifica a riqueza dos saberes que sustentam a subsistência e a identidade das comunidades ribeirinhas.

Figura 38 - Saberes intrínsecos à técnica de pesca com caniço e anzol.

Fonte: Elaborada pela autora, 2022.

Nessa prática de pescaria denominada de bubuia, a malhadeira é amarrada a boias para que possam flutuar e são levadas pelo vento e remansos. Conforme a malhadeira segue o fluxo das águas, o peixe vai sendo capturado. Observa-se que esses tipos de pesca se configuram como práticas culturais dos pescadores e

pescadoras no Lago Ararí. A pesca com tarrafa, caniço e anzol, mesmo quando existem vários pescadores, trata-se de pescarias individuais, ao contrário da pesca com malhadeira que pode ser realizada de maneira solitária ou coletiva. Além disso, com a malhadeira, tem-se a possibilidade de realizar três tipos de pesca: o arrastão, a bubuia e o parado.

Com relação aos pontos de pescarias, os pescadores e pescadoras afirmaram que estão localizados em diversos pontos do Lago. O senhor Arisvaldo dos Santos, na narrativa abaixo, descreve mais ou menos como se dá e as razões da mobilidade do pescador em relação aos pontos onde pescam.

A gente se apronta e vai pro lago, na certeza do lugar que pescou no dia anterior e procura mais ou menos o mesmo local que fica gravado na mente. Caso não dê certo a gente procura outro e vai tentando tem dias que pega muito quando o lago tá generoso e tem dias que a gente pega pouco. Certeza é que o da boia é defendido (Arisvaldo Barbosa dos Santos - Entrevista concedida em Jan/2022).

A narrativa do senhor Arisvaldo informa os saberes da atenção e a relação com a natureza, e também apresenta a simbologia que o Lago exerce nos pescadores, como se fosse um provedor que fornece seus produtos naturais. Além disso, nota-se um mapeamento dos locais de pescarias, em que os pescadores marcam na mente o local de pescaria boa, o que possibilita a busca do pesqueiro.

6.6. Saberes técnicos sobre a pesca no Lago

A pesca artesanal no Lago Ararí demanda uma série de saberes, aqui denominados de “saberes técnicos”, que incluem desde o manuseio dos cascos e das redes de pescaria, apetrechos essenciais nas modalidades de pesca nesse território. Nota-se que os pescadores mais experientes são portadores de conhecimentos, e isso se manifesta no exercício das suas atividades cotidianas, pois eles foram ao longo do tempo dominando e/ou inventando diversas técnicas, o que possibilitou o uso dos diversos instrumentos para realizar a pescaria.

Nesse tipo de território que é o Lago Ararí, o aprendizado também pode estar associado às relações de convivência nos diferentes contextos sociais da comunidade, pois quando o sujeito nasce, já existe um mundo preestabelecido. Segundo Charlot (2000, p.78), “é a relação com o mundo como conjunto de

significados, mas, também, como espaço de atividades” que o pescador e a pescadora dão sentido ao mundo em que vivem, pois ao exercerem relações com o mundo, aprendem a realizar atividades necessárias para praticar a pesca, por exemplo.

Nesse mundo preestabelecido da pesca, faz-se necessário para a prática das tarefas diárias o uso de embarcações, entre elas: o casco, o rabudo, rabeta e montarias, que são manuseadas pelos pescadores e pescadoras. O rabudo e a rabeta, por exemplo, já estão associados ao avanço da tecnologia no campo.

Figura 39 - O casco meio de condução do pescador.



Fonte: Arquivo da pesquisadora janeiro/2022

O uso do casco (Figura 39) é facilitado pela locomoção e circulação das pessoas do povoado nos ambientes lacustres. O casco e as canoas em geral também são usados como apetrechos de pesca, sendo outro aspecto relevante atribuído a eles.

6.7. Saber da pesca do tamuatá

O “saber da pesca do tamuatá” é uma expressão que remete ao conhecimento específico envolvido na captura desse tipo de peixe. O tamuatá é uma espécie de peixe que desempenha um papel importante na pesca artesanal das comunidades

ribeirinhas. A Figura 40 apresenta visualmente o resultado desse saber, mostrando um tamuatá já capturado e colocado em uma cesta, pronto para ser vendido ou consumido. A cena ressalta não apenas a habilidade do pescador em capturar esse peixe, mas também a conexão entre o saber tradicional e o sustento econômico das comunidades locais.

A pesca do tamuatá é um exemplo dos saberes específicos que os pescadores desenvolvem ao longo de suas vidas, compreendendo os hábitos e comportamentos desse peixe e adaptando suas técnicas de pesca de acordo. Esses saberes são transmitidos de geração em geração, representando uma parte vital da cultura e da identidade das comunidades ribeirinhas. A Figura 40, ao mostrar o tamuatá na basqueta, captura esse saber em ação, evidenciando como o conhecimento tradicional é aplicado no cotidiano da pesca e da subsistência.

Figura 40 - Tamuatá na basqueta pronto para ser vendido



Fonte: Arquivo da pesquisadora, Jan/ 2022

O Lago Ararí é o território onde essa espécie de peixe é encontrado em abundância, principalmente no final do inverno e início do verão. Segundo Bentes (2012), o tamuatá consegue manter-se vivo nas mais diversas situações, fato observável principalmente no verão, quando as águas represadas nas fazendas abrigam um número elevado desse pescado. De acordo com o autor, o lodo deixado pela pouca água e a falta de oxigênio não impedem o ciclo de vida do tamuatá; ele consegue resistir ao inverno e verão na região do Ararí, na Ilha de Marajó. Para Albuquerque e Barthem (2008), o espaço que é considerado apropriado para a pesca do tamuatá é a ilha do Marajó (PA), onde o peixe é encontrado principalmente nos campos alagados que margeiam o rio e o Lago Ararí.

A safra, como é denominado o período de maior atividade pesqueira, varia de acordo com a chuva, sendo sua duração média de três a quatro meses. A pesca é mais favorável no lago e rio Ararí no início da estação seca, de julho a agosto (ALBUQUERQUE; BARTHEM, 2008, p. 361).

Na pesca do tamuatá, são acionados saberes sobre as técnicas de captura. Quase sempre, existe a necessidade de escolher entre a tarrafa e a malhadeira, sendo que o malheiro deve ter 35 para capturar o tamuatá, e o pescador sabe, pelas medidas do malheiro, qual peixe será capturado. Segundo seu Antônio Carvalho (Entrevista concedida em Jan/2022): “se quiser pegar pescada das grandes, o pescador não vai colocar a malha que captura o tamuatá”. Contudo, de acordo com Albuquerque e Barthem, o principal apetrecho de pesca é a malhadeira. Os autores destacam ainda duas modalidades de pescaria com a malhadeira: a “rede de emalhar” e a pesca de “cerco”. Nessa atividade, alguns conhecimentos se evidenciam como apropriados em relação à malhadeira, para pôr a rede e aguardar; esses aspectos levam em conta o aprendizado e a habilidade que os pescadores e pescadoras possuem.

Desse modo, segundo o pescador Antônio Carvalho (Entrevista concedida em Janeiro/2022): “durante a cheia, o peixe desaparece nos campos alagados, eles ficam ariscos”¹⁹. O seu Eder Cabral (Entrevista concedida em Janeiro/2022), outro pescador entrevistado, avaliou que, pela sua experiência, “não adianta pescar no período de fevereiro e março, as águas estão muito grandes e o peixe escasso”. Observa-se que os pescadores detêm um conhecimento a respeito da dinâmica das águas da região,

¹⁹ Ariscos: Diz-se do animal que não se deixa apanhar ou domar.

pois o fluxo das águas interfere no comportamento dos peixes em determinados períodos.

Neste sentido, saberes que dizem respeito à dinâmica e o comportamento do tamuatá, segundo as configurações ecossistêmicas do Lago, são evidenciados pelo senhor Aimar Barbosa Gemaque (Entrevista concedida em Janeiro/2022), outro pescador entrevistado.

“o nosso Lago Ararí fica mais... com mais peixe tirando a safra é quando ele cria o barranco que cerra e aí aparece bem o peixe, o criador do peixe quando ele fica limpo como tá agora o peixe percura os campos nas terras dos fazendeiros e se espalha, vai pro Rio Tartaruga, pro Rio Ararí, por aí (Aimar Barbosa Gemaque, Entrevista concedida em Janeiro/2022)”

Na narrativa do senhor Aimar, destaca-se o saber sobre a relação entre a dinâmica do Lago e a sua piscosidade em determinado período, quando no início do inverno, as águas inundam o lago, e cresce um capim que alcança o tamanho de mais de três metros, proporcionando abrigo e alimento para os peixes no Lago, que ele denomina de “criador do peixe”. A partir desse conhecimento sobre o Lago, ele atribui uma sabedoria aos peixes de se espalharem pelos campos e rios na época das cheias. Nesse dia, seu Aimar estava somente com três mandubés, o que demonstra que na época da cheia fica difícil a pescaria, mas mesmo assim a refeição da noite estava garantida.

Esse saber referente à dinâmica do Lago na sazonalidade do clima amazônico indica ainda que no verão, quando as águas baixam, os pescadores sabem que é a época em que o peixe é encontrado com facilidade. Seu Aimar Barbosa Gemaque (Entrevista concedida em janeiro/2022), neste sentido, afirmou: “no final do inverno e início do verão tem barranco em tudo que lugar”. O barranco é capim que cresce dentro do Lago com o passar dos meses no inverno, o caule apodrece e esse capim fica desprendido da terra e flutua nas águas do lago Ararí. Também o pescador Oribaldo (Entrevista concedida em janeiro/2022) embora tenha ressaltado a existência da diversidade de peixes no Lago Ararí, destaca que “o tamuatá como peixe melhor de trabalhar e de vender”.

Portanto, saber pescar tamuatá é um conhecimento adquirido com as vivências dos pescadores artesanais com os mais velhos. Na convivência, foram aprendendo a

observar a dinâmica do Lago e obtendo conhecimentos que foram aprendidos na lida do cotidiano das tarefas de pescarias.

6.8. O saber da pesca do matupiri

O matupiri é um tipo de peixe em miniatura que é encontrado em abundância no Lago. A sua pesca normalmente é iniciada no mês de abril e dura até meados de junho. A pescaria do matupiri é realizada, quase sempre, por todas as faixas etárias. É comum que, desde cedo, as crianças brinquem de pescar de cima das pontes e até mesmo de dentro de casa. Nesse caso, assume um sentido lúdico, conforme pode ser entendido na narrativa a seguir.

A pescaria de matupiri é uma pescaria de alegria e disputa a gente vai vendo quem puxa mais peixe diferente da pescaria de apairi que a gente precisa ficar em absoluto silêncio a do matupiri é permitido barulho na água e lanços da isca na água no tempo que dá muito tem vez que na primeira lambada já vem matupiri aí a gente vai pegando e ao final cada um confere e ver quantas pescou e todo mundo pega peixe (Marlene - Entrevista concedida em Janeiro/2022).

A pescaria desse peixe, além dos saberes e técnicas envolvidos, também é portadora de alegria, convivência e diversão. O matupiri é pescado pelos moradores para o próprio consumo, não se tratando de uma pesca comercial com o objetivo de ganhar dinheiro. De acordo com o senhor Edésio (Entrevista concedida em Janeiro/2022), “a pesca do matupiri nos proporciona diversão e o bem-estar de ficar junto com parentes e amigos”. Conforme pode ser compreendido nessa narrativa, a pescaria desse peixinho promove relações de sociabilidade na comunidade.

Outro aspecto relevante, segundo dona Marlene (Entrevista concedida em Janeiro/2022), consiste na indicação dos lugares onde pode ocorrer a pescaria de matupiri, que pode ser feita “no lago, rios e igarapés”. O senhor Eder Cabral (Entrevista concedida em Janeiro/2022) considera que a hora mais apropriada para capturar o peixinho é “cedinho pela madrugada e procurar o lugar de pescar”.

Além disso, ele, pelo conhecimento que possui sobre a dinâmica da pesca desse peixinho, sabe que “nesse tipo de pesca deve-se ficar próximo a malva, um matinho amarelo do qual saem sementinhas que caem na água e os peixinhos alimentam-se”. Portanto, ele associa esse tipo de pescaria com determinada vegetação. A hora para iniciar a pescaria é logo cedo, estar no pesqueiro às seis da

manhã. Eder Cabral (Entrevista concedida em Janeiro/2022) afirma que “nesse horário, os peixinhos estão mariscando e são facilmente capturados pelos anzóis dos pescadores”. Vale mencionar que no município de Santa Cruz existe uma creche que homenageia esse pescado.

Figura 41 - Creche matupiri.



Fonte: Santos, 2021.

A creche (Figura 41) está localizada no centro de Santa Cruz do Ararí. De acordo com a SEMED (2018) e o DCR-SCA (Documento Curricular Referência De Santa Cruz Do Ararí), foi inaugurada no dia 25 de outubro de 2016 com recursos do FNDE. Segundo o mesmo documento, a creche recebeu o nome de Matupiri devido à abundância dos peixinhos encontrados nas águas do Ararí durante o período do inverno.

6.9. O saber da pesca do Apaiarí

A pesca do Apaiarí difere muito da pesca do matupiri, pois, ao contrário da alegria e ludicidade com que esta última é realizada, quando se trata de pescar esse tipo de peixe, deve-se ficar muito quieto, uma vez que qualquer barulho pode fazer o

peixe fugir. Segundo a pescadora Marlene (Entrevista concedida em Janeiro/2022), quando realiza esse tipo de pesca, até mesmo para se comunicar com o marido, utiliza gestos, pois, nesse tipo de pescaria, é essencial primar pelo silêncio. A pescadora considera o apaiarí como “um peixe muito melindroso”. Aprendeu a pescaria de apaiarí observando o marido em ação, conforme relato de Marlene (Entrevista concedida em Janeiro/2022) consiste em:

“Se vai pescar o apaiari se balançar a canoa o peixe vai embora, eu ficava lá quietinha olhando como era que ele fazia: colocava um caniço pra lá e outro pra cá. Abria aquele buraco assim no bacedo e pegava o caniço colocava o caranguejo e fazia assim thoc thoc.” (MARLENE-Entrevista concedida em Janeiro/2022)

Uma pesca, que, segundo a pescadora Marlene, necessita de um certo esforço, pode ser percebida através do envolvimento e conhecimentos presentes na maneira como o peixe é capturado. Todo um ritual é visivelmente composto de acionamento de conhecimentos específicos para essa pesca. Além disso, nota-se que a maioria dos pescadores de Apaiarí prefere pescar de forma solitária. Neste sentido, é afirmado pelo pescador Antonio (Entrevista concedida em Janeiro/2022) que “se a gente balançar o casco ou fazer qualquer barulho no fundo do casco, o Apaiarí vai embora e ninguém pesca nada, quero é vê, se alguém permiti barulho na pesca do Apaiarí!”. Além disso, os pescadores informaram que o Apaiarí tem preferência pela carne de uma variedade de crustáceo vermelho encontrado com facilidade no bacedo ao longo do Lago Ararí.

O senhor Antônio Carvalho (Entrevista concedida em Janeiro/2022), ainda em relação a esse tipo de pesca, esclareceu o tipo de movimento que é feito: “o cara que vai pegar o Apaiarí no dia anterior marisca o caranguejo de cor vermelha, o Apaiarí gosta muito desse alimento e com essa isca a pescaria torna-se mais fácil”. Todas essas narrativas dos pescadores expressam um saber que eles possuem, e que é necessário para capturar os peixes, desde o acionamento de determinadas técnicas, como bater *toc toc* na água, até o manejo dos materiais usados para a pescaria. Tudo isso denota conhecimentos.

6.10. Saberes sobre a dinâmicas das marés e tipos de práticas de pesca

Diversas técnicas para as práticas de pesca foram desenvolvidas pelas populações tradicionais da costa paraense devido ao contato direto com a natureza. Na região do Lago Ararí, os apetrechos mais utilizados pelos pescadores e pescadoras são a malhadeira, a tarrafa, a pesca com caniço e anzol. Como mencionado, nesse ambiente lacustre, a sazonalidade determina os períodos de cheia e seca. Assim, normalmente, as práticas de pesca em lugares como Salvaterra, Muaná e Breves obedecem ao fluxo das marés, que se estabelecem em enchente e vazante, e nesses intervalos ocorrem as marés mortas, que se caracterizam por serem calmas e não inundarem tanto a várzea. Nessas marés, há abundância de peixe e camarão, ao contrário das marés de lançantes, que têm a característica de serem marés altas, resultando em escassez na captura de camarão e pescado, como narrado pelos moradores dessas localidades.

Todo esse cenário de enchente e vazante dos rios difere da realidade do Lago Ararí, pois nessas territorialidades, as águas enchem de uma vez e demarcam os períodos bem estabelecidos de inverno e verão. Segundo o pescador Enderson Melo Beltrão (Entrevista concedida em JAN/2022), nos meses de janeiro, fevereiro e março, o peixe no Lago vem com a água e se espalha para desovar, em seguida, segue-se o período de crescimento e somente depois acontece a abertura da pesca, pois os peixes já cresceram e podem ser capturados.

6.11. Saberes da pesca no bacedo

Um saber referente à dinâmica das marés foi apresentado nas entrevistas e refere-se à pesca no bacedo²⁰. Segundo seu Arisvaldo Barbosa dos Santos (Entrevista concedida em janeiro/2022), o bacedo é o lugar onde eles vão pescar nos lagos e igarapés das fazendas, e é um local distante. Esse tipo de pesca é praticado no verão, quando as águas estão baixas, possibilitando aos pescadores terem acesso aos locais de pesca cobertos pelo capim, ou seja, o bacedo, que é o capim que fica boiando nas águas paradas no verão.

²⁰ Bacedo termo utilizado pelos pescadores e pescadoras e consiste no ir pescar nas propriedades dos fazendeiros em lagos e sistema de drenagem criados por dentro das fazendas.

A pesca entre outubro e novembro se dá nos lagos e campos que ficam no interior das propriedades rurais. Nestas situações, a pesca ocorre por iniciativa do proprietário ou quando os pescadores arrendam do mesmo, por tempo determinado, o direito de pescar nos poços, igarapés e lagos de sua propriedade. O valor do arrendamento é baseado na produção do pescado, cuja renda é dividida pela metade com o proprietário da fazenda (ALBUQUERQUE; BARTHEM, 2008, p. 361).

Nesses ambientes, a captura do peixe é facilitada pela abundância de pescado, e os peixes capturados pelos pescadores são guardados em isopores. Devido ao arrendamento das terras dos fazendeiros, toda a produção é dividida entre os pescadores e o dono da fazenda.

6.12. Saber sobre a pesca com Tarrafa

O “saber sobre a pesca com tarrafa” representa um conjunto de conhecimentos específicos relacionados à técnica de pesca que envolve o uso da tarrafa. A tarrafa é uma rede circular lançada na água de forma a capturar peixes que ficam enredados em sua trama. A Figura 42 visualmente exemplifica esse saber, mostrando um pescador lançando a tarrafa no Rio Ararí enquanto está posicionado em cima de uma ponte.

Essa cena retratada na figura demonstra como os pescadores aplicam sua expertise para realizar essa técnica particular de pesca. O gesto preciso e coordenado do pescador ao lançar a tarrafa reflete a profunda familiaridade que ele tem com o movimento, a força da água e a dinâmica dos peixes. Esse saber sobre a pesca com tarrafa envolve não apenas o manejo habilidoso da rede, mas também uma compreensão intuitiva do comportamento dos peixes e das características do ambiente aquático.

A pesca com tarrafa é um exemplo concreto da interação harmoniosa entre o saber tradicional e o ambiente natural. Os conhecimentos transmitidos de geração em geração são fundamentais para a continuidade dessa prática e para a manutenção da subsistência das comunidades ribeirinhas. A Figura 42, ao capturar o momento do pescador lançando a tarrafa da ponte sobre o Rio Ararí, torna visível o entrelaçamento entre esse saber ancestral e a vida cotidiana dessas comunidades.

Figura 42 - Pescador jogando tarrafa no Rio Ararí de cima da ponte.



Fonte: Arquivo da Pesquisadora, Janeiro/2022.

A tarrafa é um dos instrumentos utilizados na prática da pesca artesanal. Ela é constituída de uma rede redonda, com cabeça e chumbada²¹ nas bordas. O uso da tarrafa é recorrente entre os moradores do lugar, conforme destacado por Canto (2007):

[...] uma rede circular com cerce de 3 a 6 de diâmetro na base, afunilando-se até a extremidade superior onde é amarrada por uma corda, em cuja a extremidade é feita uma alça para prender num dos braços do pescador. A extremidade inferior é revirada para o interior, formando uma espécie de bolsa para evitar a fuga dos peixes. Também na parte inferior, acompanhando as bordas, são colocadas chumbadas, para que, após seu lançamento na água, possam rapidamente fechar, aprisionando os peixes. (CANTO, 2007, p. 135).

²¹ chumbada: designação coloquial de peso de pesca) é um equipamento de pesca, é um peso usado em conjunto com uma isca de pesca e anzol para aumentar sua taxa de afundamento, capacidade de ancoragem e/ou distância de lançamento.

Para o pescador, esse apetrecho é utilizado na lida diária de pescaria, o que requer certos aprendizados no uso dessa rede de pesca. Sobre isso, o pescador Eder Cabral (Entrevista concedida em Janeiro/2022) esclarece que “para jogar a tarrafa, é necessário ter equilíbrio e força nos braços para jogar a rede”. Além disso, são necessários conhecimentos técnicos para manuseá-la adequadamente:

no jogar, você engata o dedo numas mechas, você faz e sustenta com os dedos no momento que lançar, jogar a tarrafa você permite que as mechas vão se soltando dos dedos e esse processo permite que a tarrafa fique mais aberta. Quanto mais longe mais força e o soltar dos dedos tem que ser mais rápido. [...] a tarrafa é mais usada em lugares mais rasos porque se for muito fundo o peixe foge por baixo porque ele escuta o barulho da chumbada, (EDER EDGAR CABRAL-Entrevista concedida em Janeiro/2022)

Segundo o pescador, trata-se de um aprendizado que foi adquirido quando ainda era criança, por meio da observação do agir dos mais velhos ao usarem a tarrafa, enquanto a habilidade foi sendo adquirida com base no treino. Esse fator foi flagrado na Figura 43, quando a criança manuseia a tarrafa nas pontes na Vila de Jenipapo, brincando de ver quem conseguia lançar a tarrafa mais aberta.

Figura 43 - Menino tarrafeando.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, Jan/ 2022.

Quanto ao uso da tarrafa, é possível notar o acionamento de diversos saberes, como o equilibrar-se na canoa e ter cuidado ao procurar os poços e as beiras dos rios e igarapés para poder jogar a tarrafa. Além disso, de acordo com a narrativa do pescador Edésio (Entrevista concedida em Janeiro/2022), o uso da tarrafa só é proveitoso em águas rasas, pois a chumbada chega rápido ao fundo e a captura dos peixes torna-se mais rápida.

O uso de instrumentos de pesca, como os mencionados, a malhadeira e a tarrafa, é de vital importância para a prática dos pescadores e pescadoras. Além desses, existem outros instrumentos que também são necessários e complementares às práticas da pescaria, conforme relatado pelo pescador Édesio Santos (Entrevista concedida em janeiro/2022). Entre eles, estão o calão²², a vara, o remo, a lamparina (poronga) para iluminar a noite enquanto despesca-se a rede, a lanterna, a cuia para tirar água do casco e saca de peneirinha para amarrar no calão que arrasta a rede.

6.13. Saber sobre a pesca com malhadeira

Segundo Canto (2007), a malhadeira é um dos apetrechos de pesca mais utilizados pelos pescadores e pescadoras. Mas o que é malhadeira? Canto (2007) a define como um conjunto de malhas de mica ou de nylon chamado de pano; e pequenas peças de chumbo, denominadas chumbadas, que podem ou não ser colocadas na parte inferior do pano para manter o equilíbrio da malhadeira (CANTO, 2007).

²² Calão: Pau, de aproximadamente um metro de longitude, com que se mantêm estendidas as redes de pescar.

Figura 44 - O pescador chegando da pesca.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, Jan/2022.

Figura 45 - Pescaria de cerco.



Fonte: Arquivo da pesquisadora, Jan/2022.

Nas figuras 44 e 45, pode ser observado o pescador em seu casco, transportando malhadeiras ensacadas, isopor com gelo, vara e encerado (para proteger-se da chuva), ou seja, está sendo deslocado para uma pescaria, e seus apetrechos principais estão sendo levados consigo.

Conforme mencionado por Canto (2007), a malhadeira é dimensionada de acordo com o tamanho do pescado que se deseja capturar, normalmente apresentando um tamanho de furo em torno de 35 por 45. Entretanto, segundo o pescador Antônio Carvalho (Entrevista concedida em Janeiro/2022), existem “banagens” maiores utilizadas em certos contextos para preservar o ambiente, como é o caso do Lago, onde a “porta de entrada” permite que peixes maiores, como pescadas e douradas, entrem e possam ser capturados por esse tipo de banagem maior.

Para dar sustentação e fixar a malhadeira, os pescadores e pescadoras utilizam varas de pesca, que consistem em estacas de bambu retiradas dos bambuzais e amplamente empregadas por pescadores. A pesca com malhadeira no Lago Ararí é realizada de duas maneiras, conforme relatado pelo pescador Eder Cabral (Entrevista concedida em Janeiro/2022):

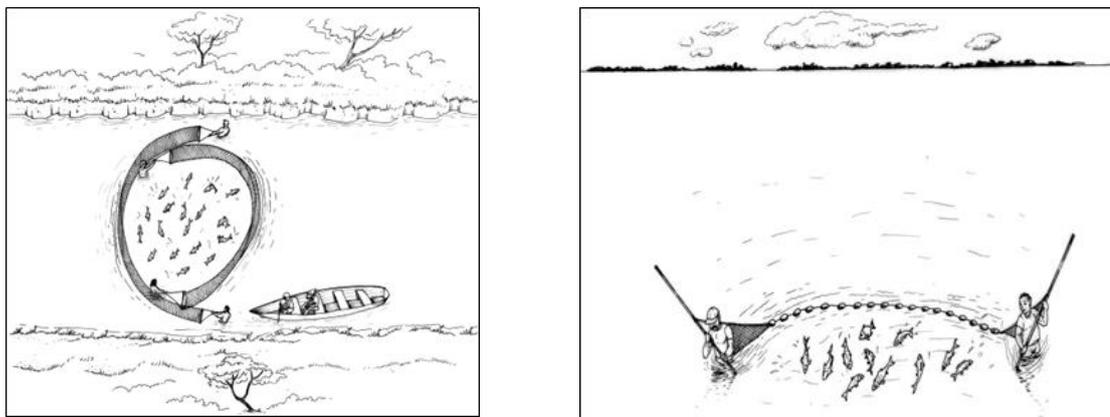
Tem dois tipos de pesca com malhadeira a primeira é a parada normalmente em águas mais profundas, o pescador coloca a rede e espera um tempo pra poder despescar. A outra é a pesca de arrastão, fica um pescador numa ponta e outro na outra vai soltando a rede quando chegam a um certo ponto, um sai e vai bater no centro aí o peixe foge e é malhado (Eder Cabral, Entrevista concedida em Janeiro/2022).

A Figura 46 apresenta uma representação visual dos desenhos que retratam a Rede de Cerco e a Rede de Emalhar. Esses desenhos capturam as características distintas dessas duas técnicas de pesca e oferecem ideias sobre como são utilizadas pelos pescadores. A Rede de Cerco é destacada por seu formato circular, enquanto a Rede de Emalhar é caracterizada por sua trama mais uniforme e estruturada.

Por meio desses desenhos, é possível observar como os pescadores concebem e visualizam essas ferramentas de pesca, enfatizando as particularidades de cada uma. Esses saberes visuais também podem ser considerados parte integrante do conhecimento tradicional transmitido entre gerações. A figura não apenas ilustra as redes em si, mas também sugere a relação entre essas técnicas, os peixes e os ambientes aquáticos em que são empregadas.

A representação gráfica dos desenhos oferece uma maneira de preservar e compartilhar esses saberes, servindo como uma forma de comunicação visual entre os pescadores e uma oportunidade de reconhecer a importância do conhecimento prático e artesanal na pesca tradicional. Através da Figura 46, esses desenhos ganham vida, evidenciando a conexão entre a representação visual e o saber da pesca, enriquecendo ainda mais a compreensão dessa prática tradicional.

Figura 46 - Desenhos que retratam a Rede de Cerco e Rede de emalhar.



Fonte: Oliveira (2008, p. 365).

A presença do acionamento de saberes pelos pescadores é notada diante da realidade da pesca com o uso da malhadeira no Lago, o que propicia a utilização das habilidades do pescador. Para isso, o conhecimento sobre a natureza local é colocado em prática. Da mesma forma, o saber sobre o tempo apropriado, o nível da água e a maneira adequada de posicionar a malhadeira, além da decisão de realizar a pesca de rede esticada e a de arrastão, são elementos integrantes dos conhecimentos adquiridos pelos pescadores e pescadoras, resultando em habilidades aplicadas em seu fazer diário.

Na Figura 47, é retratado o pescador Dionizio realizando o processo de entalhamento de uma malhadeira. O entalhamento é uma etapa crucial na preparação da rede de pesca, envolvendo o cuidadoso arranjo das malhas para garantir a eficácia da captura. Nessa representação visual, é possível observar a destreza e a atenção do pescador enquanto trabalha nas malhas da rede.

O ato de entalhar uma malhadeira requer um conhecimento detalhado das dimensões e dos padrões das malhas, bem como uma compreensão profunda das características do ambiente aquático e dos peixes que serão capturados. A Figura 47 não apenas mostra o pescador engajado em uma atividade prática, mas também destaca a relação entre o saber tradicional e a manipulação habilidosa das ferramentas de pesca.

A cena retratada na Figura 47 não apenas evidencia a importância do entalhamento como parte integrante da pesca tradicional, mas também ressalta a expertise e a dedicação dos pescadores que dominam essa técnica. O conhecimento

transmitido por meio de ações como o entralhamento contribui para a sustentabilidade das práticas de pesca e a preservação da cultura das comunidades ribeirinhas.

Figura 47 - Pescador Dionizio entralhando malhadeira.



Fonte: Arquivo da Pesquisadora Janeiro/2022

Os conhecimentos associados à pescaria com a malhadeira são considerados essenciais para a sua realização, sendo a habilidade do pescador(a) para entralhar a malhadeira um aspecto fundamental. De acordo com os pescadores Dionizio e Enderson (Entrevista concedida em janeiro de 2022), para que o ato de entalhar seja efetivo, é necessário que o pescador tenha a habilidade de esticar uma corda e entralhar a malhadeira utilizando uma agulha apropriada para esta finalidade.

6.14. Saberes das mulheres pescadoras

Os “saberes das mulheres pescadoras” representam um conjunto de conhecimentos e habilidades específicas que as mulheres desenvolvem em relação às práticas de pesca. As Figuras 48 e 49 ilustram visualmente esses saberes ao apresentar duas mulheres pescadoras em ação.

Na Figura 48, é possível ver Dona Francisca chegando de uma pescaria com uma tarrafa. Sua postura e expressão refletem a familiaridade e a destreza com que ela lida com essa técnica de pesca. A cena captura a conexão íntima que as mulheres

pescadoras têm com o ambiente aquático, demonstrando sua participação ativa na subsistência das comunidades ribeirinhas.

A Figura 49 retrata a Pescadora Marlene, oferecendo um vislumbre de seu engajamento na atividade pesqueira. Seu olhar concentrado enquanto manipula a rede de pesca revela o conhecimento prático que ela adquiriu ao longo do tempo. Essa representação visual destaca a contribuição significativa das mulheres pescadoras para as práticas de pesca tradicional.

Ambas as figuras evidenciam a relevância dos saberes das mulheres pescadoras na preservação da cultura e da subsistência das comunidades ribeirinhas. Essas mulheres desempenham um papel essencial na transmissão dos conhecimentos ligados à pesca e ao manejo sustentável dos recursos aquáticos, ao mesmo tempo em que desafiam estereótipos de gênero e enriquecem a compreensão da interação humana com o ambiente aquático.

Figura 48 - Dona Francisca com tarrafa chegando de uma pescaria



Fonte: Dona Francisca, Maio./2019.

Figura 49 - Pescadora Marlene



Fonte: Arquivo da Pesquisadora, 2022

A existência de mulheres pescadoras no Lago Ararí é considerada de fundamental importância, tendo em vista o papel que desempenham nas práticas de pesca para garantir a subsistência e reprodução da comunidade. Normalmente, o universo da pesca é predominantemente masculino, tornando a presença das mulheres pescadoras um olhar importante para os saberes específicos que elas detêm no âmbito da pesca artesanal.

Em uma sociedade que muitas vezes não reconhece as minorias, como os ribeirinhos e as mulheres, essas pescadoras representam uma forma de resistência contra um cenário desfavorável e marcado pelo machismo e conservadorismo. A pescadora Francisca (Entrevista concedida em janeiro/2022) é um exemplo dessa resistência, pois pesca desde pequena e foi sua avó materna quem a ensinou. Ela possui um amplo conhecimento sobre os tipos de peixes no lago, além de habilidades como ligar o motor, utilizar os apetrechos de pesca, entender as condições climáticas adequadas e reconhecer os melhores locais para pescar.

No contexto da pesca, chama a atenção a coragem demonstrada por essa mulher ao passar a noite reparando a malhadeira antes de realizar a despesca. Além disso, sua feminilidade é expressa através dos cuidados com o motor da embarcação, a aplicação de protetor solar, o uso adequado de ferramentas para retirar os peixes da rede, e a atenção dedicada à rede e ao mosquiteiro para uma noite tranquila.

7. CONEXÕES ENTRE SABERES DA PESCA ARTESANAL NA REGIÃO DE CAMPOS DE MARAJÓ- LAGO ARARÍ E PROCESSOS EDUCATIVOS

7.1 A pescaria no lago e os saberes que orientam o seu ritual Pedagógico

Sob o foco de um olhar pedagógico, ao observar um pescador no exercício de sua profissão, é possível notar que vários saberes sobre a pescaria são acionados, como o conhecimento sobre o melhor local para pescar, bem como o uso dos apetrechos como malhadeira, tarrafa, anzóis ou caniços, além dos procedimentos que fazem parte dessa atividade, como remar ou empurrar a canoa com a vara e pilotar pequenas embarcações com motores. Todos esses aspectos envolvidos na pescaria têm um foco pedagógico, uma vez que requerem o acionamento de conhecimentos específicos.

O pescador Eder (Entrevista concedida – Jan/2022) mencionou, por exemplo, a importância do equilíbrio do corpo ao jogar a tarrafa e a necessidade de chumbar esse apetrecho para que ele alcance rapidamente o fundo e aprisione os peixes. De modo similar, a pescadora Marlene, ao destacar a pesca de anzol, enfatizou a necessidade de cuidado e atenção nessa atividade, com rituais específicos para pescar determinados peixes, como evitar fazer barulho, abrir o buraco no bacedo, bater levemente a isca e procurar o caranguejo vermelho que o Apaiarí gosta de se alimentar. Seu Aimar também apresentou estratégias de pesca com malhadeira.

Os diferentes tipos de pesca e seus saberes revelam uma série de conhecimentos adquiridos fora do ambiente escolar. Esses saberes práticos estão alinhados com a dinâmica do cotidiano local, mas não são opostos ao conhecimento formal da escola; ao contrário, podem estabelecer aproximações e diálogos. Nesse sentido, Saviani (2015) argumenta que a escola existe para proporcionar o acesso ao saber sistematizado (ciência) e ao conhecimento básico, e o currículo é a base fundamental para essa transmissão-assimilação do saber.

Assim, o saber prático presente na pesca e relacionado ao cotidiano local se diferencia do conhecimento aplicado dentro das escolas, que é especificado no currículo, ditando os conteúdos a serem abordados em sala de aula. Ambos os tipos de saberes, prático e formal, têm seu valor e podem se complementar, enriquecendo a formação do indivíduo.

Em suma, pode-se afirmar que a diversidade epistêmica do mundo é potencialmente infinita, pois todos os conhecimentos são contextuais e parciais. Não há nem conhecimentos puros, nem conhecimentos completos; há constelações de conhecimentos. Consequentemente, é cada vez mais evidente que a reivindicação do carácter universal da ciência moderna é apenas uma forma de particularismo, cuja particularidade consiste em ter poder para definir como particulares, locais, contextuais e situacionais todos os conhecimentos que com ela rivalizam. Daí, a minha proposta de uma ecologia de saberes ou de uma ecologia de práticas de saberes (SANTOS, 2019, p. 154).

A partir da ideia da “ecologia dos saberes” proposta por Santos (2019), difere-se do rigor metódico do saber escolar o saber dos pescadores artesanais da Vila de Jenipapo, caracterizando-se por ser adquirido através das experiências e práticas cotidianas. Seu aprendizado é orientado pelos horários que seguem a dinâmica dos elementos da natureza, ao contrário da abordagem no ambiente escolar, que envolve a disposição de cadeiras enfileiradas e conteúdos a serem aprendidos. O conhecimento do cotidiano, ou o saber prático, assemelha-se ao que Freire (1981) considera como diferença fundamental entre as práticas educativas:

“No fundo, uma das radicais diferenças entre a educação como tarefa dominadora, desumanizante, e a educação como tarefa humanizante, libertadora, está em que a primeira é um puro ato de transferência de conhecimento, enquanto a segunda é ato de conhecer” (FREIRE, 1981, p. 80).

Nesse sentido, o saber dos pescadores artesanais é construído por meio da vivência, da prática e do envolvimento direto com o ambiente natural, o que promove uma aprendizagem significativa e contextualizada, em contraposição à mera transmissão de informações que pode ocorrer no sistema educacional tradicional. Assim, essa perspectiva de “ecologia dos saberes” valoriza as diferentes formas de conhecimento presentes na sociedade, reconhecendo a importância dos saberes locais e cotidianos para uma educação mais abrangente e inclusiva.

7.2. Os saberes que circulam e conformam identidades culturais da Vila dos pescadores

A vida na Vila é permeada por um fluxo identitário. Ao caminhar pelas pontes, pode-se observar as redes estendidas na frente das casas, as quais, normalmente, são compostas por uma área na frente, uma sala, um quarto e uma cozinha, além de

uma área atrás onde as roupas são estendidas. As hortas também ocupam esses espaços, e destina-se uma área para o fogão a lenha, utilizado para assar peixes e outras atividades relacionadas à pesca. Isopores de pescarias amontoam-se nos pátios, evidenciando a identidade de um povo que vive em harmonia com o ambiente de pescaria.

A grande sociobiodiversidade existente nesse pedaço do Brasil nos convida a pensar nas relações existentes entre o meio ambiente, os seres humanos e não humanos. E em como cada um desses elementos se constrói e reafirma seu espaço nas realidades locais e nas cosmologias da floresta. Nesse sentido, os povos indígenas e tradicionais que nela encontram morada, possuem formas de interpretar o mundo e de compreender as relações possíveis com os seres que a habitam de maneiras específicas e seguindo ordenações de suas próprias culturas (MELO; BARROS, 2016 p.122).

Segundo Melo e Barros (2016), uma cosmologia própria é produzida pela relação entre o meio ambiente e os seres humanos nesses espaços, levando-os a interpretar o mundo com base nesse sistema de relações. Silva (2017, p. 378) destaca que os processos de “reverenciamento, apropriação, uso/preservação” fazem parte das práticas de trabalho.

Silva (2017) ressalta a “construção de uma consciência coletiva” e aponta características como “compadrio, ajuda mútua e uma rede de solidariedade”, presentes na fala de seu Aimar Barbosa Gemaque (Entrevista concedida - Jan/2022): “a gente vai pescar e sempre ajuda os parentes e já manda uma parte pros vizinhos, vai um pouco pra cada, todo mundo tem fome, aí nos ajuda e outras vezes a gente recebe ajuda também”. Nesse mesmo sentido, seu Arisvaldo (Entrevista concedida - Jan/2022) afirmou: “aqui, dona, um o ajuda o outro”.

A existência de processos educativos presentes nas relações advindas das práticas de trabalho no cotidiano desse contexto ribeirinho evidencia que os seres humanos aprenderam, por meio dessa atitude de distribuir o produto da pesca, a expressar o cuidado e respeito pelo outro.

Os saberes inscritos nas experiências de trabalho das unidades familiares pautadas quase sempre na relação com a natureza e no manejo de seus recursos têm garantido a reprodução social e cultural dos sistemas locais. A partir dos saberes e dos conhecimentos sobre os elementos espaciais como os encontrados no solo, no rio, nas matas, os moradores criam e recriam suas condições de existência e reprodução (SILVA, 2017, p. 385).

A reprodução social mencionada por Silva (2017) é percebida na forma como os recursos naturais são manejados, como por exemplo, a construção de barragens para evitar a evasão da água e o período de defeso, que é uma época de espera para que os peixes possam desenvolver-se. Essas práticas demonstram os saberes concretos que fazem parte do cotidiano dos pescadores e pescadoras da Vila de Jenipapo.

7.3. A organização associativa dos pescadores e pescadoras

A criação da colônia de pescadores em 1930 resultou na organização dos pescadores em torno de uma associação, na qual são designados cargos de presidente, vice-presidente, secretários e tesoureiros para cuidar das questões burocráticas da entidade.

Os pescadores entrevistados acreditam que a associação poderia trazer benefícios para a categoria, como a criação de um reservatório para estocar o pescado e a implementação de meios que facilitem a chegada do peixe em Belém. Dessa forma, a figura do atravessador seria eliminada e os pescadores teriam a oportunidade de vender seus produtos diretamente, recebendo um preço justo.

Seu Aimar Barbosa Gemaque (Entrevista concedida - Jan/2022) destaca a questão do preço do pescado, explicando que atualmente eles são obrigados a vender para o atravessador, o que muitas vezes resulta em lucros insuficientes. Ele enfatiza que se houvesse um frigorífico na região, os pescadores ganhariam mais autonomia e poderiam obter melhores resultados financeiros com seus produtos. Nesse sentido, seu Fernando (Entrevista concedida Jan/2022) afirmou

tem duas associações aqui, mas nem uma se preocupa de criar uma tabela de preço pra sustentar um preço só, porque os atravessadores eles que já dominam o preço do peixe, pro final da safra, no meio do verão tem peixe vendido até de um real, dois reais. É obrigatório nós vender, porque só aqui na comunidade não vende tudo, não dá sustentar todos os pescadores. Então o atravessador que domina o preço do peixe e a entidade que tem pra lutar por nós, aqui, não se interessam Fernando (Entrevista concedida Jan/2022).

Nos aspectos mencionados pelos pescadores, observa-se um descrédito em relação à associação de pescadores, e eles expressam suas expectativas em relação

à mesma. Eles destacam que esperam da associação a criação de um frigorífico para que possam ter condições de armazenar o peixe e uma tabela de preços para venderem seus produtos de forma justa. Nas falas de Aimar e Fernando, percebe-se o anseio dos pescadores por melhorias que valorizem o produto obtido com o esforço de seu trabalho.

No município, existem duas associações, conforme mencionado por Fernando (Entrevista concedida Jan/2022), uma em Santa Cruz do Ararí e outra na Vila. Aimar Barbosa Gemaque (Entrevista concedida - Jan/2022) reafirma que, infelizmente, nenhuma das associações demonstra interesse nos pescadores, deixando-os sem apoio e a cargo de suas próprias dificuldades.

8. CONEXÕES ENTRE A PESCA ARTESANAL NO LAGO ARARÍ SABERES SOCIOAMBIENTAIS, VALORES E IDENTIDADE CULTURAL.

O ARARÍ EXPLOSÃO DE VIDA

É madrugada o sol ainda não surgiu, mas a orquestra majestosa ecoa pelos céus do Ararí parecem não se importar...

As aves migratórias e as locais se encontram aqui, sobrevoando a cidade munidas com seus cantos e gritos, tudo misturado e a plenos pulmões.

Elas estão de volta... O inverno chegou... As chuvas recomeçam.... O frio toma o seu lugar e o lago vai se enchendo de mansinho, novas águas preenchem o vazio da estiagem de início só um caminho que logo se torna em esplendor, renovação e explosão de vida.

Como se fosse por encantamento, a sequeidão e a terra rachada pelo sol desaparecem. Enfim, surgem as águas segredo de Deus, milagre da vida proporcionado aos moradores do Ararí.

O pescador sabe que tem que esperar o período do defeso pro peixe descansar desovar, crescer e seguir o ritmo da vida.

O bom pescador sabe disso e não vai com sua tarrafa colher este fruto das águas lacustres.

Entretanto, existem aqueles que não respeitam a vida e sem medo capturam os peixes ovados e vendem aos milhares as geleiras não se importam assim com o futuro do lugar.

O meu apelo é pela preservação de todas as espécies do lago Ararí.

Há ainda, uma ideia que persiste ao tempo é que sempre haverá peixes, porém o fato da diminuição da quantidade de pescado torna notório um futuro comprometido e nefasto se anuncia.

O lago ararí é um organismo vivo e que necessita de cuidados, orgulho do povo de santa Cruz que tem o privilégio de está fincada a margem deste deslumbrante lago.

Tudo nesse lago é significativo as gramíneas que no verão são tão pequenas no inverno ganham imponência crescem e atingem a marca de mais de dois metros de altura parece inacreditável, tanto vigor. O bacedo flutuante serve de morada para diversos bichinhos, e peixinhos vida um santuário de proteção escondido na foz do rio Ararí ajudar a preservar esse ser vivo é conservar a vida.

(SANTOS, 2018, p. 42-43).

Os povos tradicionais na Amazônia e as populações ribeirinhas estão interligados com a natureza, e através dessa conexão, diversos saberes socioambientais são criados e recriados. Esses saberes são utilizados para perceber o movimento das cheias e das secas, acompanhar o tempo que não é marcado pelo relógio, identificar o período propício para pescar determinado peixe e escolher a melhor rede para capturar os pescados, conforme narrado nas seções anteriores. Dessa forma, eles demonstram o respeito pela vida da natureza.

Contudo, Leff (2001) chama a atenção para o fato de que

a crise ambiental é a manifestação dos limites da racionalidade econômica, do logocentrismo e da concentração do poder. Uma força centrífuga está sendo gerada para a descentralização econômica, a autonomia das comunidades e a abertura do conhecimento, donde emergem novos sentidos que reorientam o curso civilizatório da história humana (LEFF, 2001, p. 335).

A temática relacionada aos saberes e processos educativos que circulam em contextos socioambientais específicos aproxima-se da questão da crise socioambiental que se apresenta no contexto atual e permite que se reflita sobre a contribuição que as populações tradicionais podem dar ao debate, uma vez que vivenciam práticas de trabalho e convivência social que se configuram no sentido inverso do modo de vida capitalista. Nessa perspectiva, pesquisadores como Boaventura de Souza Santos, Henrique Leff e Maria das Graças da Silva discorrem sobre a possibilidade do diálogo de saberes.

A pesquisa busca, portanto, refletir a partir das ideias dos autores mencionados, sobre como esses saberes e processos educativos se processam na dinâmica que ocorre no Lago Ararí, estando imbricados com os saberes socioambientais. Para analisar os possíveis diálogos educativos e formas de circulação de saberes em contextos socioambientais da pesca artesanal no Lago Ararí, foram consideradas a pesca individual e a coletiva, como a pesca do arrasto, que requer a presença de um coletivo de pescadores.

A prática da pesca artesanal, tanto na sua dimensão individual quanto coletiva, demanda comandos que são necessários para o entendimento das diferentes etapas que compõem o processo como um todo. Alguns pescadores entrevistados associaram a dinâmica da pesca artesanal, seja na sua modalidade individual ou coletiva, a uma compreensão da cotidianidade da vida do ser humano. Seu Antonio Carvalho, por exemplo, mencionou que a pesca de arrasto é realizada principalmente quando a água está baixa e o peixe precisa ser capturado para evitar que morra nos poços formados dentro do Lago Ararí. Além disso, observa-se a preocupação em não utilizar esse tipo de pesca quando as águas ainda estão em fase de cheia, a fim de preservar o peixe no Lago Ararí.

A construção de saberes no cotidiano dos pescadores e pescadoras na Vila de Jenipapo circula e desenvolve-se na prática da pesca artesanal. Esses aprendizados são representados quando a criança participa das tarefas diárias, acompanhando os mais velhos nas atividades e exercendo pequenas

responsabilidades dentro dessa configuração do trabalho de pescadores e pescadoras artesanais. É nesse contexto que o ser humano desenvolve seus processos educativos. Para Lima (2018, p. 102-104):

[...] a artesanidade da pescaria se correlaciona com a arte do trabalho de confeccionar/ “fabricar” os instrumentos necessários para a virada das pescarias, pois para realizar essa prática há de se ter os mecanismos adequados. Dessa forma, a educação e a aprendizagem é uma dimensão estritamente ligada ao trabalho do pescador. [...] Embora o aspecto de aprendizagem não seja o principal ainda assim ocorre esse movimento no ato de estar junto e de fazer com o mais experiente (LIMA, 2018, p. 102-104).

Na relação homem/trabalho, o aprender não tem o intuito de formação, mas mesmo assim é possível observar esse movimento de aprendizagem, da mesma maneira que foi observado pelo pesquisador Lima (2018) na Ilha de Pacamorema, no município de Curuçá. Nos fazeres dos pescadores e pescadoras do Lago Ararí, constatou-se que os mais jovens desejam estar junto dos mais velhos e habilidosos no fazer das pescarias.

8.1. Saberes que circulam e conformam identidades culturais da Vila dos pescadores

A dinâmica de vida na Vila Jenipapo é promovida por um fluxo identitário expresso no caminhar pelas pontes e nas redes de pesca estendidas na frente das casas. Geralmente, as casas são compostas por uma área na frente, uma sala, um quarto e uma cozinha, além de uma área atrás onde as roupas são estendidas, e onde também ficam as hortas.

Nessas casas, é comum encontrar fogões a lenha utilizados para assar peixes, entre outros. Os isopores, recipientes para armazenar o produto da pesca, também são expostos e ficam amontoados nos pátios das casas. Essa dinâmica reflete a identidade do povo, que vivencia a pescaria como parte integrante do seu cotidiano.

A grande sociobiodiversidade existente nesse pedaço do Brasil nos convida a pensar nas relações existentes entre o meio ambiente, os seres humanos e não humanos. E em como cada um desses elementos se constrói e reafirma seu espaço nas realidades locais e nas cosmologias da floresta. Nesse sentido, os povos indígenas e tradicionais que nela encontram morada, possuem formas de interpretar o mundo e de compreender as relações possíveis com os

seres que a habitam de maneiras específicas e seguindo ordenações de suas próprias culturas (MELO; BARROS, 2016, p. 122).

Segundo Melo e Barros (2016), uma cosmologia própria é produzida na relação entre o meio ambiente e os seres humanos nesses espaços, e eles interpretam o mundo com base nesse sistema de relações. Para Silva (2017, p. 378), os povos dos rios e das florestas incorporam em suas práticas de trabalho processos de “reverenciamento, apropriação, uso/preservação”.

Silva (2017) destaca a importância da “construção de uma consciência coletiva” nesse processo, refletida nas relações de compadrio, ajuda mútua e uma rede de solidariedade, como evidenciado nas palavras de Aimar Barbosa Gemaque (Entrevista concedida - Jan/2022): “a gente vai pescar e sempre ajuda os parentes e já manda uma parte pros vizinhos, vai um pouco pra cada, todo mundo tem fome, aí nos ajuda e outras vez a gente recebe ajuda também”. Nessa mesma linha, Arisvaldo (Entrevista concedida - Jan/2022) afirmou: “aqui, dona, um o ajuda o outro”.

A presença de processos educativos nas relações decorrentes das práticas de trabalho no cotidiano desses seres humanos em contexto ribeirinho é evidente na atitude de distribuir o produto da pesca, refletindo cuidado e respeito pelo próximo.

Os saberes inscritos nas experiências de trabalho das unidades familiares pautadas quase sempre na relação com a natureza e no manejo de seus recursos têm garantido a reprodução social e cultural dos sistemas locais. A partir dos saberes e dos conhecimentos sobre os elementos espaciais como os encontrados no solo, no rio, nas matas, os moradores criam e recriam suas condições de existência e reprodução (SILVA, 2017, p. 385).

A reprodução social mencionada por Silva (2017) é seguida na percepção do manejo dos recursos naturais, como a construção de barragens para evitar a evasão da água e a prática do defeso, que é o período de espera para o peixe desenvolver-se. Essas ações refletem os saberes concretos presentes no cotidiano dos pescadores e pescadoras da Vila de Jenipapo. As narrativas dos pescadores entrevistados e as observações realizadas na dinâmica da vida local evidenciam que os saberes são construídos e compartilhados no cotidiano entre os pescadores e pescadoras da Vila de Jenipapo, orientando a prática da pesca artesanal.

Esses saberes são adquiridos desde cedo, e no contexto da pesquisa, pode-se observar o aprendizado das crianças quando acompanham seus parentes para

secar a água no casco. No entanto, é a partir desse acompanhamento nas tarefas diárias dos mais velhos que as crianças têm a oportunidade de observar e exercer pequenas atividades que fazem parte das práticas de trabalho dos pescadores e pescadoras artesanais, revelando os processos educativos que contribuem para a formação humana.

O movimento de aprendizagem na relação ser humano/trabalho é configurado como um espaço de formação, conforme destacado por Frigotto (2009). Esse processo de aprendizado tem sido observado em diversas pesquisas que tratam das práticas de trabalho. De maneira similar, o pesquisador Lima (2018) também observou esse fenômeno na Ilha de Pacamorema, no município de Curuçá, onde os mais jovens desejam estar junto dos mais velhos e habilidosos pescadores e pescadoras do Lago Ararí, buscando aprender com eles as técnicas da pesca

8.2. Valores que conformam a relação ser humano natureza no contexto do Lago Ararí

A construção de saberes socioambientais por parte dos pescadores artesanais é conformada pela interligação do ser humano com a natureza. Esses saberes emergem das experiências adquiridas com as práticas de pescarias realizadas pelos pescadores. Portanto, são constituídos como um saber socioambiental que se configura no contexto das vivências dos pescadores locais e está pautado por determinados valores.

A relação com a natureza que o modo de vida que os pescadores demonstram, se dá pelo enraizamento na vida natural, pelo pertencimento daquela realidade social e por todos os saberes adquiridos pela prática de trabalho, pela observação, pela produção cultural real e simbólica a que são “expostos” no cotidiano (LIMA, 2018, p. 190).

Existe uma ação na relação ser humano/natureza. De acordo com Lima (2018), a prática do trabalho ocorre na percepção das nuances com a natureza, e isso está presente no reconhecimento das localizações geográficas na região em estudo e nos saberes sobre o tempo. Tratam-se, portanto, de evidências das dinâmicas que ocorrem no lugar, que no caso do Lago Ararí, também têm sido observadas pelo pescador, conforme indicado em sua narrativa.

O Lago ele seca bem lá naquela parte onde ele seca eles fazem uma barragem que é a parte que vai entrar pro rio tartaruga. Próximo daquela barragem quando eles começam a perceber que a água tá indo toda embora eles fazem uma barragem no Jenipapo, aí fica àgua no Lago. o lago nunca seca completamente os pescadores ficam pescando lá o verão todo. Quando eles querem um peixe diferente um peixe liso eles atravessam a barragem e vão pescar no rio Tartaruga divisa lá com Santa Cruz e a maioria do tempo é assim. (Eder Cabral – Entrevista concedida em Jan /2022).

Na fala do pescador Eder Cabral (Entrevista concedida – Jan/2022), o reconhecimento geográfico do lugar e o saber sobre a preparação e ação em meio à sazonalidade ficam claros. Isso consiste na maneira como as águas são observadas pelos pescadores, e eles mesmos acordam entre si sobre o momento de fechar as barragens estabelecidas próximo à fazenda Diamantina e, no outro lado, na boca do Lago, próximo à Vila de Jenipapo. Dessa maneira, o pescado é garantido durante o verão, assim como a água para o gado e os pequenos criadores. É, portanto, por meio do envolvimento do ser humano com a natureza que os pescadores asseguram o sustento das famílias e a manutenção da vida.

Outro aspecto abordado referente à relação do ser humano/natureza está relacionado com as divergências entre os pescadores locais sobre a abundância de peixes e fartura, em contraste com a escassez. Sobre isso, o pescador Oribaldo se manifesta.

Hoje a gente não se fala mais em tucunaré, essas coisas que já deu muito aqui, a população foi crescendo...aí, hoje o próprio pescador não quer mais zelar pelo patrimônio que ele tem, que é esse Lago aí. porque antigamente no tempo que eu lanceava a malha do meu cacuri era graúdo, eu chegava dar lanço par cinco toneladas e tirava uma basqueta²³ de escula²⁴. Mas, hoje, não! O pessoal tá usando a menor malha de rede é a 25, a 25 pega tanto o cachorrinho do padre quanto tudo que passa lá, vai morrer, vai matar (Oribaldo - Entrevista concedida em Janeiro/2022).

E Existe uma preocupação entre parte dos pescadores em relação ao uso desordenado de malhas proibidas, o qual pode representar uma ameaça para a extinção dos peixes no Lago. Por essa razão, é percebida a necessidade de que essa

²³ Basqueta: Grade de refrigerante usada para carregar o pescado.

²⁴ Escla: peixe miúdo capturado na malha 25 e que não serve para ser comercializado, sendo descartado.

prática seja repensada entre eles, considerando a certeza de que os peixes são bens renováveis, existindo agora, mas podendo deixar de existir no futuro.

Nas falas dos pescadores, é possível identificar uma preocupação com a conservação da natureza. Tanto os pescadores quanto os moradores têm a convicção de que a natureza precisa ser preservada.

As vezes o pessoal né fecha a pesca, e eles ficam colocando aquelas malhadeiras que pegam os peixes pequeninos, a 25, a 25 é proibida, ai eles teimam, ai eles pegam o peixinho desse tamaninho, eles não vão comer deixa o bichinho, solta pra ele criar ter os filhinhos dele, pra ir crescendo pra dar produção pra gente. Teve um tempo aqui que a gente não achava um peixe pra comer, a gente ia tarrafejar cansava o braço de tanto jogar, só faltava arrancar o dente de tanto sustentar a tarrafa e não pegava um peixe. Foi fechada a tapagem pois eles foram abrirem. O peixe, olha! rasgou foram tudo embora (Marlene - Entrevista concedida em Jan/2022).

A diminuição considerável do estoque pesqueiro é uma preocupação, pois essa redução afeta de maneira direta as populações ribeirinhas e dos grandes centros urbanos. Segundo a Fishery (2022), “os alimentos aquáticos são cada vez mais reconhecidos por seu papel fundamental na segurança alimentar e nutricional.” Sabe-se que o pescado é necessário para a subsistência humana e os conhecimentos dos pescadores e pescadoras são vitais no sentido de proteger a natureza e a vida. Todos os esforços para proteger a biodiversidade marinha são fundamentais, pois demandam a necessidade de se salvar a vida, seja humana ou animal/vegetal.

Com a preocupação e esse sentimento de proteção da natureza, a preocupação de seu Oribaldo (Entrevista concedida em Jan/2022) se estende à carência que a geração futura pode enfrentar em relação ao estoque pesqueiro, ao fazer a seguinte consideração: “Meus filhos; Talvez, vocês não vejam, mas os netos de vocês ainda vão chegar nesse ponto, de ver que a gente não vai ter aqui peixe pra comer, pra bóia, é isso”.

Observa-se nessa narrativa uma sabedoria humana que está relacionada ao reconhecimento da finitude das espécies e o lugar que ocupam no mundo. Dessa forma, a vida animal e vegetal, para seguir no curso normal, necessita da intervenção humana no sentido de preservar essa vida na teia que envolve o ecossistema do Lago Ararí.

A existência de um movimento que se orienta por um sentimento de proteção ao ecossistema do Lago também está presente na fala do senhor Oribaldo (Entrevista

concedida em Janeiro/2022), que estende essa preocupação à geração de filhos e netos. Esse pescador, que estudou somente até a primeira série, carrega uma sabedoria que está para além dos bancos escolares. Seus saberes são de ordem prática, da experiência e do ambiente.

Araújo (2019, p. 108-109) considera que, por essa lógica, “o saber dos pescadores em sua maioria depende do rio, onde sua base é sustentada.” Para a autora, o rio e seus atributos apresentam o resultado da ação humana que não apenas possibilita o encadeamento da vida social cotidiana, como também possibilita a passagem dos seus conhecimentos, pois a maioria dos pescadores e pescadoras reconhecem a necessidade de proteção ao meio ambiente, pois a própria existência depende dos produtos da natureza.

Nas falas dos entrevistados, sejam homens ou mulheres, fica evidente a presença de componentes dos saberes socioambientais que são apreendidos na convivência com a natureza, na relação de valores com o meio vivido e, por meio desse contexto real, explicam e interpretam a realidade.

Na percepção de Haller (2000), o ser humano vivencia sua cotidianidade e, ao aprender no meio no qual está inserido, adquire amadurecimento e habilidades que são necessárias para sobreviver, ou seja, é capaz de viver por esforços próprios. Observa-se essa relação na seguinte fala do senhor Oribaldo (Entrevista concedida em Janeiro/2022), quando se referiu a ter aprendido a pescar com seu pai e completou: “eu já com 19 anos era o filho, quem ensinava aos mais moços a arte da pesca. Tanto que, com a morte do pai, foi ele quem sustentou a família com as pescarias no Lago”. Dona Francisca (Entrevista concedida em Janeiro/2022), outra pescadora, informou que a relação com a pesca veio desde cedo: “aprendi a me virar desde cedo, pois minha avó me ensinou a pescar para arrumar a comida para nós duas”. A habilidade de pescar e os conhecimentos que dimensionam a localidade formam os saberes desse ser que resiste e aprende para sobreviver.

Ainda segundo Heller (2000), não existe cópia de seres humanos, todos são singulares, e suas especificidades são marcadas no contentamento de suas carências, sejam elas de ordem vitais, emocionais, econômicas ou relacionais.

A Figura 50, da criança abaixo, indica a construção do ser humano desde cedo, nesse caso, expressa no saber manusear um casco sobre as águas do Lago. O que se evidencia como de fundamental relevância pois residem neste contexto saberes e aprendizados que valem para a vida e, em muitos casos, para a subsistência.

Figura 50 - Menino passeando de casco na Vila de Jenipapo.



Fonte: Gama, 2021.

Existe, por certo, uma preocupação pedagógica por parte dos mais velhos em iniciar desde cedo as crianças em práticas de convivência com a natureza, como nadar ou pilotar a canoa, saber tirar água das canoas, bem como transmitir outros valores associados à ideia de conservação, tanto dos recursos da natureza quanto de seus próprios utensílios, como colocar a canoa à sombra para evitar que a madeira estrague. No inverno, as canoas geralmente são colocadas embaixo das casas, e no verão, pequenos barracões são construídos às margens do Rio Ararí para assegurar esse procedimento técnico.

Os saberes transmitidos às crianças desde cedo incluem nadar e pilotar canoas, secar as canoas à sombra para evitar danos à madeira. Durante o inverno, as canoas são geralmente guardadas debaixo das casas, enquanto no verão, pequenos barracões são construídos nas margens do Rio Ararí.

Na Figura 51, é apresentada uma cena que retrata um aspecto importante da vida na Vila de Jenipapo durante a estação do verão: o abrigo para os cascos. Essa imagem visualiza a construção e o uso desses abrigos, que são estruturas destinadas a proteger as embarcações (cascos) usadas pelos pescadores. Durante o verão,

quando o nível da água diminui devido à estiagem, as embarcações podem ficar vulneráveis se não forem adequadamente protegidas.

A figura captura a relação entre o saber prático dos pescadores e as condições sazonais, demonstrando a habilidade dessas comunidades em adaptar suas práticas às mudanças naturais. Os abrigos para os cascos refletem a experiência acumulada ao longo do tempo, evidenciando a importância de salvaguardar os meios de subsistência e as ferramentas essenciais para a pesca.

Além disso, a figura ressalta como as práticas tradicionais se entrelaçam com as circunstâncias do ambiente, mostrando a interdependência entre o saber tradicional e a adaptação às variações sazonais. Esse entendimento profundo da relação entre os pescadores e o ambiente aquático destaca a resiliência e a capacidade de inovação dessas comunidades, mesmo em face das mudanças sazonais.

Figura 51 - Abrigo para os cascos na Vila de Jenipapo durante o verão.



Fonte: Arquivo da Pesquisadora, Março/2021

Tudo o que foi exposto enfatiza e destaca o patrimônio cultural evidenciado nos saberes culturais da comunidade pesqueira da Vila de Jenipapo, representando um movimento singular e identitário.

O conjunto de saberes e fazeres da pesca artesanal que estrutura, a apropriação social do território marinho engloba diversos campos de conhecimento como a classificação de espécies aquáticas, comportamento dos peixes, taxonomias, padrões de reprodução e migração das espécies, cadeias alimentares (RIBARIC, 2020, p. 49).

O território do Lago Ararí possui uma presença marcante da sazonalidade, conforme destacado na fala de seu Aimar: “aqui, as águas vêm com tudo, lá pelo final de dezembro, e em janeiro disparam correndo para dentro do Lago, vêm duma vez, trazendo o peixe lá da baía. Depois começam a correr para o contrário e vai até chegar o ponto que tem que fechar a tapagem, bem daqui na boca do Lago, e a outra tapagem na Diamantina tem que fechar se não a vaza tudo para a cavagem do Tartaruga”.

Na fala de seu Aimar, são notados profundos conhecimentos sobre as águas, incluindo a chamada “invernada marajoara”, quando as águas chegam no começo do inverno e inundam o Lago e seu entorno. Ele também demonstra saber sobre a subida dos peixes em busca da reprodução, a chamada “piracema”, e o conhecimento sobre o escoamento das águas e a sabedoria de fechar as saídas por barragens para que o Lago Ararí não seque. Esse saber é essencial para os pescadores terem peixe no verão.

Na Figura 52, é representado um elemento essencial para a navegação e mobilidade nas águas da região: um motor de embarcação no canal Tartaruga. Essa imagem ilustra a importância das tecnologias modernas, como os motores de barco, na vida das comunidades ribeirinhas. Os motores permitem uma navegação mais eficiente e rápida, o que é crucial para atividades como a pesca e o transporte.

O motor na figura simboliza uma convergência entre os saberes tradicionais e a adoção de ferramentas contemporâneas. Enquanto as técnicas de pesca tradicionais e os conhecimentos sobre o ambiente aquático permanecem fundamentais, a introdução de tecnologias como os motores modernos também desempenha um papel crucial na sustentação das atividades diárias das comunidades.

A Figura 52 destaca como esses avanços tecnológicos estão interligados com os saberes tradicionais, demonstrando a capacidade das comunidades ribeirinhas de adaptar suas práticas ancestrais ao contexto contemporâneo. Isso enfatiza a natureza

dinâmica da cultura e da subsistência dessas comunidades, onde as inovações tecnológicas coexistem com os saberes transmitidos de geração em geração.

Figura 52 - Motor no canal Tartaruga.



Fonte: Pamplona, 2022.

O Canal Tartaruga foi construído na parte norte da Ilha Marajó no ano de 1950, numa tentativa de perenizar o Lago Ararí e ser uma passagem entre Macapá e Belém.

A perspectiva de se facilitar à navegação entre as cidades de Belém (PA) e Macapá (AP) tem levado os governos locais a planejarem e construírem hidrovias no interior da ilha do Marajó. O canal da Tartaruga foi escavado na década de 1950 com este fim, mas a hidrovia facilitou a drenagem do interior do lago que passou a secar mais rápido, sendo obrigado a construção de diques para preservar os lagos internos e a pesca comercial e de subsistência. (ALBUQUERQUE; BARTHEM, 2008, p. 248).

Segundo Albuquerque e Barthem (2009), o objetivo da construção do Canal Tartaruga foi facilitar o transporte de passageiros e cargas. Entretanto, as águas passaram a ser drenadas mais rapidamente, o que obriga os moradores da Vila de Jenipapo e Santa Cruz a fazerem diques. Seu Aimar Barbosa Gemaque (Entrevista concedida em Janeiro/2022) alertou:

a construção desse canal do Tartaruga prejudicou e muito aqui no Lago se não fechar a tempo o peixe vai tudo embora. olha! a cavagem que fizeram tem a tal de pororoca ela vinha até certa parte, ela não passava agora ela veio derrubando todinho ela vem bater numa fazenda perto de tucumã-mirim. Quando a tapagem tá fechada ela chega até aqui na saída do lago só aparecia por lá, agora, meu mano ela com muita sustância, com tudo. Eu já tô com essa idade, mas os outros que estão vindo por aí ainda vão ver essa pororoca varar do lago e ainda vão pescar com maré (Aimar Barbosa Gemaque, Entrevista concedida em Janeiro/2022).

Um profundo conhecimento e preocupação com o futuro são revelados por Seu Aimar, ao apresentar no cenário desse contexto de pesca as diferenças causadas pela intervenção humana com a construção do Tartaruga.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar essa pesquisa, havia a certeza de ter embarcado em uma viagem, percorrido as sinuosidades do Rio Ararí, parado na Vila de Jenipapo, o território das águas, e da grandeza diante do Lago, que permitiram o desafio do encontro com lama, maré, ventania, com gente e com a arte de perguntar.

A percepção de haver uma indagação no sentido de tratar-se de uma problemática voltada para o saber produzido a partir das experiências do cotidiano, das nuances presentes nos modos de vida dos pescadores e pescadoras. Diante desses aspectos, a pesquisa apresentou como objetivo geral: Cartografar os saberes socioambientais e socioeducativos inscritos no cotidiano das práticas de pescadores artesanais no Lago Ararí pertencente à Vila ribeirinha de Jenipapo/Marajó-PA.

Para cartografar os saberes socioambientais e socioeducativos foi necessário parar, ouvir, tomar muito café, caminhar nas pontes, embarcar em cascos e motores, sentir o frio, a ventania no Lago, enfrentar o sol escaldante numa pescaria de matupiri, sentir o peso das redes de pesca, a espera numa pescaria com malhadeira. Ao ouvir os sujeitos da pesquisa, portas se abriam ao deparar-me com tantos conhecimentos e experiências de vida. Pessoas que nutrem um sentimento de amor pelo lugar que residem e tentam preservar a natureza.

Evidentemente, foi necessário recorrer ao método científico, mas nunca ao que desconsidera o entorno e invisibiliza os saberes tradicionais, aspectos atribuídos à ciência moderna, ocidental e detentora dos saberes hegemônicos. A fundamentação nessa pesquisa pautou-se pelo método científico das ciências humanas e vislumbram que existem outros conhecimentos os quais permitem enxergar o outro.

Para essa finalidade, o Mestrado na UEPA foi fundamental no sentido de nortear e embasar a pesquisa, sem esquecer o olhar afetivo pela relação ser humano/natureza presentes na localidade e fomentar também à luz da criticidade que busca problematizar a realidade dos sujeitos pesquisados e enxergá-los como portadores de conhecimentos.

Constatou-se por meio da pesquisa de campo e nas narrativas dos sujeitos de pesquisa que as práticas de pescarias exercidas por pescadores e pescadoras da Vila de Jenipapo conformam-se num constante movimento de partilha de saberes. Identificou-se o trabalho e saberes de mulheres pescadoras que, mesmo diante de um contexto que considera o universo masculino, são vozes e rostos que resistem.

Ao abordar sobre a pesca no contexto do ecossistema marajoara, evidencia-se o aspecto de territorialidades discutidos por Beker (2010), Albagli (2004) e Fernandes (2008) que informam saberes e aprendizagens que remetem para a identidade local por meio da organização das práticas de pesca artesanal. A presente pesquisa revelou a existência de uma organização das práticas de pescarias. Também mostrou que as práticas de pesca artesanal são imbuídas de saberes e processos educativos, e se fazem presentes nos saberes ecológicos, sentido da atenção, o saber procurar o lugar onde pescar, o saber das técnicas sobre pesca.

Notou-se na efetividade das práticas de pescarias que coletivamente os pescadores artesanais revelam um saber acumulado que provém da experiência e é socializado em forma de saberes que são realizados com os aprendizes, que criam mecanismos para aprimorar esse saber inicial, até terem habilidade na realização das práticas de pescarias. Há um movimento nesses saberes e nele se faz evidente a educação que se materializa em forma de acompanhar os mais habilidosos nas idas para pôr e retirar a malhadeira, ou em situações de pesca com tarrafa e com anzol, a ajuda fomenta observação e participação, resultando em aprendizagens.

A pesquisa indicou, por meio dos discursos dos sujeitos, que a sazonalidade imposta pela natureza demanda dos modos de pescarias a serem realizadas: no inverno e no verão, observou-se que ocorrem mudanças nas práticas de trabalho em face da sazonalidade. Durante as cheias, aguarda-se o período do defeso e após isso, acontece a pesca em larga escala. Entre os meses de outubro a dezembro, final do verão, os pescadores praticam a pesca de subsistência.

Verificou-se que as práticas de pescarias são realizadas de maneira informal, não dependem de conteúdos nem de sala de aula que ocorrem no contexto escolar. Conclui-se que formadores e aprendizes aprendem as habilidades das práticas de pescarias, bem como a percepção dos tempos da natureza.

Considera-se que esta pesquisa trouxe a possibilidade de fomentar outros estudos que se referem às relações de gênero, referente à invisibilidade da mulher ribeirinha e pescadoras, a presença de jovens nas relações de práticas de pescarias, entre outras possibilidades.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, Sarita. Territórios em movimento: Cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva. In: LAGES, Vinícius; BRAGA, Christiano; MORELLI, Gustavo. (Org). **Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva.** - Rio de Janeiro: Relume Dumará/SEBRAE, 2004.

ALBUQUERQUE, Adna Almeida de; BARTHEM, Ronaldo Borges. A pesca do tamoatá *Hoplosternum littorale* (Hancock, 1828)(Siluriformes: Callichthyidae) na ilha de Marajó. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 3, p. 359-372, 2008.

ALBUQUERQUE, Maria Betânia B (Org.). **Saberes da experiência, saberes escolares: diálogos interculturais.** Belém: Eduepa, 2016.

ALEIXO, Sônia Maria do Rosario. **Saberes e Processos Educativos em Experiências de Trabalho no Contexto Rural - Ribeirinho Amazônico.** 2017. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará, Centro de Ciências Sociais e Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2017.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno; SPRANDEL, Marcia Anita. **Palafitas do Jenipapo na ilha de Marajó: a construção da terra, o uso comum das águas e o conflito.** Novos Cadernos NAEA, [S.I.], v. 9, n. 1, dez. 2008. ISSN 2179-7536.

ALMEIDA, Edielso Manoel Mendes de. Cultura e identidade dos ribeirinhos da Ilha dos Carás no município de Afuá. **Revista Cocar**, Belém: EDUEPA, v. 3, n. 6, p. 31-41, jul./dez. 2009.

ALVES, Darcel Andrade. A Educação n'O Museu do Marajó: ver - tocar - contextualizar. 2009. 227 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará, Centro de Ciências Sociais e Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2009.

ALVES, Igor Charles Castor et al. Qualidade das águas superficiais e avaliação do estado trófico do Rio Arari (Ilha de Marajó, norte do Brasil). **Acta Amazonica**, v. 42, p. 115-124, 2012.

ANGROSINO, M. V. **Etnografia e observação participante.** Porto Alegre: Artmed, 2009.

ARAÚJO, Alzira Almeida de. **Saberes Culturais da Pesca Artesanal na Amazônia Ribeirinha de Vigia de Nazaré/PA.** 2019. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará, Centro de Ciências Sociais e Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belém, 2019.

BARRA, José Domingos Fernandes. **A relação trabalho e educação no contexto dos acordos de pesca em Cametá/PA: uma alternativa econômica ou uma prática de resistência?** 2013. 115 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal

do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém, 2013. Programa de Pós-Graduação em Educação.

BATISTA, Ozaias Antonio; COSTA, Joicy Suely Galvão. Por uma ciência da complexidade: saberes científicos, saberes da tradição. **Revista Cronos**, v. 17, n. 1, p. 186-189, 2016.

BECKER, Berta H. Novas territorialidades na Amazônia: desafios às políticas públicas. Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi. **Ciências Humanas**, Belém, v.5, n.1, p 17-23, jan.-abr.2010.

BENTES, Anna Christina. Analisando narrativas orais da Amazônia paraense. **MOARA–Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras ISSN: 0104-0944**, n. 05, p. 15-24, 2016.

BERGSON, Henri. **Memória e vida - textos escolhidos por Gilles Deleuze**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

BRANDÃO, C. Rodrigues. Vocação de criar: anotações sobre a cultura e as culturas populares. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 138, p.715-746, set./dez., 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Educação como cultura**. Campinas, SP: Mercado de Letras. 2002.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Nós humanos. Do mundo a vida, da vida a cultura**. São Paulo. Cortez: 2015.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: brasiliense, 2007.

CABRAL, Cleiton Lopes. **Conflitos territoriais na comunidade quilombola de Gurupá -Apa Arquipélago do Marajó/PA**. 2017. 277 f., il. Dissertação (Doutorado em Geografia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

CÂMARA, Evandro P. Leal; MCGRATH, David G. A viabilidade da reserva de lago como unidade de manejo sustentável dos recursos da várzea amazônica. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Serie Antropologie**, v. 11, n. 1, p. 87-132, 1995.

CANTO, Otávio do. **Várzea e varzeiros da Amazônia**— Belém: MPEG, 2007.

CARDOSO, Luís Antonio. A centralidade da categoria trabalho: uma análise crítica do debate sociológico contemporâneo. **Confluências| Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito**, v. 10, n. 1, p. 11-41, 2008.

CERTEAU, Michel: **A invenção do cotidiano. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARLOT, Bernard. Filho do Homem”: obrigado a aprender para ser (uma perspectiva antropológica). *In: Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artmed Editora, p. 51-58, 2000.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. Cortez editora, 2018.

CIAVATTA, Maria. Trabalho-Educação—uma unidade epistemológica, histórica e educacional. **Revista Trabalho Necessário**, v. 17, n. 32, p. 132-149, 2019.

CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes; HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. Amazônia: a urgência e necessidade da construção de políticas e práticas educacionais inter/multiculturais. **Revista Nera**, n. 18, p. 79-105, 2012.

COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista digital do LAV. Santa Maria, UFSM**. Vol. 7, n. 2 (maio./ago. 2014), p. 65-76, 2014.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DIAS, Alexandre Pessoa; COSTA, Maria Amelia; MAGGI, Leonardo. PEGADOGIA DAS ÁGUAS EM MOVIMENTO: EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE AMBIENTAL. **Revista Trabalho Necessário**, v. 20, n. 43, p. 01-05, 2022.

DINIZ, Francisco Perpetuo Santos. **Relações entre práticas educativas**, saber ambiental-territorial ribeirinho e o desenvolvimento local. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará: Belém, 2012.

FAZENDA, Ivani. **Metodologia da Pesquisa Educacional**-6ª edição-Ed. 2000.

FERNANDES, Bernardo Mançano. Sobre a tipologia de territórios. *In: SOQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Elise Savério. (Orgs.). Territórios e territorialidades: teorias, conflitos e processos*. São Paulo: Expressão Popular, 2009. P.197-215

FERRAZ, Ana Lúcia Camargo; MENDONÇA, João Martinho de. **Antropologia visual: perspectivas de ensino e pesquisa**; Brasília- DF: ABA, 2014.

FISHERY, F. A. O. aquaculture statistics. Global aquaculture production 1950-2020 (FishstatJ). **FAO Fisheries Division [Online]. Rome, 2022**.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra. 1981.

FREIRE, Paulo. **Educação como situação gnosiológica** *In: Extensão ou comunicação*. 15e. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p.51-65.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por urna pedagogía da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A polissemia da categoria trabalho é a batalha das ideias nas sociedades de classe**. Rio de Janeiro: Editora Brasileira de Educação, v. 14, n. 40, jan. 2009.

FURTADO, Lourdes Gonçalves. Características gerais e problemas da pesca amazônica no Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Série Antropologia**, v. 6, n. 1, p. 41-93, jun. 1990.

GALLO, Giovanni. **Marajó: a ditadura da água**. Cachoeira do Arari: edições o museu do Marajó. 1997.

GAMA, Dirceu Ribeiro Nogueira. A Etnografia enquanto tradução: diálogos entre Bronislaw Malinowski e Walter Benjamin. **A Parte Rei**, v. 70, 2010.

GEERTZ, Clifford. **O saber local novos ensaios em antropologia interpretativa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos**. Investigar em Educação - IIª Série, Número 1, 2014.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes. Antropologia, diversidade e educação: um campo de possibilidades. **Ponto-e-Vírgula: Revista de Ciências Sociais**, n. 10, 2011.

HAESBAERT, Rogério. **Viver no limite: território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção**. Editora Bertrand Brasil, 2018.

HAGE, Salomão Antônio Mufarrej. Transgressão do paradigma da (multi) seriação como referência para a construção da escola pública do campo. **Educação & Sociedade**, v. 35, p. 1165-1182, 2014.

HALLER, Agnes. **O Cotidiano e a história**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

HENRIQUE, Wendel; MENDES, Iandara Alves. Zoneamento ambiental em áreas costeiras: uma abordagem geomorfológica. *In: Teoria, Técnicas, Espaços e Atividades: Temas de Geografia Contemporânea*. Rio Claro, SP: Programa de Pós-Graduação em Geografia–UNESP, 2001.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico de 2010. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>.

INGOLD, Tim. Repensando o animado, reanimando o pensamento. **Espaço Ameríndio**, v. 7, n. 2, p. 10-10, 2013.

INGOLD, Timothy. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação. Porto Alegre**, p. 06-25, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Ilha do Marajó. 2023. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=415769&view=detalhes>.

LEFF, Enrique. Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes. **Educação e realidade**, v. 34, n. 03, p. 17-24, 2009.

LEFF, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001

LIBERMAN, Flavia et al. **A cartographer's body**. Interface-Comunicacao Saude Educação, 2015.

LIMA, Adriane Raquel Santana de. **Cartografia de Saberes nas Práticas Educativas Cotidianas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST na Amazônia Paraense**. Belém – PA, 2007. 256 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará, Centro de Ciências Sociais e Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia.

LIMA, Aline Maria Meguins et al. Ilha do Marajó: revisão histórica, hidroclimatologia, bacias hidrográficas e propostas de gestão. **Holos environment**, v. 5, n. 1, p. 65-80, 2005.

LIMA, Marcileno Nunes. **Cartografia de Saberes e Processos Educativos Inscritos na Pescaria Artesanal do Salto**. Belém – PA, 2018. 2018f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará, Centro de Ciências Sociais e Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia.

LIRA, Talita de Melo; CHAVES, Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues. Comunidades ribeirinhas na Amazônia: organização sociocultural e política. **Interações (Campo Grande)**, v. 17, p. 66-76, 2016.

MAGALHÃES, Benedita Alcidema Coelho dos Santos. **Educação do campo, poder local e políticas públicas: a Casa Familiar Rural de Gurupá - PA, uma construção permanente**. 2009. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém, 2009. Programa de Pós-Graduação em Educação.

MANACORDA, Mario. Parte 1. **A “pedagogia” marxiana**. Marx e a pedagogia moderna. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1999. p. 13-110.

MARCONDES, Maria Inês, TEIXEIRA, Elizabeth, OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno. **Metodologias e técnicas de pesquisa em educação**. Belém: EDUEPA, 2010.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro I, volume I. Tradução de Reginaldo Sant’Anna. 28. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MATTOS, C. G. L. de; CASTRO, P. A. de. **Etnografia e Educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Autores. 298 p. ISBN 978-85-7879-190-2.

MELO, Maíra Fernanda Tavares; BARROS, Flávio Bezerra. O mundo segundo os quilombolas do bairro alto (Ilha de Marajó): cosmovisões acerca da vida e das relações sociedade e natureza. **ACENO-Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, v. 3, n. 6, p. 120 a 136-120 a 136, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MORELI, Vinicius Lages, Cristiano Braga, Gustavo (Org.). **Território em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Rio de Janeiro: Resumé Dumará, 2004.

NASCIMENTO, Ivete Herculano do. Tempo da natureza e tempo do relógio - tradição e mudança em uma comunidade pesqueira! **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: série antropologia**, Belém, v. 11, n. 1, p. 5-18 jul. 1995.

OLIVEIRA, Ana Maria Soares. Relação homem/natureza no modo de produção capitalista. **PEGADA-A Revista da Geografia do Trabalho**, v. 3, 2002.

OLIVEIRA, Patrícia Severiano De. **Saber popular e perspectivas para o conhecimento científico**. Anais II CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/16932>.

PACHECO, Agenor Sarraf; SILVA, Jaddson Luiz Souza. Representações e Interculturalidades em Patrimônios Marajoara. **Museologia e Patrimônio (UNIRIO), Rio de Janeiro**, v. 8, n. 1, p. 93-118, 2015.

PETO, Lucas Carvalho; VERÍSSIMO, Danillo Saretta. Natureza e Processo De Trabalho Em Marx. **Revista Psicologia & Sociedade**, n.30, 2018.

QUINTELA, Patrick Diniz Alves; DE TOLEDO, Peter Mann; VIEIRA, Ima Célia Guimarães. Desenvolvimento sustentável do Marajó, Pará: uma visão a partir do Barômetro da Sustentabilidade. **Novos Cadernos NAEA**, v. 21, n. 1, 2018.

RESOLUÇÃO 769/2018 - CEE/PA. Referencial Curricular Estadual. Disponível em: <https://normativasconselhos.mec.gov.br/?query=supervis%5C%5Cu00e3o&fonte=MPB>.

RIBARIC, Adrian. Maritimidade: patrimônio cultural e formas tradicionais de apropriação social do território marítimo. **Emblemas**, v. 17, n. 2, 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Towards a Sociology of Absences and a Sociology of Emergence. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [S.L.], n. 63, p. 237-280, 1 out. 2002. OpenEdition. <http://dx.doi.org/10.4000/rccs.1285>.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 9 ed. Porto: Afrontamento, 1997.

SANTOS, Cilene Vale. **Amar/Amor Por Ti, Coração do Marajó, Santa Cruz do Arari**. Editora Appris, 2019.

SANTOS, Jannes. **Atualidades na Produção de Búfalos na Ilha do Marajó - Pará**. 2020. 18 f. : il. color. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Zootecnia, Campus Universitário de Belém, Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, 2020.

SAVIANI, Dermeval. **Sobre a natureza e especificidade da educação**. *Germinal: marxismo e educação em debate*, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 286–293, 2015.

SILVA, Cirlene do Socorro Silva da. **Casas de Farinha: espaço de (con)vivências, saberes e práticas educativas**. Belém, 2011. 179f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Pará, Centro de Ciências Sociais e Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Linha de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia.

SILVA, Maria das Graça da. Saberes e processos educativos nas experiências de trabalho em territórios insulares. **INTER-AÇÃO**. *Revista da Faculdade de Educação, UFG*, v. 1, 1975 – Goiânia: FE/ PPGE/UFG, 1975 v. 42, n. 2, maio / ago. 2017.

SILVA, Maria das Graças. Processos educativos em experiências de trabalho de comunidades ribeirinhas na Amazônia. **Revista Trabalho Necessário**, v. 16, n. 31, p. 112-135, 2018.

SILVA, Maria das Graças. PROCESSOS EDUCATIVOS EM EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO DE COMUNIDADES RIBEIRINHAS NA AMAZÔNIA. **Revista Trabalho Necessário**, v. 16, n. 31, p. 112-135, 2018.

TIRIBA, Lia; FISCHER, Maria Clara Bueno. Espaços/tempos milenares dos povos e comunidades tradicionais: notas de pesquisa sobre economia, cultura e produção de saberes. **Revista de Educação Pública**, v. 24, n. 56, p. 405-428, 2015.

TREIN, Eunice Schilling. A educação ambiental crítica: crítica de quê?. **Revista Trabalho Necessário**, v. 20, n. 43, 2022.

TRILLA, Jaume. **Educação não-formal**. In ARANTES, Valéria A. (Org.). *Educação formal e não formal*. São Paulo: Summus, 2008, p. 15-58.

TUAN, Yi- Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva a experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Ministério do Desenvolvimento Agrário - MDA. Programa Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares e Empreendimentos Solidários - PITCPES. Grupo de Estudo e Pesquisa Trabalho e Desenvolvimento na Amazônia – GPTDA. **Projeto Desenvolvimento Sustentável e Gestão Estratégica dos Territórios Rurais no Estado do Pará**. Relatório Analítico do Território do Marajó. Belém, Agosto de 2012.

VIEIRA, Adriano do Egito. Palafitas, parentesco e organização social na vida cotidiana dos moradores de Jenipapo. In: CAITEE - Congresso de Arqueologia, Antropologia e Etnologia, 2016, Instituição: UFAL. **Anais do** CAITEE. Maceió: Editora da UFAL, 2016. p. 19. Disponível em: https://evento.ufal.br/anaisreaabanne/gt05_v.php

APÊNDICE A – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

1. Nome: _____
2. Idade: _____ Sexo: () Masculino () Feminino
Naturalidade: _____
3. Tempo de vivência na comunidade: _____
4. Atividades que desenvolve: _____
5. Escolaridade: _____.
6. Como você aprendeu a pescar?
7. Quais instrumentos de pesca você utiliza nas pescarias?
8. Como você realiza a pesca com malhadeira? E com tarrafa?
9. Quais tipos de peixes são capturados no inverno e no verão?
10. Como a pessoa mais velha ensinou você a pescar?
11. Existem lugares apropriados para pescaria no lago?
12. Quais os tipos de malheiros utilizados e quais são os malheiros proibidos?
Justifique.
13. Como acontecem as pescarias nas cavagens em terras de fazendeiros?
14. Como se dá a pesca de cacuri?
15. Como se dá a pesca de espinhel?
16. Existe uma hora apropriada para a pescaria? Quais?
17. Você acha que os peixes no lago vão acabar? Tem medo que isso possa acontecer?
18. O que ocorre no lago que causa temor de que o peixe acabe?
19. Os pescadores pescam mais no rio ou no lago?

APÊNDICES B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Saberes Socioambientais e Processos Educativos que orientam a pesca artesanal no Lago do Arari, na Vila de Jenipapo Marajó/Pa

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. A colaboração, neste estudo, de seus relatos escritos som da voz, imagem, caso desista não haverá nenhuma espécie de prejuízo a você.

Muito obrigado!

A proposta em estudo consiste “**Saberes Socioambientais e Processos Educativos que orientam a pesca artesanal no Lago do Arari, na Vila de Jenipapo Marajó/Pa**” .Para realizar esta pesquisa serão realizadas por meio de entrevista, utilizaremos anotação direta ou, se você concordar, com o uso do celular. Poderemos utilizar, também, imagens fotográficas suas tiradas na canoa, nas pontes, com apetrechos de pescaria a fim de evidenciar aspectos sobre a pesca artesanal, na vila de Jenipapo Marajó/Pa

Objetivamos com esta pesquisa A pesquisa tem como objetivo geral: Cartografar os saberes socioambientais e socioeducativos inscritos no cotidiano das práticas de pescadores artesanais no lago Arari pertencente à vila ribeirinha de Jenipapo /Marajó-PA.

objetivos específicos:

- Caracterizar as práticas de pescadores artesanais do Lago Arari na comunidade de Jenipapo;
- Mapear as possíveis mudanças que ocorrem nas práticas de trabalho da pescaria artesanal em face da sazonalidade das condições de pesca no Lago;
- Descrever os processos educativos manifestado pelos pescadores;
- Analisar os saberes e processos educativos construídos nos espaços de pesca artesanal na comunidade de Jenipapo;

No caso de alguma dúvida ou consideração os/as responsáveis pela pesquisa são Cilene Vale dos Santos email: prof.cilenesantos2023@gmail.com a pesquisador(a) responsável pela pesquisa), estudante do curso (Mestrado em Educação), orientada pelo(a) professo (a) Maria das Graças da Silva (orientador da pesquisa),

vinculada a Universidade do Estado do Pará-UEPA , docente da Universidade do Estado do Pará (UEPA) situada na Rua do Una, nº 156, Telégrafo.

Garantimos a retirada do consentimento a qualquer momento, assim como o abandono de participação no estudo sem qualquer prejuízo. As informações serão analisadas e fica garantido o sigilo da identificação dos e das participantes.

Os e as participantes têm o direito de serem mantidos/as atualizados sobre os resultados que sejam do conhecimento das pesquisadoras. Não há despesas pessoais para os e as participantes nem compensação financeira relacionada à sua participação.

Estou ciente do compromisso das pesquisadoras de utilizar dados e o material coletado somente para pesquisa e que poderão ser divulgados em meios científicos (congressos, revistas, artigos, etc.) nacionais e internacionais. Declaro estar suficientemente informado (a) respeito do que li descrevendo este estudo.

Fica claro para todos, quais são as propostas do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confiabilidade e de esclarecimento pertinente. Fica claro também que a participação é isenta de despesas, de compensação financeira e que não oferecem riscos morais, psicológicos, de vida e de saúde.

Eu, _____,
autorizo a utilização dos dados obtidos na realização da dinâmica acima citada, para fins científicos e educacionais, realizada com as estudantes da pesquisa da UEPA, (Nome do aluno pesquisador), estudantes do (xxxxxx) semestre matutino.

Belém, _____ de _____ de 2022.

APENDICE C – GLOSSÁRIO

Cascos: Embarcação miúda com duas velas triangulares e reforçada com embono ('viga de madeira leve') ao longo da borda.

Remansos: porção mais ou menos considerável de água que, no mar ou num rio, penetra em recorte curvo do litoral ou da margem e forma uma espécie de pequena enseada tranquila.

Tipitinga: adjetivo masculino e feminino [Regionalismo: Norte] barrento, turvo, mas esbranquiçado. Etimologia (origem da palavra tipitinga). Do tupi tipítínga, turvo.

Truiras: Significado de Tuíra adjetivo masculino e feminino [Regionalismo: Norte] Pardo, cinzento.

Barreirense: morador do Bairro do Barreiro em Belém/Pa.

Matapis: Armadilha cilíndrica, confeccionada com tala de miriti, utilizada para capturar camarão nos rios da Amazônia.

Cacuri: armadilha feita com talas grandes para capturar peixes.

Malhadeira Rede de pesca: principal apetrecho empregado na pesca pelos ribeirinhos da região Amazônica.

Cacuri: armadilha feita com talas grandes para capturar peixes

Tarrafa:

Vila de Jenipapo: localiza-se no Município de Santa Cruz do Ararí/Campos de Marajó/pa.

Santa Cruz do Ararí: é um município brasileiro do estado do Pará. Localiza-se a uma latitude 00°39'48" sul e a uma longitude 49°10'30" oeste, estando a uma altitude de 6 metros. Sua população estimada em 2016 era de 9.635 habitantes. Possui uma área de 1079,579 km².



**Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Travessa Djalma Dutra s/n – Telégrafo
66113-200 – Belém-PA**